

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS GRADUAÇÃO
MESTRADO EM HISTÓRIA, CULTURA E IDENTIDADES**

LEONILDO JOSÉ FIGUEIRA

**RICHARD FRANCIS BURTON NO BRASIL: UM OLHAR PARA A GUERRA DO
PARAGUAI A PARTIR DE CARTAS DOS CAMPOS DE BATALHA (1865-1869)**

**PONTA GROSSA
2016**

LEONILDO JOSÉ FIGUEIRA

**RICHARD FRANCIS BURTON NO BRASIL: UM OLHAR PARA A GUERRA DO
PARAGUAI A PARTIR DE CARTAS DOS CAMPOS DE BATALHA (1865-1869)**

Dissertação de Mestrado apresentada a Pró
Reitoria de pesquisa e Pós-Graduação em
História da Universidade Estadual de Ponta
Grossa, como exigência parcial para obtenção do
título de Mestre em História, Cultura e
Identidades.

Orientador: Profº Dr. Claudio Luiz DeNipoti

PONTA GROSSA

2016

Ficha Catalográfica
Elaborada pelo Setor de Tratamento da Informação BICEN/UEPG

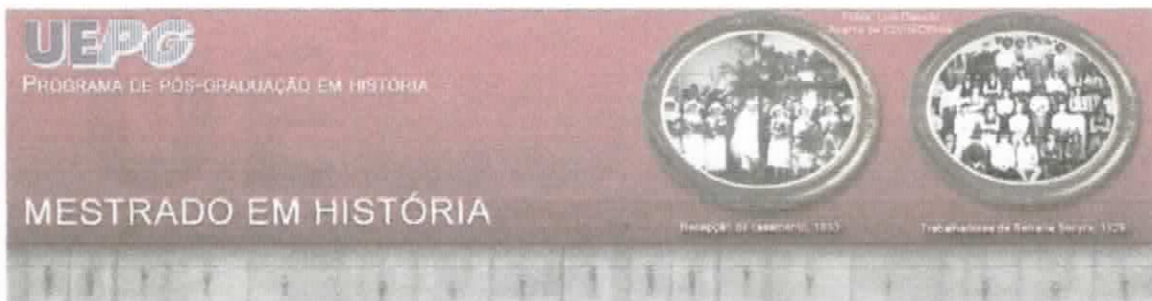
F475 Figueira, Leonildo José
Richard Francis Burton no Brasil
(1865-1869): um olhar para a Guerra do
Paraguai (1865-1870) a partir de cartas
dos campos de batalha/ Leonildo José
Figueira. Ponta Grossa, 2016.
150f.

Dissertação (Mestrado em História -
Área de Concentração: História, cultura e
identidades), Universidade Estadual de
Ponta Grossa.

Orientador: Prof. Dr. Claudio Luiz
DeNipoti.

1.Relato de viajantes. 2.História
intelectual. 3.Guerra do Paraguai.
I.DeNipoti, Claudio Luiz. II.
Universidade Estadual de Ponta Grossa.
Mestrado em História. III. T.

CDD: 981.04



TERMO DE APROVAÇÃO

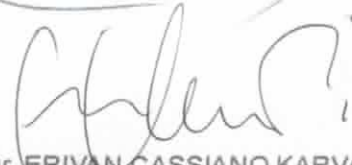
LEONILDO JOSÉ FIGUEIRA

**RICHARD FRANCIS BURTON NO BRASIL :
UM OLHAR PARA A GUERRA DO PARAGUAI A PARTIR DE CARTAS DOS CAMPOS
DE BATALHA (1865 - 1869).**

Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre no Curso de Pós-Graduação em História – Mestrado em História, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Estadual de Ponta Grossa, no dia 18 de agosto de 2016, pela seguinte banca examinadora:


Dr. CLÁUDIO LUIZ DENIPOTI (UEPG) - Orientador


Prof. Dr. CLÓVIS GRUNER (UFPR)


Prof. Dr. ERIVAN CASSIANO KARVAT (UEPG)

Ponta Grossa, 18 de agosto de 2016.

À Edine dos Santos Figueira e
Leopoldino Figueira Neto (*in memoriam*)

AGRADECIMENTOS

Meus agradecimentos vão para aquelas pessoas que de alguma maneira colaboraram para que este trabalho fosse possível. Listar todos é uma tarefa difícil, pois inúmeras pessoas colaboraram, seja com uma palavra, um esclarecimento, uma conversa, uma indicação de texto, etc.

Primeiramente gostaria de agradecer ao Professor Dr. Claudio Luiz DeNipoti por ter acreditado e dado credibilidade ao meu projeto e por ter me orientado, sempre muito disposto, atencioso, foi fundamental na construção desta dissertação.

Ao Professor Erivan C. Karvat pela parceria, pela amizade, pelo incentivo; muito das orientações em trabalhos anteriores estiveram aqui presentes na construção deste.

Ao Professor Marco Antônio Stancic e a Professora Christiane Marques Szesz pelos apontamentos, pelas críticas, pelas indicações de leituras, que com certeza foram fundamentais para o amadurecimento das leituras, do texto e dos conceitos.

A todos os Professores do Programa de Pós Graduação em História, Cultura e Identidades da Universidade Estadual de Ponta Grossa, especialmente os da linha de pesquisa: “Discursos, representações: produção de sentidos”, pelos conhecimentos transmitidos e pelas aulas sempre de muita qualidade.

Ao Professor Clóvis Gruner por ter me permitido realizar o estágio em suas aulas no curso de História da UFPR, com certeza foi uma experiência bastante enriquecedora.

Aos inseparáveis amigos que estiveram ao meu lado durante o curso, pelas viagens, pelos debates, pelos devaneios, pelas angústias que nos fizeram crescer e amadurecer academicamente, especialmente o Vanderley Rocha, a Simone Aparecida Dupla e o Ronualdo Gualiume.

Agradeço também à Anna Mary Guariza que apareceu no lugar certo e no momento certo e teve significativa participação na realização deste trabalho.

Aproveito para agradecer também a minha família, em especial minha mãe Edine dos Santos Figueira, ao Lucas José Figueira, ao Sebastião de Jesus Cordeiro, que sempre me deram apoio e estiveram comigo em todos os momentos, tanto nos momentos bons como nos turbulentos. Lembro aqui também do meu pai, que já não

está mais entre nós, mas que de alguma maneira de deu inspiração e força para lutar e conquistar os objetivos.

O trabalho foi individual, feito por muitas vezes em um escritório fechado, mas considero que jamais estive sozinho. Muito obrigado a todos!

“A história nos ajuda a conhecer quem
somos, por que estamos aqui, que
possibilidades humanas se
manifestaram.”

MARCELINO, 2002.

RESUMO

No século XIX, diversos aventureiros, principalmente europeus, percorreram o território brasileiro, produzindo, inúmeros relatos os quais nos servem de fontes para o estudo da terra, da gente e da natureza da época, uma vez que estas literaturas de viagem tratam da experiência do contato. Tais relatos não são apenas fontes de informações sobre o Brasil, mas apontam para importantes linhas interpretativas da nossa história. Nesse sentido, o presente trabalho pretende abordar um dos mais marcantes intelectuais do século XIX, Richard Francis Burton, nascido em 1821 em Torquay e falecido em 1890 em Trieste. Este viajante viveu numa época de grande importância política para seu país, período de reinado da Rainha Vitória na Inglaterra. Ele foi militar, diplomata, cientista, naturalista, autor, tradutor etc., e um conhecido explorador do continente africano, onde empreendeu ousadas expedições ao lado de John Hanning Speke, estando envolvido nos debates sobre a nascente do Rio Nilo. No Brasil, Burton foi cônsul inglês em Santos entre 1865 e 1869, deixando importantes relatos de viagem, uma importante narrativa sobre a Guerra do Paraguai e sobre o contexto brasileiro da época, sob forma epistolar. As cartas-reportagens de Burton eram endereçadas a um destinatário anônimo “Z ...”; Na obra *Letter From the Battlefield of Paraguay*, publicada em Londres (1870), Richard Burton reuniu 27 missivas, a primeira datada de Montevidéu em 11 de agosto de 1868, e a última escrita em Buenos Aires em 21 de abril de 1869, depois de visitar os campos de batalha por duas vezes (de 15 de agosto a 5 de setembro de 1868 e de 4 a 18 de abril de 1869). Analisaremos a trajetória peculiar desse viajante, bem como seu “lugar social”; seus relatos que vão além da observação pitoresca e nos servem de fonte histórica para estudos sobre a gente, a paisagem, a natureza, as relações sociais, os conflitos, etc. Analisaremos os interesses que motivaram Burton a percorrer o Brasil e a região platina onde se deflagrou a Guerra do Paraguai, bem como suas representações e as relações estabelecidas nesses território.

PALAVRAS CHAVE: Relato de viajantes; História Intelectual; Guerra do Paraguai

ABSTRAT

During the 19th Century, several adventurers, mainly European, roamed the Brazilian territory, producing countless reports which are used as sources for the study of the land, people and nature of the time, since such travel literature deals with the experience of contact. Such reports are not only sources of information about Brazil, but also indicate important interpretative lines of Brazilian history. As such, this work tries to study one of the most noteworthy scholars of the 19th Century, Richard Francis Burton, born in 1821 in Torquay e deceased in 1890, in Trieste. This voyager lived during a very important time in politics for his country, the Reign of Queen Victoria of England. He was a military, diplomat, scientist, naturalist, author translator, and so on, and a known explorer of the African continent, where he involved himself in daredevil expeditions beside John Hanning Speke, being at the center of the debates about the source of the Nile. In Brasil, Burton was the British consul at Santos, between 1865 and 1869, writing several important voyage reports and a narrative on the Paraguayan war and the Brazilian context of the time, in the form of letters, sent to an anonymous character: "Z...". In the work *Letters from the Battlefield of Paraguay*, published in London (1870), Richard Burton gathered 27 letters, the first one written in Montevideo in August 11, 1868, and the last one written in em Buenos Aires in April 21, 1869, after he visited the battlefields twice (from August 17 to September 5, 1868) and from April 4 to 18, 1869). We will analyze the peculiar trajectory of this traveler, as well as his "social place", his reports which go beyond picturesque observation and are historical sources for studies about the people, landscape, nature, social relations, conflicts, etc. We will study the interests he had which made him travel through Brasil and the *Plata* region, where the Paraguayan war took place, as well as his representations and relationships established in these territories.

Key Words: Voyagers reports; Intellectual History; Paraguayan war

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	12
INTRODUÇÃO.....	14
CAPÍTULO I. EXPERIÊNCIA, DISCURSO E TRAJETÓRIA.....	24
1.1. O LUGAR SOCIAL DE RICHARD FRANCIS BURTON	24
1.1.1. A Inglaterra vitoriana e o contexto imperialista	36
1.2. A <i>ROYAL GEOGRAPHICAL SOCIETY</i> E A <i>ANTHROPOLOGICAL SOCIETY OF LONDON</i> COMO CAMPOS DE PRODUÇÃO CIENTÍFICA E CIRCULAÇÃO DE TEXTOS	41
1.3. O NARRADOR E A VIAGEM: UMA DESCRIÇÃO DO BRASIL	41
1.3.1. Burton antes do Brasil	46
1.3.2. Descrições nos planaltos do Brasil	50
1.3.3. Sobre a Natureza e o Rio São Francisco	65
1.4. DO BRASIL À REGIÃO PLATINA	73
1.4.1. Do Rio de Janeiro à Montevideu	73
CAPÍTULO II. AS CARTAS DOS CAMPOS DE BATALHA DO PARAGUAI: TESTEMUNHO, SUBJETIVIDADE E REPRESENTAÇÃO.....	78
2.1. VISITA AOS CAMPOS DE BATALHA DOS RIOS PARAGUAI E URUGUAI	78
2.1.1. O contexto do Paraguai beligerante no relato epistolar de Burton	81
2.1.2. Os jesuítas no Paraguai e os antecedentes de Solano Lopez ao poder	86
2.2. BURTON E SOLANO	92
2.3. O QUE VI DA GUERRA: A PARTICIPAÇÃO BRASILEIRA E OUTRAS DESCRIÇÕES.....	96
CONCLUSÃO	111
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	114
ANEXOS.....	117

ANEXO 01.....	117
ANEXO 02.....	118
ANEXO 03.....	119
ANEXO 04.....	120
ANEXO 05.....	121
ANEXO 06.....	122
ANEXO 07.....	123
ANEXO 08.....	124
ANEXO 09.....	125
ANEXO 10.....	126
ANEXO 11.....	127
ANEXO 12.....	128
ANEXO 13.....	129
ANEXO 14.....	130
ANEXO 15.....	131
ANEXO 16.....	132
ANEXO 17.....	133
ANEXO 18.....	134
ANEXO 19.....	135
ANEXO 20.....	136
ANEXO 21.....	137
ANEXO 22.....	138
ANEXO 23.....	139
ANEXO 24.....	140
ANEXO 25.....	141
ANEXO 26.....	142
ANEXO 27.....	143
ANEXO 28.....	144
ANEXO 29.....	145
ANEXO 30.....	146
ANEXO 31.....	147
ANEXO 32.....	148
ANEXO 33.....	149

ANEXO 34.....150

APRESENTAÇÃO

O objetivo deste trabalho é analisar as cartas dos Campos de Batalhas do Paraguai, escritas por Richard Francis Burton, produzidas no contexto em que ele percorreu regiões do Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai. Não pretendemos necessariamente uma historiografia da Guerra do Paraguai, mas sim refletir a maneira como aquele viajante interpretou o referido conflito e as suas marcas. Verificaremos também as condições que o permitiram interessar-se por este episódio histórico e as representações por ele enunciadas na passagem pelo teatro de operações da Guerra.

Este trabalho visa abordar Richard Burton entre os anos de 1865 e 1869, período em que esteve a serviço do consulado inglês no Brasil. Antes de partir para os outros países beligerantes, o viajante percorreu algumas regiões do Brasil deixando relatos sobre a gente, a geografia, a vegetação entre outras tantas informações. Analisaremos Burton como um viajante, e seus relatos como experiência vivida por um estrangeiro que procurava se relacionar com os grupos com os quais se encontrava e anotava de forma erudita e minuciosa as suas vivências e observações.

Para produzir este trabalho recorreremos aos próprios textos de Richard Francis Burton, tanto sobre o Brasil como sobre os campos de batalha do Paraguai, uma vez que os relatos desse viajante foram publicados. Para abordar e compreender a sua trajetória intelectual recorreremos a alguns biógrafos e alguns trabalhos já produzidos sobre esse viajante. Para justificar a pertinência do trabalho com intelectuais, nos apoiamos principalmente em Pierre Bourdieu¹ e Roger Chartier².

¹ Em linhas gerais Bourdieu assim constrói a noção de *habitus*, sendo este um conhecimento adquirido e também um haver, um capital (de um sujeito transcendental na tradição idealista) o *habitus*, a *hexis*, indica a disposição incorporada, quase postural (...) de um agente em ação... BOURDIEU, Pierre. *O poder Simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002, p. 61.

² A contribuição de Chartier está no conceito de Representação, presente na sua obra. a noção de representação enquanto instrumento teórico-metodológico de análise da história cultural. Segundo o próprio autor: As representações do mundo social assim construídas, embora aspirem à universalidade de um diagnóstico fundado na razão, são sempre determinadas pelos interesses de grupo que as forjam. Daí, para cada caso, o necessário relacionamento dos discursos proferidos com

É importante destacar que a História intelectual passou por momentos de rejeição entre os historiadores dos *Annales*, talvez pela orientação que lhe deu sustentação ainda no século XIX. No entanto, os intelectuais como objeto de estudo passou por um revigoração e valorização que culminaram em novas abordagens a partir da Nova História Política e mesmo pela Nova História Cultural. Dessa maneira, refletir a Historiografia francesa no século XX pode auxiliar-nos na compreensão da própria história da História Intelectual ou História dos Intelectuais; para, assim, nos voltarmos ao estudo do viajante inglês Sir Richard Burton verificando suas concepções, seus relatos, suas leituras, seu lugar social.

De maneira mais sistemática, dividimos este trabalho em duas etapas, sendo a primeira uma contextualização dos espaços de Burton, pensando a sua trajetória intelectual e seu lugar na Inglaterra, especialmente como membro das ditas importantes instituições científicas da Inglaterra do século XIX, que eram a *Royal Geographical Society* e a *Anthropological Society of London*. De certa maneira tais instituições foram importantes no que diz respeito à legitimação do trabalho e dos escritos de Burton. Depois de tratar brevemente de sua experiência em expedições pelo continente africano e asiático, abordamos a chegada de Burton ao Brasil na condição em que fora indicado como Cônsul Britânico em Santos; período em que ficou de 1865 à 1869. Nesse tempo, em serviços diplomáticos no Brasil, Burton percorreu regiões do país, descrevendo povos, mapeando a geografia, etc., e em determinado momento interessou-se em visitar Argentina, Uruguai e Paraguai, onde

a posição de quem os utiliza. (...) As percepções do social não são de forma alguma discursos neutros: produzem estratégias e práticas (sociais, escolares, políticas) que tendem a impor uma autoridade à custa de outros, por elas menosprezados, a legitimar um projeto reformador ou a justificar, para os próprios indivíduos, as suas escolhas e condutas. Por isso esta investigação sobre as representações supõe-nas como estando sempre colocadas num campo de concorrências e de competições cujos desafios se enunciam em termos de poder e dominação. As lutas de representações têm tanta importância como as lutas econômicas para compreender os mecanismos pelos quais um grupo impõe, ou tenta impor, a sua concepção do mundo social, os valores que são seus, e o seu domínio. Ocupar-se dos conflitos de classificações ou de delimitações não é, portanto, afastar-se do social – como julgou uma história de vistas demasiado curtas –, muito pelo contrário, consiste em localizar os pontos de confronto tanto mais decisivos quanto menos imediatamente materiais. CHARTIER, Roger. *A história Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, s/d, p. 17.

coletou raras e importantes informações que nos servem para analisar as causas e hostilidades da Guerra do Paraguai.

Na segunda parte do trabalho entramos mais a fundo na análise das cartas escritas a partir dos campos de batalha do Paraguai. Se no primeiro momento contextualizamos o autor, localizando-o em seu tempo e espaço e ainda da sua chegada ao Brasil e suas impressões, agora já partimos para a análise do seu discurso acerca dos países envolvidos no conflito conhecido como Guerra do Paraguai. Verificaremos as suas cartas-reportagens como nossa principal fonte de pesquisa, aquela que nos permitirá ver suas representações, seus conceitos e o que ele próprio, no papel de viajante, aventureiro, viu da Guerra, especialmente a partir do contato com pessoas que participaram ou sentiram as marcas do maior conflito bélico da América do sul.

Temos consciência de que a literatura de viagem não tem o compromisso com os critérios acadêmicos e científicos, tampouco com procedimento da escrita historiográfica, mas a partir de relatos como o de Richard Burton podemos perceber o contexto de uma época e também as particularidades dos espaços por ele visitados. E é nessa tentativa de escrever, narrar o que sente, percebe e vê que o viajante decifra, esboça, supõe e expõe importantes detalhes de uma vida cotidiana.

Faz-se necessária uma percepção do papel do relato, do diário de viagem, da leitura de mundo do viajante na construção ou na identificação da representação; da mesma forma que as leituras realizadas por Burton produziram sentido, nós, ao lê-lo produzimos da mesma maneira. Nessa perspectiva, Chartier nos esclarece que “todo o trabalho que se propõe identificar o modo como as configurações inscritas nos textos, que dão lugar a séries, construíram representações aceitas ou impostas do mundo social, não pode deixar de subscrever o projeto e colocar a questão, essencial, das modalidades da sua recepção”.³

Ao final tentaremos propor uma conclusão a partir das discussões teóricas que serão discutidas e instrumentalizadas ao longo do trabalho, jamais pretendendo esgotar as possibilidades de análises, mas apontando para uma significativa contribuição para a discussão acadêmica em torno da temática.

³³ CHARTIER, Roger. *A História Cultural: Entre Práticas e Representações*. Lisboa: DIFEL, 1990. p. 24.

INTRODUÇÃO

Em um relato de viagem, são narradas as experiências do autor, de acordo com a sua vivência, as relações construídas, seus interesses, etc. Tal narrativa é fruto da percepção de uma realidade, que precisa ser relativizada pelo trabalho historiográfico. Interpretar o olhar do viajante pode nos orientar em análises mais amplas, para além da própria biografia do autor, sobre a percepção do tempo e do espaço bem como o entendimento do contexto ao qual o autor está situado.

Dessa maneira, atentar para a percepção do viajante, sensível aos mecanismos por ele utilizados implica em apreender suas experiências como sendo representações produzidas coletivamente, de modo que trata-se da atribuição de sentido a uma dada realidade. Por não serem discursos neutros, as representações nos revelam autoridades, escolhas, concepções, estratégias, conflitos, etc. Partindo desse pressuposto, a narrativa produzida por Richard Francis Burton (1831-1890) exprime a maneira como ele sentia e classificava a realidade a qual experimentava; assim como, em seus relatos ressoavam suas excentricidades, sua postura como viajante inglês, curioso, erudito, aventureiro, e viajante-escritor.

Abordaremos de maneira analítica a sua trajetória em especial o período entre 1865 e 1869, no qual exerceu a função de Cônsul inglês na cidade de Santos. Nesse período Burton produziu importantes relatos sobre o Brasil da época e sobre o Paraguai no contexto da Guerra deflagrada entre este país e Brasil, Argentina e Uruguai. Logo depois que partiu para a Inglaterra seus diários de viagem foram publicados, sob o título *Explorations of the Highlands of Brazil*.⁴ Publicada em Londres, no ano de 1869 a obra trata das viagens de Burton pelo interior do Brasil, bem como suas impressões acerca da flora, fauna, a geografia e as populações.⁵

⁴⁴ BURTON, Richard Francis (1869) *Explorations of the highlands of the Brazil with a full account of the gold and diamond mines*. London: Tinsley Brothers. (Replica Edition by Adamant Media Corporation, 2003).

⁵ Em português existem duas traduções dessa obra, a primeira assinada por Américo Jacobina Lacombe, editada em 1941 pela Companhia Editora Nacional, na série Brasileira, com uma reedição feita em 1983 com o nome de *Viagens aos Planaltos do Brasil* em três volumes. O primeiro volume tem o título *Do Rio de Janeiro ao Morro Velho*; o segundo é intitulado *Minas e os Mineiros*; o terceiro é intitulado *O Rio São Francisco*. Outra tradução é de David Jardim Junior, publicada em 1976 pela

A análise da obra de Burton sobre o Brasil mostra-se pertinente e interessante por se tratar de um viajante que percorreu as serras de Minas Gerais e navegou pelo Rio São Francisco até o mar, durante um período de mudanças sociais, políticas e econômicas do Brasil, com o refluxo econômico da exploração mineradora, numa narrativa detalhista de notável erudição. Burton também apresentou um olhar científico sobre as riquezas naturais, sobre os costumes, a cultura, a organização social dos povos.

Além das viagens ao interior do Brasil, Richard Burton percorreu os Campos de batalha no Paraguai, onde teve a oportunidade e a curiosidade de conversar com soldados, generais, pessoas do povo e fazer observações sobre aquilo que percebia, naquele teatro de operações do maior conflito da América Latina. Tal experiência resultou na escrita algumas cartas-reportagens, que eram endereçadas a um destinatário anônimo “Z ...”, em Londres, na Inglaterra. Essas epístolas resultaram na obra *Letter From the Battlefield of Paraguay* ⁶, publicada em Londres (1870), na qual são reunidas 27 missivas, a primeira datada de Montevideu em 11 de agosto de 1868, e a última escrita em Buenos Aires em 21 de abril de 1869, depois de visitar os campos de batalha por duas vezes (de 15 de agosto a 5 de setembro de 1868 e de 4 a 18 de abril de 1869).

Mary Pratt em sua obra *Os olhos do Império*, procura tratar as regiões colonizadas ou visitadas como locais de mediação do conhecimento, ou de local de produção de um conhecimento relacional. Em outras palavras, ao mesmo tempo em que a metrópole determina a periferia, esta também pode determinar a metrópole; não é apenas o colonizador ou o visitante quem estabelece, propõe, impõe e determina, mas aquele que é visitado também assume o papel de determinar, propor, resignificar, etc. O lugar e a maneira como tais trocas acontecem, são chamados por Pratt de zona de contato.

Uma perspectiva de contato põe em relevo a questão de como os sujeitos são constituídos nas e pelas relações entre colonizadores e colonizados, ou viajantes e visitados, não em termos de separação ou segregação, mas em termos de presença comum, interação, entendimentos e práticas interligadas frequentemente dentro de relações assimétricas de poder.⁷

editora Edusp na coleção Reconquista do Brasil, dividida em dois volumes, sendo eles: *Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho* (1976) e *Viagem de canoa de Sabará ao Oceano Atlântico* (1977).

⁶ BURTON, RICHARD F. *Letters from the Battlefields of Paraguay*. Tinsley Brothers: London. 1870

⁷ PRATT, Mary. *Os olhos do império relatos de viagem e transculturação*. Bauru: Edusc, 1999. p. 32

Nesse sentido, os relatos de viagem de Burton serão pensados dentro dessa troca cultural, dessa relação que não é necessariamente impositória aos povos com os quais ele teve contato, mas sim impressões e relatos que surgem da interação. Ao analisar relatos de viagem como um gênero textual, acabamos nos opondo àquela pesquisa e leitura do viajante de gabinete, entrando profundamente no espírito e nas experiências vivenciadas pelo próprio viajante. Sússekind menciona ainda que “é também no 'ter viajado' que parece residir a maior confiabilidade de quem narra ou coleciona casos, aventuras”.⁸ Por esse motivo e trajetória de Burton e os seus relatos nos são pertinentes e são tratados aqui como principais fontes de análise e pesquisa.

De maneira teórica, este trabalho colabora com as mudanças pela qual a historiografia vem passando desde a década de 1970, em que os intelectuais passam a ganhar espaço como objeto de estudo, fugindo daquilo que Jean-François Sirinelli chamou de “ângulo morto”. A história intelectual como nova abordagem parece ser um dos resultados de mudanças que estão ocorrendo na historiografia, a partir de constantes debates que vêm ampliando gradativamente, no interior do mundo acadêmico.

Os diários de viagem assumem importância por passarem a ser objetos de pesquisa e também por revelarem pelos seus textos, aquelas camadas sociais, aqueles aspectos que tampouco seriam estudados. Os relatos de viajantes, como é o caso de Burton, contribuem para a “construção de um panorama das estruturas sociais e econômicas desse cotidiano fornecendo elementos que explicam questões a cerca dos grandes temas como a economia, a política e a cultura de um determinado espaço geográfico em um determinado tempo”⁹.

Segundo Fernando Cristóvão a Literatura de Viagens pertence a um subgênero literário, no sentido ser uma modalidade, interdisciplinar, do gênero narrativo, desse ponto de vista o autor nos esclarece que:

Por Literatura de Viagens entendemos o subgênero literário que se mantém vivo do século XV ao final do século XIX, cujos textos, de carácter

⁸ SÜSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui: O narrador; a viagem*. São Paulo: Companhia das Letras. 1990. p. 80

⁹ CONFORTO, Marília. *A pena, o pincel e o papel: Viajantes e viagens no Rio Grande do Sul do século XIX. Agora, revista eletrônica*, Caxias do Sul, issn 18094589, 2000. p. 44-60

compósito, entrecruzam Literatura com História e Antropologia, indo buscar à viagem real ou imaginária (por mar, terra e ar) temas, motivos e formas. E não só à viagem enquanto deslocação, percurso mais ou menos longo, também ao que, por ocasião da viagem pareceu digno de registro: a descrição da terra, fauna, flora, minerais, usos, costumes, crenças e formas de organização dos povos, comércio, organização militar, ciências e artes, bem como os seus enquadramentos antropológicos, históricos e sociais, segundo uma mentalidade predominantemente renascentista, moderna e cristã.¹⁰

Para Cristóvão, “os textos de Literatura de Viagens são interdisciplinares, pois entrecruzam-se com a História, a Antropologia e a ficção, revelando um olhar do viajante que configura uma imagem sobre o espaço e a cultura do outro”.¹¹ De maneira que “a viagem não é entendida apenas enquanto percurso mais ou menos longo e dificultoso, mas necessariamente inclui o que pareceu digno de registro devido à novidade e ao raro testemunho”.¹²

Os testemunhos de Burton, seus relatos e principalmente as cartas dos campos de batalha nos revelam muito sobre as causas, o desenrolar, as hostilidades, os personagens, os depoimentos dos que participaram da Guerra do Paraguai, entre outros aspectos. Todavia, é preciso destacar que estudar o conflito na atualidade, demanda alguns cuidados básicos; o fato histórico (a guerra 1864-1870) já aconteceu e, para abordá-la, precisamos voltar ao passado, este que se apresenta como objeto de estudo da história. Se a existência do conflito é certa a todos os autores, o que se discute ao comparar diferentes escritas, é a maneira como cada autor trata os acontecimentos e, ainda, os interesses que nortearam as pesquisas. Nesse sentido,

O historiador nessa perspectiva reconstrói os acontecimentos das histórias vividas, da história do tempo presente - o momento imediato -, informando aos leitores o esquema interpretativo, demonstrando conjuntamente o procedimento narrativo, a forma de construir e organizar o discurso histórico, evidenciado o seu “estilo” na afirmativa de Peter Gay, a “trama” na concepção de Paul Veyne ou na proposição de Hayden White a “urdidura

¹⁰ CRISTÓVÃO, Fernando. *Para uma Teoria da Literatura de Viagens*. In: CRISTÓVÃO, Fernando (Org). *Condicionantes Culturais da Literatura de Viagens – Estudos e Bibliografias*. Coimbra: Almedina, 2002. p. 35

¹¹ CRISTÓVÃO, F. op. Cit. p. 35, apud ROMANO, Luis Antônio Contatori. *Viagens e viajantes: uma literatura de viagens contemporânea*. *Estação Literária Londrina*, Volume 10B, p. 33-48, Disponível em: <http://www.uel.br/pos/letras/EL>. Acessado em: 10 de Novembro de 2015

¹²¹² Idem. p. 36

do seu enredo”, e a transparência dos recursos metodológicos e teóricos empregados.¹³

A temática contemplada por esta dissertação ganha pertinência quando pensamos a possibilidade de aumentar os horizontes da pesquisa, ao não desconsiderar as produções historiográficas brasileiras sobre o conflito, mas propor uma análise do viajante Richard Burton, refletindo a maneira como ele trata do exótico; analisando seu discurso, sua posição consular, sua visão enquanto explorador, suas excentricidades entre outros aspectos. Sabemos que a história é uma narrativa de acontecimentos apresentando inúmeras variações em seus relatos, como já afirmava Paul Veyne. Nesse sentido podemos ter o estudo da Guerra do Paraguai, assim como qualquer outra temática, vista de vários ângulos e analisada por diferentes métodos.

No Brasil muitos e diferentes autores escreveram e escrevem sobre o conflito conhecido como Guerra do Paraguai, ocorrido entre os anos de 1864 e 1870, e cada um utiliza-se de meios que lhes são particulares. De modo geral a Guerra do Paraguai teve três versões predominantes na historiografia brasileira: A primeira é a versão oficial (logo depois da Guerra); depois a versão revisionista (a qual a partir de 1970, viria a contrapor a historiografia oficial); e na década de 1990 alguns autores propuseram uma nova visão (opondo-se ao revisionismo).

Um dos marcantes escritores da Guerra do Paraguai no Brasil foi Júlio José Chiavenato, que no ano de 1979 escreveu *Genocídio Americano: A Guerra do Paraguai*; muito se interessava em estudar a América do Sul; tanto que em 1971, percorreu grande parte dos países da América do sul acreditando que só seria possível escrever corretamente a história desses povos através do contato direto com sua realidade.

No contexto de produção de sua obra, Chiavenato fazia parte de uma corrente revisionista da história, a qual se empenhava em dar novas interpretações aos fatos, em outras palavras, contestava diversas versões da história. O autor rejeita as interpretações anteriores a ele, sobre a Guerra do Paraguai, designando-as como “distorcivas”, “mentirosas” e “manipuladoras”. Afirma ainda que os

¹³ SANTOS, Zeloí Ap. Martins dos. *A arte de escrever cartas: a experiência com as fontes*. Disponível em:

http://www.fap.pr.gov.br/arquivos/File/Arquivos2009/Extensao/I_encontro_inter_artes/26_Zelo dos Santos.pdf. Acessado em: 05 de dezembro de 2015.

historiadores oficiais do Brasil tomavam uma posição patriótica e monárquica e por isso jamais escreviam algo que enunciasse outra face do conflito. Chiavenato se refere a estes historiadores enfatizando que:

Quem quiser abordar a Guerra do Paraguai com uma visão crítica, sem vícios pseudonacionalistas, correrá o risco de ser “excomungado pelos remanescentes do xenofobismo que o Império nos legou e que, ainda hoje, detém o poder de fato para reprimir ou denunciar como impatriota toda a verdade que não lhes agrade ou não lhes sirva, mesmo que essa carga de verdade seja irrespondível, indesmentível e fartamente documentada.¹⁴

Através de um discurso narrativo, Chiavenato se contrapõe à visão oficial,¹⁵ (também chamada por ele como historiografia monarquista) e se compromete a mostrar as causas e a repercussão da Guerra do Paraguai de modo a renegar uma posição nacionalista que existia até então¹⁶. A obra de Chiavenato foi muito bem aceita pelos leitores brasileiros especialmente por se tratar de algo novo, enunciando uma interpretação diferente, com afirmações jamais feitas até então. Quanto ao contexto sociopolítico no qual Chiavenato produziu sua obra, tratava-se de um período de perseguição política, da qual o próprio autor sofreu, tendo que inclusive sair do país. Analiticamente, podemos afirmar que era um cenário propício

¹⁴ CHIAVENATO, Julio José. *Genocídio Americano: A Guerra do Paraguai*. Editora Brasiliense, 24^o ed. P. 10

¹⁵ A dita visão oficial foi aquela proposta especialmente por militares, que objetivaram enaltecer a participação dos militares brasileiros na Guerra do Paraguai. Talvez o Visconde de Taunay tenha sido o mais importante nome dessa corrente historiográfica.

¹⁶ Obra de Visconde de Taunay *A Retirada de Laguna: O episódio da Guerra do Paraguai* foi publicada em 1872; o autor participou do conflito como tenente do Corpo de Engenheiros do Exército. Formado em Ciências Físicas e Matemáticas, largou a vida militar ainda no posto de major para se dedicar à Política, às Letras, às Artes e ao Jornalismo; foi, também, membro do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro (IHGB) e membro fundador da Academia Brasileira de Letras. A obra de Taunay foi um clássico da literatura brasileira que narra a tentativa de invasão do Paraguai a partir de província de Mato Grosso e sua retirada acometida de várias doenças. A referida obra demonstra claramente sua postura nacionalista de modo a influenciar as gerações futuras com o enaltecimento da bravura e dos atos heroicos dos homens brasileiros, em defesa da pátria. O líder paraguaio é descrito como um homem inconstante e ambicioso que desejava o confronto com o Brasil a qualquer custo.

para o sucesso editorial. Numa época em que o Brasil vivia uma ditadura militar¹⁷, escrever uma história antimonarquista com fortes críticas aos heróis militares foi uma forma de protesto em relação a tal regime; outro fator que podemos considerar é o fato de Chiavenato ser adepto ao Comunismo, fato este que contribuía para a característica contestatória assumida pela sua obra.

Entre as maiores afirmações de Chiavenato está a de que a guerra foi causada especificamente por motivos econômicos, quando a maior interessada na realização do conflito era a Inglaterra, ou melhor, o imperialismo inglês. Este teria manipulado e financiado o conflito que envolveu Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai.

Durante mais de cem anos pairou uma onda de mentiras sobre a Guerra do Paraguai. Junta-se a essa onda de mentiras um silêncio criminoso, procurando ocultar de todas as formas possíveis o que foi aquela guerra, o que representou para os povos envolvidos e principalmente, como, por sua causa, o Brasil e a Argentina (levando o Uruguai de contrapeso) ficaram definitivamente colonizados pelo capital Inglês.¹⁸

É nesses moldes que segue o raciocínio de Júlio José Chiavenato no estudo do conflito, o tempo todo se mostrando contrário aos historiadores imperiais e monarquistas.

¹⁷ Ditadura militar (1964 – 1985): Em linhas gerais, trata-se de um período da história política brasileira em que militares tomaram o poder e conduziram o país. Foi uma época marcada pela implementação de Atos Institucionais que visavam a prática de censura, perseguição política, repressão, supressão de direitos constitucionais e uma postura antidemocrática com aqueles que contrariassem o regime. A Ditadura no Brasil, na prática, teve início com o golpe militar de 31 de março de 1964 em que o Marechal Humberto Alencar Castelo Branco tomou o poder do então presidente da República João Belchior Marques Goulart. Os militares alegavam que havia uma ameaça comunista no Brasil, que precisava ser coibida. Esta Ditadura Militar durou até 1985 com a eleição de Tancredo de Almeida Neves. Entretanto alguns Historiadores, como Carlos Fico, defendem que o Golpe de 64 não inaugura a Ditadura, sendo que esta já havia sido gestada muito tempo antes e trata-se de um longo processo a ser entendido. Suas origens remontam a renúncia do presidente Jânio Quadros e toda a movimentação que envolveu a posse do seu vice-presidente, o já citado, João Goulart, Estaria, portanto, o golpe, ligado a uma espécie de autoritarismo presente em determinados setores da sociedade brasileira. Ver mais: FICO, Carlos. *Além do Golpe: Versões e controvérsias sobre 1964 e a Ditadura Militar*. Editora Record - 2004.

¹⁸ CHIAVENATO, J.J. Op. Cit. p. 9

Anos depois da publicação de Chiavenato, o historiador Francisco Doratioto produziu sua obra acerca da Guerra do Paraguai. Durante 15 anos, esse autor debruçou-se sobre arquivos, livros, e diversos documentos, para, em 2002, produzir a obra *Maldita Guerra*, a qual resultava de uma pesquisa iniciada em 1980. Segundo Doratioto, a corrente revisionista, que começava a ganhar espaço na década de 1970, rejeitava a investigação a partir de fontes primárias, desconhecia as buscas inerentes à boa pesquisa, trabalhando apenas em cima de livros e periódicos. A forte oposição de Doratioto explica-se devido ao fato de, principalmente, tal metodologia ser alheia ao ofício do historiador, com rigor metodológico que lhe é peculiar e geralmente desconhecido pelo público leitor interessado em História:

Genocídio Americano ensinou a grande geração de estudantes brasileiros (...) essa teoria conspiratória vai contra a realidade dos fatos e não tem provas documentais (...) tanto a historiografia conservadora quanto o revisionismo simplificaram as causas e o desenrolar da Guerra do Paraguai ao ignorar documentos e ao anestesiar o senso crítico.¹⁹

Para Francisco Doratioto, o revisionismo histórico, de certa forma, impulsionou-o na pesquisa sobre a Guerra do Paraguai, pois, embora se proponha a desmistificar a história da Guerra, acaba construindo diversas afirmações que são polêmicas e por se tratar de uma pesquisa que desconhece a existência de uma fundamentação teórica.

Na produção de *Maldita Guerra: uma nova luz sobre a Guerra do Paraguai*, publicada em 2002, Doratioto pretende desconstruir as visões equivocadas que, segundo ele, existiam até então a respeito do conflito, e tratar os verdadeiros motivos que ocasionaram a Guerra do Paraguai. Logo de início, o autor enfatiza a importância de se fazer uma pesquisa baseada em fontes primárias e, que é importante ter conhecimento do verdadeiro ofício do historiador na realização de uma pesquisa.

Assim como Júlio José Chiavenato, Francisco Doratioto também se contrapõe à visão dos historiadores oficiais, seguindo o princípio de que após a guerra em 1870, a historiografia tradicional brasileira reduziu a importância do aliado

¹⁹ DORATIOTO, Francisco. *Maldita guerra: nova história da Guerra do Paraguai*. São Paulo: Companhia das Letras, 2002. p. 19-20.

argentino para a vitória sobre Solano Lopez e minimizou, quando não esqueceu, importantes críticas às atuações de chefes brasileiros no conflito.²⁰

Ao longo de *Maldita Guerra*, Doratioto procura apresentar vários equívocos tratados pelo revisionismo histórico, em especial pela obra de Chiavenato, que esteve presente em todos os livros didáticos, paradidáticos e também nas academias. Entre tais equívocos estão o fato da Inglaterra ter interesse na destruição do Paraguai; também o fato do país guarani ser apontado como progressista e de uma economia autônoma, sendo que na verdade era um país de uma economia rural tão atrasada quanto seus vizinhos. Outro contraponto está relacionado ao fato de Solano Lopez ser considerado um herói da resistência paraguaia.

Para Doratioto, a partir de 1960 alguns “intelectuais de esquerda do Rio da Prata promoveram Solano Lopez a líder antiimperialista”.²¹ Ainda, segundo esse autor:

Esse revisionismo que, com o tempo, descambou para posturas populistas, apresenta o Paraguai pré-guerra como um país progressista, onde o Estado teria proporcionado a modernização do país e o bem estar de sua população fugindo à inserção da economia capitalista e à subordinação à Inglaterra. Por essa explicação, Brasil e Argentina teriam sido manipulados por interesses britânicos para aniquilar o desenvolvimento autônomo paraguaio.²²

Embora possuam pontos de vista distintos, ambos os autores produziram, em seu tempo, um conhecimento acerca da Guerra do Paraguai. Ambos estão localizados em um “lugar social” distinto, o que permitiu práticas diferentes e uma escrita que revela distintos interesses e motivações. Haja vista que todo aquele que escreve pretende oferecer um ponto de vista novo e mais abrangente; Muitos carregam consigo a ideia de que seu ponto de vista é único, definitivo, construídos em bases objetivas e científicas, desvalorizando assim as interpretações feitas anteriormente, e consequentemente designando-as como equivocadas ultrapassadas ideológicas e etc., ignorando a condição temporal em que se deu a sua elaboração.²³

²⁰ DORATIOTO. Op. Cit. p. 18

²¹ Idem p. 19

²² Idem p. 19

²³ REIS. Op. Cit. p. 11

Salientamos que não existem métodos definitivos nem teorias definitivas que apresentem a verdade absoluta da história, uma vez que o presente como ponto de observação ou investigação do passado, muda com a sucessão do tempo. Assim, o que se tem são apenas visões parciais do passado, pensamentos que estão assentados sobre um ponto de vista que é particular.

Conforme afirma Ana Maria Belluzzo, “as obras configuradas pelos viajantes engendram uma história de pontos de vista, de distâncias entre modos de observação, de triangulações do olhar”.²⁴ Dessa maneira, mais do que a vida e a paisagem, “exigem que se focalize a espessa camada da representação”²⁵ uma vez que elas evidenciam mais versões do que fatos. Ainda nas palavras de Beluzzo,

A questão dos diferentes pontos de vista permanece atual, na medida em que persiste o discurso sobre o aqui e o lá, revestido do debate entre o centro e as margens, e na medida em que se reafirma a condição intercultural, como qualidade inerente ao conjunto estudado.²⁶

As cartas de Burton sobre os campos de batalha do Paraguai e seus relatos de viagem sobre o Brasil não se sobreporão à historiografia, ou vice-versa. Como já esclarecemos anteriormente trata-se de trabalhos diferentes, produzidos com distintas motivações. Conforme afirmava Ana Luíza Janeiro

A viagem alarga-se para o horizonte fora do simples passeio, contém uma potência de liberdade à margem do aspecto repetitivo do itinerário, foge a fluidez precária e quase desmensurada da travessia desejada, e não percorre um trajeto costumeiro, feito de locais a atingir e ultrapassar.²⁷

Analisar o viajante Burton partindo solhar percebemos que numa pesquisa se faz necessário os filtros e características que permeiam tal prática. Em outras palavras, estudar o viajante não é depara-se com uma verdade inquestionável, nem pensar ou decidir ou falar por ele, mas de acordo com Chartier

Ao invés de substituímos em imaginação os primitivos que estudamos, e de fazê-los pensar como nós pensaríamos se estivéssemos em seu lugar, o

²⁴ BELUZZO, A. M. de M. *A propósito d'O Brasil dos viajantes*. Revista USP, nº 30, Dossiê Brasil Viajantes, p 8-19, jun.-ago. 1996.

²⁵ BELUZZO. Op. Cit. p. 10

²⁶ Idem. p. 10

²⁷ JANEIRO, Ana Luíza. *Viagem Filosófica pelo espaço-tempo dos Jardins Botânicos*. IN: ALFONSO GOLDFARD, Ana Maria; MAIA, Carlos A. *História da ciência: o mapa do conhecimento*. Rio de Janeiro, RJ: Expressão e Cultura, 1996. p. 554

que só pode nos levar a hipóteses prováveis e quase sempre falsas, esforcemo-nos, ao contrário, para nos prevenir contra nossos próprios hábitos mentais e tratemos de descobrir os dos primitivos por meio da análise de suas representações coletivas e das ligações entre essas representações.²⁸

Nas palavras de Alain Corbin “não há outro meio de conhecer os homens do passado a não ser tomando emprestado os seus olhares vivendo suas emoções”²⁹. O viajante Richard Francis Burton nos permitirá comparar relatos, afirmações, tanto em relação às terras brasileiras, a mineração, o trabalho escravo como também a Guerra do Paraguai a partir da análise de suas missivas.

²⁸ CHARTIER, Roger. *À beira da falésia: a história entre certezas e inquietude*. Porto Alegre: UFRGS, 2002. p. 30-31

²⁹ CORBIN, Alain. *O território do vazio, a praia e o imaginário ocidental*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989. p. 07

CAPÍTULO I. EXPERIÊNCIA, DISCURSO E TRAJETÓRIA

1.1. O LUGAR SOCIAL DE RICHARD FRANCIS BURTON

Um personagem multifacetado que tem marcado na sua trajetória um contexto de diversas transformações políticas, sociais, econômicas, filosóficas e científicas, Richard Francis Burton viveu o século XIX, especificamente entre 1821 e 1890, período crucial para a história de seu país, a chamada Era Vitoriana na Inglaterra. Compreender a criação de Burton, bem como a formação de sua personalidade desde criança, será um bom ponto de partida para compreendermos seus conceitos, sua trajetória e seu papel enquanto viajante, explorador, diplomata, cientista, escritor, tradutor, entre outras características, funções e habilidades desenvolvidas ao longo de sua existência.

Faz-se necessário aqui pensar Burton a partir do conceito de *habitus* proposto por Bourdieu, o qual cabe aqui como um instrumento que nos auxilia a compreender uma trajetória. O *habitus* surge aqui da necessidade empírica de apreendermos as afinidades, os limites, o comportamento, as características e as relações produzidas por Richard Burton bem como as estruturas que o condicionaram socialmente. Para o próprio Bordieu o *habitus* é compreendido como

um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações – e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências analógicas de esquemas.³⁰

Pensar a trajetória de Richard Francis Burton implica em refletirmos a relação entre o indivíduo e a sociedade, bem como o contexto ao qual ele está inserido, de modo que o individual, o pessoal, o subjetivo são coletivamente orquestrados por serem simultaneamente sociais. O *habitus* nos ajuda a recuperar a noção ativa dos sujeitos nos processos históricos, e como as trajetórias individuais são construídas em condições sociais específicas revelando condicionamentos em espaços distintos, seja a família, a escola, o trabalho, os grupos, o Estado, a cultura e as mais diversas experiências.

As experiências se integram na unidade de uma biografia sistemática que se organiza a partir da situação originária de classe, experimentada num tipo determinado de estrutura familiar. Desde que a história do indivíduo

³⁰ BORDIEU, Pierre. *Sociologia*. (organizado por Renato Ortiz). São Paulo: Ática. 1983. p. 65

nunca é mais do que uma certa especificação da história coletiva de seu grupo ou de sua classe, podemos ver nos sistemas de disposições individuais variantes estruturais do *habitus* de grupo ou de classe [...]. O estilo pessoal, isto é, essa marca particular que carregam todos os produtos de um mesmo *habitus*, práticas ou obras, não é senão um desvio, ele próprio regulado e às vezes mesmo codificado, em relação ao estilo próprio a uma época ou a uma classe.³¹

Richard Francis Burton era filho de Joseph Burton, de ascendência irlandesa que ocupava a posição de tenente-coronel no exército inglês, e de Martha Baker, ambos nascidos na Inglaterra. Segundo Edward Rice, a família de Martha Baker tinha dinheiro, pois “trouxo como dote 30 mil libras, quantia que era paga em parcelas”³². O nome do filho, nascido em 19 de março de 1821, derivou-se do nome do Pai de Martha e do Irmão do coronel Burton. Rice descreve os traços da criança, nascida no dia de São José: “tinha cabelo ruivo, olhos azuis e tez clara, mas ao crescer, esses traços anglo saxões desapareceram para dar lugar ao famoso ar cigano, olhar cigano”.³³

Segundo Edward Rice, logo na época do nascimento de Richard Burton, após problemas com rendeiros irlandeses, a vida na Inglaterra não parecia mais tão interessante e vantajosa, o que fez com que a família Burton se mudasse para uma região da França, especificamente para o vale do Loire, “para um velho castelo em Tours, onde existia uma pequena colônia e escola inglesa”³⁴. Foi nessa cidade que a família Burton aumentou, com o nascimento em agosto de 1823 de Maria Catherine Eliza e, em agosto de 1824, de Edward Joseph Netterville.

As crianças ficavam sob a tutela dos empregados enquanto o coronel Burton e Martha desfrutavam da vida social naquela colônia inglesa. Em meio a um ensino composto por desenho, música, dança entre outros indispensáveis para damas e cavalheiros ingleses do século XIX, a predileção do pequeno Richard, desde que começou a andar, eram as armas, o que já fora demonstrado desde que ganhou sua primeira espingardinha de pressão e espadas feitas em madeira e latão.

³¹ BORDIEU. Op. Cit. P. 80-81

³² RICE, Edward. *Sir Richard Francis Burton: o agente secreto que fez a peregrinação a Meca, descobriu o Kama Sutra e trouxe As mil e uma noites para o Ocidente*. São Paulo, Cia das Letras, 1991. p. 27

³³ RICE, Op. Cit. p. 27

³⁴ Idem p. 27

Burtonviajando constantemente, já nos primeiros anos, entre França, Itália e Inglaterra, o que dificultava a sua formação escolar. Mais tarde, já numa posição diplomática ele reclamaria de uma formação deficitária na infância.

O caráter violento de Burton seria mostrado logo aos cinco anos de idade, por ter pretendido matar o porteiro por ter caçoado de suas armas de brinquedo. Mesmo seu pai tendo contratado várias moças e rapazes para cuidar de seus filhos (no caso, Richard e seu irmão Edward) para mantê-los disciplinados, pouco adiantava. Quando a babá os levava para passear os garotinhos a derrubavam e pulavam em cima dela com suas botinhas. Rice transcreve um trecho em que o próprio Richard F. Burton narra aspectos de sua infância: “Nós, os meninos, viramos perfeitos diabinhos, e fazíamos todas as estripulias, apesar da vara. Dávamos dor de cabeça a nossas *bonnes*, geralmente pegando e levantando suas anáguas” ³⁵. Eram comuns as brigas entre garotos franceses e ingleses, utilizando paus e pedras e bolas de neve além dos socos. Aos nove anos de idade, Richard pegava escondido a espingarda de seu pai para atirar nos monumentos do cemitério e nos vitrais da igreja; ainda fazia gestos obscenos para garotas e costumeiramente roubava nas lojas.

O coronel Burton resolveu sair da França e voltar para a Inglaterra. Sendo assim “a casa foi desmontada e a família foi enviada de coche até Dieppe, para embarcar para o frio mergulho na vida inglesa” ³⁶.

A chegada à Inglaterra foi cercada de estranhamentos, por parte das crianças, Richard, Catherine e Edward. Rice tenta esclarecer as impressões de uma cidade sombria e fuliginosa, que contrastava com a ensolarada França. Entretanto, é preciso salientar que tais diferenças podem ser atreladas a um período de efervescência na industrialização, especialmente na Inglaterra.

Foi doloroso desembarcar na Inglaterra, disse Burton. Para as crianças, o ar de Brighton, cheiro de fumaça e fuligem, era irrespirável. O céu plúmbeo e frio lhes dava arrepios. Na cidade, tudo parecia tão pequeno, tão afetado, tão mesquinho, as casinhas para cada família contrastavam tão melancolicamente com as grandes construções de Tours e Paris. As crianças não gostavam da comida grosseira e semicrua; acostumadas aos vinhos franceses, o porto, o *sherry* e a cerveja lhes pareciam remédios fortes. O pior era o pão, puro miolo e sem casca. O leite parecia feito de giz com água. Os grandes pedaços de carne nos faziam pensar em Robinson Crusoé, e os vegetais *cuits à l'eau*, principalmente as batatas, que nunca

³⁵ RICE, Op. Cit. p. 28

³⁶ Idem. p. 30

tinham ouvido falar *em maître d'hôtel*, lembravam as raízes de um homem primitivo.³⁷

Podemos afirmar que as mudanças do coronel Burton de uma cidade para a outra passaram a marcar a infância de Richard Burton, pois a grande questão era onde viver, qual o melhor lugar para se instalar. Notamos que nesse contexto, um dos principais motivos para tal preocupação estava no comportamento violento de seu filho primogênito, tendo em vista que o mesmo tinha pavio curto, era suscetível e orgulhoso. Em suas andanças a família Burton passou por cidades como Livorno, Perugia, Florença, Nápoles, Sorrento, mas nenhuma delas agradou satisfatoriamente o coronel. Tamanha instabilidade da família Burton culminara no retorno à Inglaterra.

Mais ou menos uma década depois da saída da França o coronel Burton não desejava que seus filhos entrassem no exército, os planos eram que eles fossem enviados para Oxford como “*sizars*, cavalheiros pobres sustentados por donativos de terceiros”³⁸ e que se tornassem clérigos religiosos dando prosseguimento ao formato de uma família tradicional, com suas devidas características. Vale destacar que, prestes a se tornarem adultos, os irmãos Burton detestaram a ideia, principalmente pelo fato de serem conhecidos como atiradores, esgrimistas, e ainda tinham hábitos desviantes e contrários dos padrões religiosos; sendo assim, tais características não estavam relacionadas com uma vida regrada numa paróquia e numa clausura religiosa.

Os rapazes já não tinham mais controle, em meados de 1840; nas tentativas de aulas de latim ou grego, eles atiravam os livros pela janela e saíam correndo para os campos para esgrimar e dar tiros de pistola³⁹ O coronel Burton enviou seus filhos Richard e Edward para Oxford e Cambridge respectivamente.

O contato de Richard Burton com Oxford marcaria a vida de Burton em vários aspectos, se por um lado ele enfrentara hostilidades, sendo visto como estrangeiro, sendo constantemente insultado por isso, e também por se mostrar insatisfeito com a formação filosófica oferecida por aquela instituição, por outro, seus interesses intelectuais próprios o levaram a pessoas, conhecimentos e experiências,

³⁷ Idem p. 31

³⁸ Idem p. 35

³⁹ Idem p. 36

que o preparariam para a vida entre os ciganos, na Índia, no Oriente Médio, entre outros tantos lugares que passaria no futuro.

Segundo Rice, na década de 1840, Oxford estava passando por profundas transformações, essas seriam constatações do próprio Richard; Ele teria afirmado que “salvo raras exceções, a Universidade não passava de um ninho de servilismo e bajulação”.⁴⁰ Richard queria uma educação organizada segundo critérios próprios.

Irritava os professores falando o verdadeiro latim – isto é, o romano – em vez do latim artificial típico da Inglaterra, e falava grego a maneira romaica, com a pronúncia ateniense como havia aprendido com um comerciante grego em Marselha, além de dominar as formas clássicas.⁴¹

Em seu dia a dia, Burton tinha aulas em algumas manhãs e ficava o resto do dia livre. Não podendo se dar ao luxo de montar em cavalos como era de costume, passava parte do tempo praticando remo, tiro com armas e caminhadas. Em tais caminhadas, costumava visitar um acampamento de ciganos que havia nas densas florestas de Bagley Wood, ali eles fugiam dos preconceitos enfrentados com frequência.

Burton foi atraído pelo estudo das línguas, do misticismo e da filosofia e uma estadia em Londres nas férias de inverno o levaria a conhecer um homem chamado John Varley, um artista de profissão e amante da astrologia prática. Logo na primeira ocasião em que se conheceram, Varley, ao tirar o horóscopo de Richard, prognosticou que ele seria um grande astrólogo, tal como afirma Edward Rice. A influência de Varley teria estimulado Richard

a se envolver com a cabala, disciplina exotérica judaica medieval. O estudo correto da cabaça exige um mestre ou guru, e talvez Varley tenha desempenhado esse papel junto à [Richard] Burton. Uma das figuras mais centrais [em suas] leituras dos textos cabalísticos foi o famoso cabalista cristão Heinrich Cornelius Agrippavon Nettesheim, um equivalente germânico quinhentista do soldado poeta português Camões, que posteriormente viria a constituir um interesse literário de Burton.⁴²

De certa maneira, a cabala foi uma importante influência na juventude de Burton do ponto de vista intelectual, considerando que mais tarde ele entraria em

⁴⁰ Idem p. 39

⁴¹ Idem p. 40

⁴² Idem p. 41

contato com leituras e interesses pelos lugares por onde percorreu; inclusive o contato com obras que poderiam levá-lo a um conhecimento secreto”⁴³. O autor continua enfatizando que “nessa altura ele era apenas um diletante, um curioso, mas o pouco que aprendeu serviu para prepará-lo para as formas mais complexas e profundas de estudos exotéricos na Índia e no Oriente Médio”⁴⁴

Nas férias do verão, os irmãos Burton (Richard e Edward) iam visitar seus pais e sua irmã, vivendo então na Alemanha. Sua mãe encontrava-se com problemas de coração e seu pai com problemas no pulmão. Naquela ocasião os irmãos, andando por uma cidade e outra conheceram três filhos de um certo coronel White, que se preparavam para ingressar no serviço militar da Índia, fato, este, que certamente aguçou o desejo dos Burton pela carreira militar, mas seu pai não queria nem ouvir falar nisso, especialmente por vislumbrar uma vida religiosa luxuosa para seus filhos.

De volta a Oxford, Richard foi expulso no meio do semestre por desobediência às autoridades da Universidade; e surpreendeu seus familiares, especialmente seu pai com a inesperada aparição e insistência em perseguir o serviço militar.

Quando lhe perguntaram o que pretendia fazer agora, Richard respondeu que preferia entrar no exército, mas optaria pelo serviço militar na Índia pois lhe abriria mais o mundo e lhe daria melhores oportunidades na ativa. Havia duas alternativas no serviço militar na Índia: uma era nas forças armadas do governo inglês – o serviço da rainha – e a outra era nas forças da Ilustre Companhia das Índias Orientais, empresa comercial que detinha os direitos exclusivos de comércio na Índia e em outros lugares do Oriente.⁴⁵

Pelo valor de quinhentas libras a família de Richard comprou um posto no exército da Companhia e ele embarcou na primavera de 1842 para a Índia. Trata-se de um marco na trajetória de Richard Burton, o aprendizado da língua hindu e o contato com a literatura e com a cultura daquele país seriam notáveis na trajetória desse viajante, especialmente se pensarmos como o *hábitus* já dito por Bordieu como aquele que orienta as condutas, direciona as ações e atribui-lhe valores e interesses.

⁴³Idem p. 42

⁴⁴Idem p. 42

⁴⁵Idem p. 44

O ingresso de Richard Burton na Companhia das Índias Orientais coincidia com uma fase em que Inglaterra e Rússia disputavam novos territórios na Ásia ocidental e Oriental. Aos vinte anos de idade ele servia como oficial no 16º regimento nativo de Bombaim. “Burton esteve no continente indiano por cerca de sete anos, entre 1842 e 1849, justamente num período de políticas de anexações por parte da Inglaterra, que ampliava seus domínios na Índia” ⁴⁶. A saber, os territórios agregados nesse contexto foram Scind (atual Paquistão) em 1842 e o Punjab entre 1846 e 1849.

Segundo Edward W. Said “a Índia no final do século XIX, havia se tornado a maior, mais durável e lucrativa dentre todas as possessões coloniais britânicas, e talvez até mesmo europeias” ⁴⁷. Notemos o quão vantajoso à economia britânica era a Índia naquele contexto de exploração e anexação de posses. Said ainda nos oferece mais algumas noções acerca dessa influência inglesa:

Desde a época em que a primeira expedição britânica lá desembarcou, em 1608, até a partida do vice-rei britânico em 1947, a Índia exerceu enorme influência sobre a vida da metrópole, no comércio e nos negócios, na indústria e na política, na ideologia e na guerra, na cultura e no âmbito da imaginação. ⁴⁸

Embora não tenhamos a intenção de traçar detalhadamente o período de Burton na Índia, vale destacar que ele se dedicou ao estudo das línguas e dos diversos dialetos da região, fato que contribuiu para o desempenho de funções de espionagem a serviço do exército da Companhia das Índias Orientais. Os estudos de línguas somadas à sua curiosidade permitiram-lhe conseguir informações privilegiadas a serviço da Inteligência da Companhia; contava ainda com a habilidade de se disfarçar sem ser notado como estrangeiro em meio aos nativos. Segundo Alexsander Lemos de Almeida Gebara, “ainda em território inglês na Índia, Burton tomou contato com preceitos da religião Islâmica e aperfeiçoou seus

⁴⁶ GEBARA, Alexsander de Almeida Lemos. *A África presente no discurso de Richard Francis Burton: Uma análise da construção de suas representações*. 2006, 233 f. Tese (Doutorado em História Social) Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo, 2006. p. 14

⁴⁷ SAID, Edward W. *Cultura e Imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 219

⁴⁸ SAID. Op. Cit. p. 219

conhecimentos na língua árabe, que seriam importantes para suas futuras viagens à África Oriental e Península Arábica” ⁴⁹.

Podemos afirmar que a vida de Richard Burton como explorador começava a se desenhar no contexto em que ele voltou para a Inglaterra em meados de 1849; como o motivo foi de doença ele deixou a Europa logo que se recuperou. Segundo Gebara, no início da década de 1850 ele se mostrava desinteressado do posto de oficial da Companhia e em relação aos interesses desta instituição. Isso ficara evidente quando ele aos 29 anos “realizou três viagens, todas financiadas pela *Royal Geographical Society (R.G.S)* e esteve de licença quase ininterrupta de suas funções oficiais” ⁵⁰

Nas viagens, se disfarçou de muçulmano, “na primeira, Burton realizou a peregrinação mais sagrada para os islâmicos em 1853 e, no ano seguinte partiu para conhecer a cidade de Harar, também grande centro muçulmano e importante entreposto comercial” ⁵¹ da África Oriental. Entre 1856 e 1859, também, financiado pela *Royal Geographical Society*, ele empreendeu uma ousada expedição em busca na nascente do Rio Nilo ao lado de John Hanning Speke, no período em que também “penetrou pela região da atual Tanzânia, atingindo o mar de Ujiji, rebatizado por ele de Lago Tanganica” ⁵²

A peculiaridade e a excentricidade de Richard Burton pode ser notada pela facilidade em, ao mesmo tempo se distinguir de qualquer grupo, e conseguir se inserir como membro, especialmente em se tratando de povos e regiões envolvidas pelo processo de anexação de territórios pela Inglaterra. Se o Imperialismo está presente como pano de fundo de sua trajetória, não é possível dissociá-lo de uma conduta aventureira e de uma postura emblemática e colaborativa ao projeto imperial expansionista, em que se pretendia exercer domínio, coletar informações, etc.

Ao tratar da aparência física de Burton, Rice menciona uma marcante cicatriz que Burton tinha na face deixada por um golpe de lança, que sofrera numa batalha contra saqueadores Somalis. Ele perdeu quatro dentes “arrancados pelo

⁴⁹ GEBARA. Op. Cit. p. 14

⁵⁰ Idem p. 14

⁵¹ Idem p. 14

⁵² Idem p. 15

impacto da lança somali até o maxilar superior, [teve] ferimento no céu da boca, suas duas faces foram perfuradas. Burton mal conseguia falar” ⁵³. Rice ainda ressalta outros feitos que marcaram a vida e a trajetória do viajante Burton, bem como os lugares por onde passou, seu trabalho, entre outros aspectos:

Falava 29 línguas e vários dialetos e, quando necessário, podia passar por nativo de diversas terras do Oriente – por afegão quando fez sua famosa peregrinação à Meca, por peão cigano entre as turmas de trabalho nos canais do Rio Indo, por indefinível mascate de bugigangas e dervixe (um religioso andarilho) quando explorou para seu general, as regiões mais bravias de Sind, Baluchistão e Punjab, foi o primeiro europeu a entrar em Harar, uma cidade santa na África Oriental, sendo que, antes, cerca de trinta brancos tinham sido expulsos ou mortos. Foi também o primeiro europeu a chefiar uma expedição na África Central em busca das nascentes do Nilo, aventura, na época tão ousada e romântica quanto, 150 anos depois, viajar pelo espaço sideral.⁵⁴

Apesar de Burton ter prestado serviço ao país durante toda sua vida e ser reconhecido pela sociedade inglesa “houve vezes em que se viu quase como um pária entre seus conterrâneos” ⁵⁵ Sua posição e convicções sobre diversos assuntos não contribuíam para sua popularidade na Inglaterra. Entre tais assuntos está, por exemplo, a posição contrária ao tráfico de escravos, “seus interesses eruditos muitas vezes despertaram a fúria dos vitorianos, pois escrevia abertamente sobre questões sexuais que, julgavam preferível não mencionar”⁵⁶. Entre outras, estavam questões em torno da homossexualidade, circuncisão, infibulação, castração, poligamia, acreditando ser esta uma das maneiras para garantir a estabilidade familiar “aliviando as obrigações domésticas que recaíam sobre a esposa monogâmica e diminuindo os males da prostituição” ⁵⁷incluindo o fato de que costumeiramente falava de seus conterrâneos com certo esnobismo. Suas crenças e práticas tidas como estranhas aos ingleses lhe renderam o apelido de “Negro Branco”, atribuído pelos seus colegas da Companhia das Índias Orientais.

No oriente, religião e sexo não eram incompatíveis, diferentemente dos padrões ocidentais de sua época, e assim Burton “abriu campos sexuais em que a

⁵³ RICE, Op. Cit. p. 275

⁵⁴ Idem p. 20

⁵⁵ Idem

⁵⁶ Idem

⁵⁷ Idem

Inglaterra vitoriana não se atrevia a entrar”⁵⁸ Declarava aberta e taxativamente que “as mulheres gozavam como os homens, isso numa época em que, ao se casar, as noivas vitorianas ouviam o conselho: fique imóvel e pense no império”⁵⁹. Obras que hoje são clássicos de assuntos sexuais e eróticos foram traduzidas por Burton, numa época em que tal feito parecia obscurecer ou escandalizar de forma pejorativa ou até mesmo imoral, os padrões e o puritanismo inglês. Entre tais obras estão *Ananga Ranga*, *Kama Sutra*, *O Jardim Perfumado*, *As Mil e Uma Noites*.

Rice menciona alguns assuntos que corroboravam para certo desprezo por parte dos ingleses a respeito de Richard Burton,

O “desmando” inglês nas novas colônias, a baixa qualidade e a monotonia do ensino universitário, a necessidade da emancipação sexual da mulher inglesa, a incapacidade do governo em ver que os povos conquistados do Império se mantinham constantemente à beira da revolta [tais fatores] não contribuíam para torna-lo popular em seu país.⁶⁰

Apesar dos aspectos excêntricos de Burton, não podemos separá-lo do seu contexto, que se tratava de uma política de expansão territorial e econômica em regiões tidas como periféricas na África e na Ásia. De certa maneira a anexação de territórios a partir da demarcação pelos viajantes exploradores, conferia cada vez mais poder e hegemonia. Segundo Edward W. Said “O principal objetivo de disputa no Imperialismo é, evidentemente, a terra; mas quando se tratava de quem possuía a terra, quem tinha o direito de nela se estabelecer e trabalhar, quem a explorava, quem a reconquistou e quem agora planeja seu futuro”.⁶¹ Nesse sentido Burton, ao participar da *Royal Geographical Society* e *Anthropological Society of London* seguia os projetos científicos destas sociedades em nome da configuração dos discursos imperialistas sobre as regiões periféricas, ademais estas instituições científicas apresentavam-se como legitimadoras de um discurso em favor das políticas expansionistas.

Wilton Carlos Lima da Silva, na obra *As terras inventadas: Discurso e natureza em Jean de Léry, André João Antonil e Richard Francis Burton*, se refere ao viajante como “o camaleão”, justamente por sua postura ora excêntrica, ora

⁵⁸ Idem p. 22

⁵⁹ Idem

⁶⁰ Idem p. 20

⁶¹ SAID. Op. Cit. p. 7

conservadora e pelas diversas facetas notáveis em sua trajetória. Em um trecho de seu ensaio, Silva escreve: “Esse Camaleão, que absorveu tantos matizes culturais é um desafio. Ele é ao mesmo tempo um marginal e um exótico entre os seus, é um cúmplice do imperialismo e, ainda, face e contra-face do seu tempo”.⁶² Mais a diante Silva ainda completa:

A excentricidade se manifestava no cotidiano pelo domínio e interesse por idiomas obscuros, nas práticas religiosas exóticas, no interesse pelos tabus (como o sexo, a circuncisão, e excisão, o eunuquismo, a homossexualidade e outros) e na escolha de uma esposa católica, e a convencionalidade se explicita pelo interesse em viagens, pelos valores cientificistas, racistas e etnocêntricos, na fidelidade à coroa Inglesa, como tantos outros do seu tempo.⁶³

Em meio às suas andanças e trabalhos, Burton conheceu aquela que seria em 1861, a sua esposa, com a qual vivera até os últimos dias de sua vida. Casou-se, conforme já mencionado, com Isabel Arundell numa cerimônia católica, numa época em que os católicos, na Inglaterra, eram vistos como cidadãos de segunda categoria e, aqui um aspecto interessante que merece ser destacado é que o casamento de Burton, mesmo que a esposa tenha sido herdeira de certa fortuna, rompia barreiras formidáveis, tal como afirmava Rice. No mesmo ano Burton foi nomeado para exercer serviço diplomático como Cônsul em Fernando Pó (atual Bioko, na costa da Guiné). Depois disso, com influência de Isabel, Richard foi transferido para Santos, no Brasil, onde exerceu função diplomática entre 1865 e 1869. Posteriormente ele foi transferido para o consulado de Damasco e em 1872 a mesma função seria desempenhada em Trieste. No ano de 1886, Richard recebeu o título de “Sir”⁶⁴ das mãos da Rainha Vitória, como uma homenagem aos serviços prestados ao seu país.

Considerado um dos mais marcantes intelectuais do seu tempo, Sir Richard Francis Burton faleceu na manhã de 20 de outubro de 1890, vítima de um ataque cardíaco, em Trieste, depois de uma vida intensamente movimentada, aventureira e romanesca, num contexto de profundas transformações geográficas e políticas na Inglaterra, em outras palavras, o que se chamou de Imperialismo.

⁶² SILVA, Wilton Carlos Lima da. *As terras inventadas: Discurso e natureza em Jean de Léry, André João Antonil e Richard Francis Burton*. São Paulo: Editora Unesp, 2003. p. 216

⁶³ SILVA. Op. Cit. p. 217

⁶⁴ Sir ("Senhor", em inglês) é um título de nobreza recebido por personalidades que são reconhecidos por algum feito importante para a sua nação.

1.1.1. A Inglaterra vitoriana: experiência burguesa e contexto imperialista

O termo “era vitoriana” diz respeito ao reinado da Rainha Vitória a qual esteve no poder de junho de 1837 a janeiro de 1901, um período de notáveis transformações naquele país, em que se viu uma era de prosperidade no auge e consolidação da Revolução Industrial. As anexações de novos territórios em regiões “periféricas” se davam num contexto de desenvolvimento científico e desenvolvimento de uma grande classe média. Foi, portanto, uma época de industrialização e de peculiar política colonial em que o Império Britânico se transformava numa notável empresa planetária, na qual surgia uma classe burguesa num período de experiências que marcariam profundamente a Inglaterra.

Para melhor compreender a burguesia na Inglaterra do século XIX e suas experiências, devemos começar pela definição do que é ou quem é “burguês” e depois das “experiências” de um grupo tão heterogêneo que nem sempre comunga dos mesmos valores, princípios e práticas cotidianas. Para Peter Gay a concepção do que seja burguês é “um termo tão improvável quanto [o termo] cultura”⁶⁵. Para ele nos papéis sociais principais encontraremos “médicos, professores, comerciantes, donas de casa, poetas e pintores, políticos, um ou outro próspero artesão que tenha conseguido tornar-se economicamente independente e socialmente respeitável”⁶⁶, ambos apresentando conflitos, ambivalência, diversidades culturais. Para este autor:

A cultura burguesa do século XIX não perdeu pois sua capacidade de nos surpreender. Por mais que a conheçamos, pouco sabemos dela, e boa parte de nossos conhecimentos são errôneos; sob este prisma, ao contrário da maioria dos outros, as classes médias que vai do período que vai de Vitória a Freud estão em condição de inferioridade. A imagem daqueles a quem, talvez por falta de alternativas, chamamos com imprecisão de vitorianos, carece de uma visão drástica, visto que ela oscila incomodamente dentre o divertimento com sua seriedade e o desdém por seu puritanismo, entre a indignação diante da sua hipocrisia e uma leve nostalgia condescendente por sua cativante excentricidade.⁶⁷

A cultura burguesa do século XIX convida e ao mesmo tempo desafia o historiador a estudá-la mais a fundo e dela extrair novas interpretações, por se tratar

⁶⁵ GAY, Peter. *A experiência burguesa da Rainha Vitória a Freud: A educação dos sentidos*. (Vol1) São Paulo: Cia. das Letras, 1989. p. 14

⁶⁶ Idem p. 14

⁶⁷ Idem p. 17

de um terreno inesgotavelmente rico e com infinitas possibilidades de pesquisa. Este século “ainda está prenhe de questões não respondidas, bem como de questões nem levantadas” ⁶⁸

Seus aristocratas, estadistas, poetas e artistas há muito vem sendo alvo de humoristas e biógrafos pertinazes, e ainda assim alguns continuam a nos surpreender de vez em quando; suas classes trabalhadoras, sobretudo quando empenhadas em greves e revoltas, e mais recentemente suas classes camponesas, têm atraído a atenção de um batalhão de historiadores sociais. ⁶⁹

O conceito de burguesia é largamente discutido entre muitos estudiosos, especialmente entre os que têm como objeto de análise e estudo, a Inglaterra do Século XIX. Ao tratar da experiência burguesa e verificar as mudanças econômicas, políticas, sociais, intelectuais nas vidas da classe média inglesa, não pretendemos trazer definições exatas, tampouco responder a todas as questões caras a esse período tão emblemático; mas sim contextualizar uma época em que Sir Richard Burton viveu e verificar consonâncias entre esse personagem e seu contexto político-social e por vezes identificar rompimentos com padrões estabelecidos, especialmente em se tratando de um homem de ciência que exercia funções diplomáticas a serviço de seu país. Conforme já mencionamos, Burton ao se mostrar excêntrico, muitas vezes, rompia com padrões preestabelecidos na Inglaterra do século XIX.

Na tentativa de traçar um breve panorama do contexto histórico na época de Burton, Rice ressalta que

a Revolução Industrial estava em pleno florescimento, transformando o verdejante campo dos poetas ingleses em montes de miseráveis escórias humanas; as potências europeias tinha recortado o mundo em colônias, protetorados e esferas de influência; as invenções que diariamente modificavam o perfil do cotidiano surgiam em avalanche revolucionárias, intelectuais, científicas e políticas – se alastravam por todo o mundo com a força de uma epidemia. ⁷⁰

A Revolução Industrial na Inglaterra do século XVIII determinou uma gradativa substituição da “antiga ordem de relações comerciais intensificada em meados do século XIX, o que dinamizou a vida em sociedade, recrudescceu a avidez

⁶⁸ Idem p. 17

⁶⁹ Idem p. 17

⁷⁰ RICE. Op. Cit. p. 19

pelo lucro e pelo capital financeiro e imprimiu ao mundo o frenético ritmo da urgência e da competitividade”⁷¹. A notoriedade das transformações está estreitamente ligada à construção das estradas de ferro, entre outros fatores que possibilitaram uma vida mais confortável para uma parcela da população e por outro lado “a excessiva valorização do aspecto material do mundo subjugou o homem aos ditames de uma vida vazia de significado e lançou-o numa complicada crise de identidade”. ⁷²

A experiência, segundo Peter Gay, seria o encontro da mente com o mundo, ambas dotadas de total complexidade, jamais simples ou transparentes; seria também um encontro do passado com o presente. Dessa maneira “chamar o homem de animal cultural equivale a enfatizar que ele é por natureza um animal que aprende a partir da experiência, ainda que por vezes aprenda lições erradas”⁷³. Longe de defender uma subjetividade incurável, Gay acrescenta que “as experiências comprovam pois a existência de um tráfego ininterrupto entre o que o mundo impõe e o que a mente exige, recebe e reformula” ⁷⁴ A rigor, o que se tem na Inglaterra do século XIX, não são experiências burguesas e sim experiências de burgueses. Apoiado nas teorias psicanalíticas de Sigmund Freud, Peter Gay afirma que a experiência de um indivíduo difere da experiência de qualquer outro, dessa maneira, escrever a história da experiência burguesa, implica em penetrar no campo da mentalidade de um grupo, com o risco de produzir generalizações rasas e inexatas. Nesse mesmo âmbito,

só o indivíduo ama e odeia, aprimora seus gostos nas artes e no mobiliário, sente-se contente no momento de realização, ansioso em tempos de perigo, e furioso com os agentes que lhe provocam alguma privação; só o indivíduo se regozija com o poder ou lança sobre o mundo sua vingança. O mais é metáfora. ⁷⁵

Inserir Burton dentro de determinados contextos e características é uma tarefa que exige certo cuidado especialmente por sua postura excêntrica e por ser um típico aventureiro que se habituou em diferentes climas, povos, culturas,

⁷¹ SILVA, Isaías Eliseu da. *A dramatização da crise dos valores sociais e humanos em Tess of the d'Urbervilles, de Thomas Hardy*. 2011, 117 f.; 30 cm Dissertação (Mestrado em Estudos Literários) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara. p. 12

⁷² Idem p. 12

⁷³ GAY, Op. Cit. p. 19

⁷⁴ Idem p. 19

⁷⁵ Idem p. 22

costumes, etc. Em *Terras Inventadas*, o autor Wilton Carlos Lima da Silva caracteriza-o como camaleão, dado a sua facilidade de se envolver em distintos ambientes e por ser um sujeito multifacetado.

Burton viveu na Inglaterra do século XIX, que pode ser caracterizada pelo impacto da industrialização na chamada por Eric Hobsbawm de “era do capital”. O mesmo autor destaca que é preciso considerar que trata-se de “um mundo que não consistia apenas de fábricas, empregadores e proletários” ⁷⁶. Ainda nas palavras de Hobsbawm, “por mais espantosas que fossem as mudanças trazidas pelo avanço da indústria e da urbanização em si mesmas não são adequadas para medir o impacto do capitalismo”⁷⁷. Gradativamente a sociedade inglesa ia se reconfigurando nos moldes orientados ou determinados pelo capital, que por sua vez possibilitava novas experiências.

Não seria possível afirmar que os trabalhadores se constituíam numa categoria única, ou ainda uma única classe, ainda que pereça possível fazer algumas generalizações como em relação à língua, os costumes, a origem social, ou até mesmo a pobreza. Para Hobsbawm, “nem mesmo a pobreza, pois embora os padrões de classe média todos tivessem baixas rendas, (...) pelos padrões dos pobres havia uma grande diferença” ⁷⁸, entre os artesãos por exemplo. Nesse contexto existiam

Artesãos bem pagos ou regularmente empregados, que imitavam as vestimentas da respeitável classe média nos domingos ou mesmo no caminho para o trabalho, e os trabalhadores famintos que nem sabiam de onde viria a próxima refeição, ou a de sua família. Todos estavam realmente unidos por um sentido comum do trabalho manual e da exploração, e de forma crescente, pelo destino comum de viverem do salário.⁷⁹

Gradativamente os trabalhadores foram empurrados para uma condição de diva comum e “para uma consciência comum, não apenas pela polarização social, mas nas cidades pelo menos, por um estilo de vida”⁸⁰. Aos poucos as distinções sociais iam se desenhando, as características nos usos e costumes iam criando

⁷⁶ HOBBSAWM. Eric. *Da Revolução Industrial Inglesa ao Imperialismo*. 6º edição. Rio de Janeiro: Forence, 2013. p. 318

⁷⁷ Idem p. 318

⁷⁸ Idem p. 339

⁷⁹ Idem p. 340

⁸⁰ Idem p. 340

contrastes mais nítidos. Nesse sentido, “objetos expressavam seu custo e, no tempo em que a maioria dos objetos domésticos era produzida ainda por processos manuais, a elaboração representava um índice adequado para expressar o valor de objetos caros”⁸¹. Nesse mesmo âmbito, o custo das coisas também comprava certo conforto, que era tanto visível quanto experienciado pela sociedade.

Mesmo assim, os objetos eram mais do que meramente utilitários ou símbolos de status e sucesso. Tinham valor em si mesmos como expressões de personalidade, como sendo o programa e a realidade da vida burguesa, e mesmo como transformadores do homem. No lar tudo isso era concentrado. Daí a sua grande acumulação.⁸²

As normas, padrões culturais, o estilo de vida da classe média burguesa do século XIX estavam fortemente atrelados ao processo de industrialização da Inglaterra do século XIX, desde o comportamento em público, passando por questões morais e até mesmo o universo privado, no interior das casas. As residências e a vida íntima cotidiana assumiam características claras que a identificava e a caracterizava, uma vez que a vida privada no interior do lar se distinguia da vida profissional, a vida privada e a vida pública passaram a ser distintas. Podemos afirmar que o conceito de privacidade ou o culto à vida doméstica passaram a fazer parte daquela sociedade, dita burguesa.

Um convite para o chá era algo feito aos íntimos ou com fortes laços sanguíneos e de parentesco; as pessoas se escondiam atrás de fachadas e cortinas escondendo inúmeros mistérios, ocultando suas práticas cotidianas, características estas, que Hobsbawm chamava de “demasiadamente oculto”, de certa maneira inspiraram temas de muitos romancistas do século XIX.

Burton, em sua trajetória não se aproximou dos operários ingleses tal como descritos por Hobsbawm e os problemas sofridos pela população pobre que se submetiam gradativamente à lógica do trabalho nas fábricas estavam longe da realidade da Burton. Seu pai recebia uma renda da burocracia estatal e sua mãe possuía uma renda fixa vinda da família. Entretanto, é preciso salientar que a situação dos impactos da industrialização merece destaque por tratar-se de uma importante característica da Inglaterra na época de Burton

⁸¹ Idem p. 351

⁸² Idem p. 351

1.2. A ROYAL GEOGRAPHICAL SOCIETY E A ANTHROPOLOGICAL SOCIETY OF LONDON COMO CAMPOS DE PRODUÇÃO CIENTÍFICA E CIRCULAÇÃO DE TEXTOS

Entender o campo intelectual como um espaço social relativamente autônomo de produção de bens simbólicos permite melhor compreensão tanto de um autor como de sua obra, bem como sua formação política e cultural. Nesse sentido as instituições científicas inglesas, especialmente a Sociedade Geográfica Real e a Sociedade Antropológica de Londres, assumem papel importante na trajetória de Richard Francis Burton, por conferirem uma posição de certo destaque ao explorador. Fazer parte dessas instituições que se pretendiam científicas era um tipo de status dentre os renomados pesquisadores, escritores e exploradores de novas terras e povos. O pensar o campo segundo Bourdieu admitimos que, *“a medida que el campo intelectual gana autonomía, el artista afirma confuerza cada vez mayor su pretensión a ella, proclamando su indiferencia respecto al público”*.⁸³

Segundo Alexsander Gebara, “durante as décadas de 1850 e 1860 o nome de Burton esteve associado às viagens de exploração e, principalmente à geografia e à antropologia inglesas”⁸⁴. Por ser membro da *Royal Geographical Society* de Londres, essa instituição financiava parte de suas expedições. Gebara comenta a importância de Burton para a referida instituição inglesa, enfatizando que

ele contribuiu com artigos nas publicações da sociedade desde 1854, quando publicou um texto sobre sua viagem à Meca. O autor recebeu uma medalha de ouro em 1859 por sua exploração da África Oriental e pela “descoberta” do lago Tanganica durante a expedição, iniciada três anos antes, em companhia de John Hanning Speke, e esteve bastante envolvidos nos acalorados debates sobre as origens do Nilo, que dominavam boa parte dos interesses da [Royal Geographical Society] RGS para com a África naquele momento.⁸⁵

A *Royal Geographical Society of London* foi fundada no ano de 1830 com o objetivo de descobrir e divulgar ciência geográfica, no contexto de incorporação de

⁸³ “A medida em que o campo intelectual ganha autonomia, o autor se afirma com força cada vez maior em suas pretensões, proclamando sua indiferença em relação ao público”. Bourdieu, P. *Campo intelectual, campo de poder*. Editorial Montessor, 1980.

⁸⁴ GEBARA. Alexsander de Almeida Lemos. *A África de Richard Francis Burton: Antropologia, política e livre comércio 1861-1865*. São Paulo: Editora Alameda, 2010. p. 121

⁸⁵ Idem p. 121

novos territórios por parte da Inglaterra. Assim como outras sociedades científicas, ela começou como um clube de jantar em Londres, onde seus membros realizavam debates informais sobre questões científicas atuais e novas ideias. O site da referida instituição traz a informação de que “sob o patrocínio do rei William IV, que mais tarde ficou conhecido como *The Royal Geographical Society* e foi concedida a sua Carta Régia sob a rainha Victoria em 1859”⁸⁶. Mais tarde em 1913 a instituição foi transferida para a sua atual localização, na famosa *Lowther Lodge*⁸⁷. Segundo o seu site oficial, a *R.G.S* maior e mais ativa das sociedades geográficas acadêmicas da Inglaterra, apoiando pesquisas, expedições, e estudos.

No contexto inglês do século XIX, a *Royal Geographical Society* estava ligada aos ideais expansionistas britânicos da época. Segundo Robert Stafford (1989) em *Scientific Exploration and Empire*, “durante todo o século XIX, a Inglaterra sustentou um programa de exploração científica ligado diretamente a seus interesses comerciais e imperiais”⁸⁸.

Estando ligado ao desenvolvimento da antropologia inglesa, Sir Richard Francis Burton publicou artigos como membro da *Anthropological Society of London*, na década de 1860. Em um dos períodos em que esteve de licença do consulado em Fernando Pó, Burton presidiu a mesa da fundação desta sociedade, ocasião em que mostrou sua influência e prestígio junto ao corpo científico inglês. Assim como a *R.G.S.*, a *A.S.L.* não deixavam em segundo plano os interesses expansionistas. Com a saída de Burton, para assumir o cargo de Cônsul no Brasil, a presidência da mesa ficou a cargo de *Lord Stanley*.⁸⁹

Em folheto reproduzido em *The Record Royal Geographical Society*, publicado em Londres, o qual tratava da fundação desta sociedade, apresenta uma

⁸⁶ Informação obtida no site oficial da *Royal Geographical Society*. Disponível em: www.rgs.org. Acessado em 16 de junho de 2015.

⁸⁷ É uma casa localizada no bairro de *South Kensington* em Londres na Inglaterra, que foi construída entre 1872 e 1875, projetada por Richard Norman Shaw. Trata-se de uma antiga residência pertencente a uma família proprietária de terras.

⁸⁸ Stafford, Robert. *Scientific Exploration and Empire*. In: *The Oxford History of British Empire*, vol 3, Andrew Porter (Ed.), Oxford and New York: Oxford University Press, 1989. p. 196 apud GEBARA. Op. Cit. p. 121

⁸⁹ Idem p. 122

afirmação de John Barron, que presidiu a reunião que marcava a fundação da R.G.S, em 1830.

Uma sociedade era necessária, cujos únicos objetivos deveriam ser a promoção e difusão deste ramo do conhecimento dos mais importantes entretenedores – Geografia. [...] que suas vantagens são das primeiras em importância para a humanidade em geral, e predominantes para o bem estar de uma nação marítima como a Grã-Bretanha, com suas numerosas extensivas possessões estrangeiras⁹⁰.

A coleta, a divulgação e a acumulação de conhecimento geográfico, somado a uma produção científica que fosse útil para a nação inglesa eram as propostas da Sociedade; sempre pretendendo ampliar o público leitor com a divulgação dos conhecimentos. “O surgimento da R.G.S. aconteceu num contexto de proliferação de sociedades científicas na Inglaterra” ⁹¹. A multiplicação e a variação do discurso geográfico era notável na Inglaterra, uma vez que eram produzidos, relatórios de viagens, livros de literatura, produções infantojuvenis as quais eram produzidas por um público também variado, contando com viajantes, oficiais do exército, oficiais da marinha, missionários, etc.

Ainda que a noção de “científico” fosse um tema de grande debate, a eletrificação das autorias das produções da Sociedade, em certa medida, comprometia a organização e a padronização do discurso da instituição. A heterogeneidade de seus membros colocava em questão até mesmo os conceitos ora pretendidos. Especificamente em 14 de janeiro de 1863, uma reunião presidida por Richard F. Burton, marcou a fundação da *Anthropological Society of London* na cidade de Londres. ⁹² Entre os objetivos desta sociedade estavam

estudar o homem em todos os seus aspectos, principais, físicos, mentais e históricos; determinar seu lugar na natureza e suas relações com as formas inferiores de vida, e alcançar esses objetivos através da investigação paciente, dedução cuidadosa, e encorajamento de todas as pesquisas tendentes a estabelecer de fato uma ciência do homem. ⁹³

⁹⁰ Folheto reproduzido em Mill, Hough Robert., *The Record of the Royal Geographical Society, 1830-1939. The Royal Geographical Society*. Londres: 1930, p. 17 apud GEBARA, 2010, p. 105

⁹¹ GEBARA. Op. Cit. p. 124

⁹² Idem p. 31

⁹³ Idem p. 131

Tratava-se de uma sociedade com interesses bastante amplos e que contava com um público variado, fato que a ajudaria crescer rapidamente; entre outros interessados e integrantes, a sociedade contava com “médicos, membros das sociedades Geográfica, Lineana, Zoológica e, até mesmo um grupo de clérigos” ⁹⁴.

Especificamente a *Anthropological Society of London* surgiu após uma cisão da sociedade etnológica. Tal divergência no interior da sociedade etnológica estava ligada ao fato dessa sociedade “começar a aceitar mulher em seus quadros, causando uma reação por parte dos membros mais tradicionalistas” ⁹⁵. As motivações e justificativas para a criação da *Anthropological Society of London* eram criar uma sociedade “na qual opiniões pudessem ser expressas sem medo de repúdio, onde pudessem ser discutidos livremente quaisquer temas concernentes ao homem e à raça” ⁹⁶. Em abril de 1865, em jantar de despedida que marcava a partida de Burton para o Brasil, ele próprio afirmava que a sociedade significava “um refúgio para a verdade, onde qualquer homem, monogenista, poligenista, disgenista, etc, pode expor a verdade que lhe concerne”. ⁹⁷

De certa maneira os intelectuais que fundaram a *Anthropological Society of London* entendiam que as diferenças humanas não estavam ligadas apenas aos aspectos filosóficos e históricos, havendo, portanto, inúmeros aspectos de diferenciação entre os povos, e que precisavam ser analisados com maior profundidade. É claro que as diferenças entre as sociedades Etnológica e Antropológica não se limitavam apenas a procedimentos metodológicos ou tendências explicativas, mas a postura política também era notável.

Diferente das demais sociedades científicas da época, a *Anthropological Society of London* não se esquivava de colocar em pauta durante suas reuniões assuntos muito controversos, e os debates, por vezes, prolongavam-se por meses. Discussões sobre a eficácia ou não dos estabelecimentos missionários na África ocidental, por exemplo, ocuparam boa parte das reuniões durante o ano de 1865.⁹⁸ Nesse caso os debatedores consideravam inviável e infrutífero o estabelecimento de

⁹⁴ Idem p. 132

⁹⁵ Idem p. 132

⁹⁶ Idem p. 135

⁹⁷ *Anthropological Review*, 1865, vol.3, p. 173.

⁹⁸ Idem p. 136

missões, alegando que os gastos poderiam ser revertidos com maior proveito, no próprio interior da Inglaterra, mostrando-se contrários com os altos investimentos.

As sociedades ditas científicas da época eram espaços de circulação e produção de textos, nas quais Burton teve notável participação, seja em artigos, periódicos, reuniões, debates e fóruns de discussão. Em certa medida, tais instituições revelam a postura inglesa, bem como os interesses em torno de novas descobertas territoriais e o contato com outros povos; juntamente com o perfil do próprio Burton, suas influências enquanto viajante, explorador, diplomata e intelectual.

A cultura foi gradativamente sendo associada ao Estado, de forma cada vez mais agressiva. A missão civilizatória, noção da qual os exploradores ingleses do século XIX estavam munidos, revelavam nos discursos institucionais e imperialistas um sentimento de superioridade europeia. A ideia de “isso nos diferencia deles”, quase sempre apresentava um grau de xenofobia. ⁹⁹Para Said, “o problema com essa ideia de cultura é que ela faz com que a pessoa não só venere sua cultura, mas também a veja como que divorciada, pois transcendente, do mundo cotidiano”¹⁰⁰.

Ao analisar os escritos de Burton na obra *Goa and the Blue Mountains*¹⁰¹, Alexander Gebara chama atenção para a seguinte passagem logo no início da referida obra: “Seu o que? Ah!, esquecemo-nos. A Gôndola e a barca são palavras comuns para seus ouvidos ingleses, o budgerow começa a ganhar familiaridade, mas você está certo, o pattimar requer uma definição”¹⁰². Nesse caso Richard Burton dedica tais palavras ao público inglês, e “faz questão de se mostrar tão próximo da realidade colonial que até mesmo se esquece de que o leitor poderia não conhecê-la”. ¹⁰³

⁹⁹ SAID. Op. Cit. p. 8

¹⁰⁰ Idem p. 9

¹⁰¹ BURTON, Richard Francis. *Goa and the Blue Mountains or Six Months of Sick Leave*. Nova Delhi, Madras, *Asian educational services*, 1991, p. 382.

¹⁰² *His what? Ah! We forget. The gondola and the barque are household words in your English ears, the budge row is beginning to won an old familiar sound, but you are right – the pattimar requires a definition.* BURTON. Op. Cit. p. 1 apud GEBARA, 2010, p. 17

¹⁰³ GEBARA, Op. Cit. p. 17.

1.3. O NARRADOR E A VIAGEM: UMA DESCRIÇÃO DO BRASIL

1.3.1. Burton antes do Brasil

Aquele que escreve, o faz a partir da experimentação, da observação, da imaginação, da verificação entre tantos outros aspectos e motivações que o levam a produzir um texto ou um discurso. Entre os diversos tipos de relatos, Richard Francis Burton e inscreve no estilo aventureesco, e sua literatura de viagem assume notórias características, “como as tempestades, as cenas de chegada a lugares desconhecidos, as descrições de paisagens e tipos exóticos, os difíceis percursos por terra ou por mar, e os muitos naufrágios”.¹⁰⁴

Muitos viajantes, de diversas nacionalidades, diferentemente motivados, percorreram o Brasil, mapeando e descrevendo, à sua maneira, os lugares por onde pisaram, tais relatos nos servem como fonte, especialmente se pensamos o tempo e o espaço no qual eles foram produzidos.

O paradigma de relato de viagem com o qual dialogam então ficcionistas e historiadores não é o de aventureiros como um Semple Lisle, por exemplo. Nem mesmo textos mais imaginosos como os de Jean de léry ou Hans Staden. São os minuciosos inventários de estudiosos, cheios de pranchas e mapas, como os de Spix e Martius, e os diários escritos ao sabor dos acontecimentos ou de interesses comerciais determinados, por visitantes ocasionais, como Mawe ou Luccock, os interlocutores preferenciais de uma prosa que se desejava capaz de definir o próprio país, inventariar suas paisagens e populações, mapeá-lo, enfim.¹⁰⁵

Um viajante ímpar do século XIX, Burton, em sua viagem ao Brasil, trazia em seu currículo uma longa e marcante exploração ao continente africano e com fluência em dezenas de idiomas e dialetos. Também, conforme já mencionamos, estudou sobre a cultura dos povos africanos e asiáticos e realizou expedições ligadas à *Royal Geographical Society* e *Anthropological Society of London*. Entre suas facetas destacamos a peregrinação à Meca em 1853, sagrada e proibida aos que não fossem muçulmanos, disfarçado de afegão. Ele também foi à Harar (capital da Somália) de onde homens brancos não saíam com vida.¹⁰⁶ Foi companheiro de expedição de John Hanning Speke na busca pela nascente do Rio Nilo e na descoberta do Lago Tanganica.

¹⁰⁴ SÜSSEKIND. Op. Cit. p. 58

¹⁰⁵ Idem. p. 60

¹⁰⁶ RICE. Op. Cit. 231

As características e a personalidade do viajante Burton, suas aventuras e experiências não estão dissociadas do contexto inglês do período Vitoriano, tanto no que diz respeito às transformações tecnológicas e científicas quanto às experiências vividas e sentidas pela classe média. Burton fazia o papel de transgressor de uma sociedade tradicional, mas também mostrava-se envolvido nas transformações do pensamento do grupo social ou do contexto ao qual pertencia.

As viagens de Burton eram sempre favoráveis aos interesses ingleses; muitas delas ele realizou sozinho fazendo reconhecimentos e análises particulares e sugerindo, posteriormente, que a Inglaterra tomasse posse delas. Segundo Rice “algumas de suas proezas tiveram implicações fundamentais na época, como seu envolvimento num complô para derrubar o xá da Pérsia, na década de 1840”¹⁰⁷. Além disso, ele “foi um dos agentes que contribuíram para que se estabelecesse um firme controle britânico sobre as províncias hindus de Sind¹⁰⁸, Baluchistão, e Punjab Ocidental”¹⁰⁹. Tais regiões atualmente formam o estado do Paquistão. As áreas da Palestina, Síria, Líbano foram pesquisadas por Burton sobre o pretexto de uma investigação arqueológica amadora e que mais tarde a Inglaterra entenderia que valeria a pena explorar tais regiões. Nesse caso podemos concordar com a importância e a forte ligação, direta ou indiretamente entre as práticas aventureiras de Burton com os interesses políticos econômicos ingleses do período.

Se os interesses do viajante não estavam inteira e unicamente focados em questões políticas, percebemos a razão pela qual Burton muitas vezes transgredia ou representava, uma voz dissonante entre os discursos diplomáticos da época. Ao falar e/ou escrever sobre sexo Burton destoava do contexto vitoriano em que tais assuntos ainda não eram discutidos e tratados abertamente. De certa maneira procurou mostrar que o sexo consistia em prazer que deveria ser desfrutado por homens ou mulheres com vitalidade e alegria, negava, portanto a ideia de que o sexo era uma obrigação que visava a procriação da espécie.

¹⁰⁷ Idem p. 22

¹⁰⁸ Também chamada de Sind é uma das quatro províncias que subdivide o Paquistão. Ao Oeste limita-se com Baluchistão, ao norte com Punjab (um estado do noroeste da Índia), a leste com o Mar Árábico e ao sul, com o Estado de Gujarat, também na Índia.

¹⁰⁹ RICE. Op. Cit. p. 22

Em meio às aventuras e viagens, Burton se descuidou um pouco da própria saúde, sofria com crises de depressão, era viciado em drogas e tinha problemas com alcoolismo.

Sofria amiúde de sérias crises de depressão, e era viciado em drogas. O haxixe e o ópio constituíam suas principais fugas, e experimentou narcóticos raros como o khat, que dizem ter efeito priápico. (...) Conseguiu abandonar os vícios e dependências, e pôde passar os últimos anos de vida sem narcóticos ou álcool, embora sua saúde já estivesse seriamente deteriorada.¹¹⁰

O casamento de Burton é algo pouco estudado, principalmente pela ausência de relatos a esse respeito; não era comum abordar sua vida conjugal nos relatos e diários. Apesar de ser um grande contador de histórias escreveu muito pouco sobre si próprio, tanto que alguns biógrafos o caracterizam como uma pessoa reservada. Das histórias de Burton, pouquíssimas foram compiladas, recolhidas e registradas por pessoas próximas e ele. Na Biografia que escreveu sobre o marido, Isabel Burton comentou que “queria que o marido escrevesse um romance sobre a sua vida, mas isso nunca veio a acontecer”.¹¹¹

Na obra *The life of capitain Sir Richard Francis Burton*¹¹², Isabel Burton se propõe a narrar a vida e a trajetória movimentada do viajante. O Biógrafo Norman Penzer afirma que *Lady Burton* não era a pessoa mais adequada para escrever sobre Burton, ainda que conhecesse bem seu marido. Para Rice, a obra de Isabel Burton, publicada na Inglaterra em 1893, “é enorme, divagadora, desorganizada e muitas vezes não apresenta fontes nem datas”¹¹³. Rice ainda afirma que

além de incluir três curtos capítulos autobiográficos do próprio Burton, Lady Burton inseriu quase tudo o mais – não só os fatos verdadeiros, como também os fatos tais como ela os via, de maneira tanto quanto oblíqua, além de opiniões pessoais, observações, episódios avulsos, divagações e reflexões a esmo, cartas, recortes de jornal – tudo o que se encontrava em sua escrivaninha naquele momento e parecia apropriado.¹¹⁴

¹¹⁰ Idem p. 23

¹¹¹ Idem p. 23

¹¹² BURTON, Isabel. *The life of Capitain Sir Richard Francis Burton*. 2 vols. London, Chapman and Hall, 1893.

¹¹³ RICE. Op. Cit. p. 11

¹¹⁴ Idem p. 11

A respeito do trabalho consular de Burton, não fica tão evidente a sua intensidade, pois ele empreendia muitas viagens, percorria vastos territórios, mas se queixava de ter muitos afazeres. Principalmente no que se tratava de relatórios, segundo ele, intermináveis, eram “relatório do algodão, 32 páginas, relatório geográfico 125 páginas, relatório geral do comércio 32 páginas, e assim por diante”.¹¹⁵ Entretanto, mesmo com atividades consulares, Burton deixava alguns dias da semana para cuidar de trabalhos e atividades pessoais.

Sua esposa Isabel Burton, através de amizades e esforços conseguiu a transferência de Burton para a cidade de Santos. Sua permanência nesse território foi de 1865 a 1868, um tempo relativamente curto, mas que legou importantes e significativos relatos de viagens. No Brasil, Burton pode concluir obras que estavam inacabadas, de suas viagens pelo continente africano e ainda produzir obras que se referiam especificamente a terra e à gente brasileira. Ele percorreu o Rio das Velhas, o Rio São Francisco entre outros territórios, que resultaram na obra publicada em Londres em 1969, intitulada *Explorations of the Highland of Brasil*.

Esteve também no Paraguai no contexto da guerra contra a Tríplice aliança, onde teve a oportunidade de conversar com pessoas comuns, combatentes, oficiais, entre outros. Deslocando-se a partir do Rio de Janeiro, Burton viajou de carruagem, de trem, em lombo de mulas, até chegar a Minas Gerais, onde analisou as condições da mineração do ouro. Como de costume, o viajante relatava por escrito suas experiências, suas aventuras, suas angústias, suas impressões de estrangeiro, etc. Sobre a guerra do Paraguai, ele descreveu o próprio país Guarani, como também os outros países beligerantes, a saber, Brasil, Argentina e Uruguai. Não se trata de saber da verdade histórica a partir da visão e das representações de Richard Francis Burton, considerando que esta verdade histórica possa ser comparada a um caleidoscópio, tal como já afirmava José Carlos Reis.¹¹⁶

Mary Pratt esclarece que os relatos de viagem do século XIX “desempenham um papel importante na produção dos sujeitos domésticos da expansão capitalista Europeia do século XIX”¹¹⁷. Trata-se, portanto de conceber a

¹¹⁵ Idem p. 397

¹¹⁶ REIS, José Carlos. *As Identidades do Brasil: de Varnhagem a FHC*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 1999.

¹¹⁷ PRATT, M. Op. Cit. p. 121

maneira como os relatos de viagem construíram, a partir de sua visão, o restante do mundo para os leitores da Europa e assim contribuir para a “descolonização do conhecimento sobre os outros”. Conforme afirma Said, “a marca fundamental do pensamento cultural na era do imperialismo foi uma noção fundamentalmente estática de identidade, onde existe um ‘nós’ e um ‘eles’, cada qual muito bem definido, claro, auto evidente”.¹¹⁸

Por ser estrangeiro e possuir costumes, características culturais diferentes, a percepção de um viajante, em certa medida, pode ser mais aguçada que a maioria dos habitantes nativos de determinado território. Isso se deve ao fato de suas experiências anteriores estarem fora daquela realidade. Dessa maneira suas impressões foram definidas pelos sentidos dos observadores, por sua bagagem cultural e por sua visão particular de mundo.

1.3.2. Descrições nos planaltos do Brasil

A vinda de Burton para o Brasil se deu depois de ter prestado serviço como Cônsul britânico na ilha de Fernando Pó, uma possessão espanhola na costa ocidental da África. Sendo transferido para a cidade de Santos, em São Paulo, ele levou uma vida de aventureiro e explorador de terras e regiões, especialmente as regiões auríferas do Brasil.

É interessante pensar aqui na própria chegada de Burton ao Brasil e as impressões da cidade portuária de Santos antes mesmo de desembarcar; era uma cidade quente, úmida e “cheia de malária como qualquer lugar da África Ocidental, mas tida como local onde os europeus podiam viver com segurança”¹¹⁹. A esposa de Burton chegou algumas semanas depois de seu marido em Santos. Burton dizia lembrar os portos sujos e desleixados que conheceu na costa ocidental africana. Segundo Burton, a cidade de Santos

¹¹⁸ SAID, Edward. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Cia. das Letras, 1995. p. 95, Apud, ZUBARAN, Maria Angélica. *O olhar de uma inglesa-viajante sobre o Brasil Oitocentista: o diário de viagem de Maria Graham (1821-1824)*, MÉTIS: história & cultura – v. 3, n. 5, p. 253-271, jan./jun. 2004. p. 253-272.

¹¹⁹ RICE. Op. Cit. p. 394

não era um lugar onde um homem razoável pudesse se estabelecer com sua mulher em caráter permanente, e por isso o casal encontrou uma casa melhor em São Paulo, a alguns quilômetros para o interior, a pretexto de que as duas cidades precisavam de um cônsul britânico.¹²⁰

Burton descreve ainda alguns detalhes que caracterizava, segundo ele, a cidade de Santos, na ocasião em que já se encontrava na companhia da sua esposa.

Vivia cheia de pernilongos, pulgas, carrapatos do tamanho de uma unha pequena, aranhas grandes como um *terrier* miniatura e formigas tão grandes que havia quem as vestisse de bonecas para brincar. Há cobras por todas as partes, observou Isabel. As tempestades eram um perigo – muitas vezes, de tão fortes, quebravam as janelas – e havia ainda bolas de fogo atravessando os ares. Mas Santos também tinha suas belezas: orquídeas, papagaios e borboletas enormes.¹²¹

Após um tempo em Santos, Burton interessa-se por conhecer o Brasil e os Brasileiros a partir do contato; e conforme já mencionamos, ele tomou rumo para o Rio de Janeiro e em seguida para Minas Gerais onde pretendia observar e analisar as condições das regiões mineradoras ao redor de Ouro Preto.

Numa viagem de aproximadamente cinco meses, Richard Burton relatou minuciosamente aquilo que percebeu da fauna, da flora, das paisagens e das populações com as quais cruzou e interagiu. Trata-se dos primeiros relatos produzidos sobre o Brasil, que mais tarde iriam compor a obra *Explorations of the highlands of Brazil*.

O próprio Burton esclarece que utilizou de propósito a expressão “anotações” para se referir às experiências tidas nas viagens pelo Brasil, num percurso que “cobriu mais de 2.000 milhas, das quais 1.150 milhas, em números redondos, feitas no vagaroso deslocamento de uma embarcação primitiva”.¹²² O tempo gasto na viagem do Rio de Janeiro à região das minas, incluindo a navegação pelo Rio São Francisco foi de cerca de cinco meses, a saber “entre 12 de junho e 12 de dezembro de 1867”¹²³. Burton pretendeu fazer uma descrição minuciosa sobre as terras visitadas, até mesmo para despertar o interesse de outros viajantes e ainda

¹²⁰ Idem p. 395

¹²¹ Idem

¹²² BURTON, Richard. *Viagem do Rio de Janeiro ao Morro Velho*. São Paulo: Editora Itatiaia. 1976. p. 25

¹²³ BURTON. Op. Cit. p. 25

prepara-los para uma vinda ao Brasil; nas suas próprias palavras: “tive o cuidado de coligir para viajantes futuros, que disporão de mais tempo que o permitido por minha profissão, informações colhidas de outrem relativas a aspectos da natureza, manifestações geológicas e inscrições em rochedos até agora inexplorados”.¹²⁴

Segundo o próprio viajante, seu objetivo, ao descrever o Brasil em seus relatos, é tanto apresentar esse país a quem não o conhece como aos que já o conhecem, de modo que suas descrições pudessem passar pelo jugo da veracidade.

Meu objetivo é principalmente que aqueles milhares que já conhecem bem o caminho sejam então capazes de testar a precisão de minha descrição. Livros de viagem devem ser lembrados, dependem para que sejam permanentes, da opinião dos experts – significa dizer, daqueles que vivem, ou viveram, entre as cenas descritas.¹²⁵

Sobre as viagens e descrições de Burton sobre o Brasil, vale destacar que “nas regiões que Burton visitou no Brasil em 1867 sua experiência na posição consular o havia colocado em contato com parte da elite brasileira, já que estivera várias vezes no Rio de Janeiro, e mesmo com o Imperador D. Pedro II”.¹²⁶

Segundo Gebara, Burton gozava de grande prestígio junto ao imperador do Brasil, o qual teria convidado o viajante para falar sobre as viagens já feitas, à sua família. Rice comenta que Burton e Isabel conheceram o Imperador do Brasil e a Imperatriz e se viram mais prestigiados do que os outros convidados mais importantes, pois o soberano era um cientista amador e sua esposa uma mulher muito religiosa, e os dois tinham muito a conversar, fosse com Isabel ou com Richard.¹²⁷

Todavia os relatos de Burton não merecem ser analisados como resultado de sua suposta amizade ou contato com a corte brasileira da época. Os lugares que Burton percorreu e as pessoas com as quais teve contato, seja de qual for a posição social, presentes em suas narrações, devem ser pensadas como a construção de um viajante, que mapeou, classificou, analisou, e percebeu o Brasil com um olhar estrangeiro. Conforme salienta Wilton Carlos Lima da Silva, os relatos de viagem, de

¹²⁴ Idem. p. 25

¹²⁵ BURTON. Op. Cit. p. 30

¹²⁶ Idem p. 135

¹²⁷ RICE. Op. Cit. p. 396

uma perspectiva cultural são uma rica fonte para se compreender elementos do passado, sejam em relação às permanências e transformações na construção do discurso que nos permitem perceber as práticas sociais e políticas, assim como nos possibilita verificar o contexto no qual se desenvolveram. Silva ainda salienta que nas permanências e transformações discursivas “se fundem tanto componentes subjetivos do narrador, como também os equipamentos culturais que condicionam a percepção da realidade”.¹²⁸

Para melhor conhecer o Brasil, Burton fez diversas leituras que segundo ele próprio o auxiliou a compreender com mais facilidade essas terras e essa gente. Em seu relato ele agradece um bibliotecário da Faculdade de Direito de São Paulo chamado José Inocêncio de Moraes Vieira, que o teria ajudado no empréstimo e na escolha de obras. Entre elas estão: *Voyages dans l'intérieur du Brésil em 1809 et 1810* de John Mawe; *Voyages dans la Partie septentrionale du Brésil*, de Henri Koster; as obras de Auguste de Saint-Hilaire, sobre Minas Gerais, Goiás e sobre o Rio São Francisco.¹²⁹ Outras obras e autores lidos por Burton são, James Henderson em *História do Brasil*, de 1821; *Viagem ao Interior do Brasil* de George Gardner;¹³⁰ Também menciona uma coleção publicada em 1812 pela Academia Real de Ciências de Lisboa, intitulada *Coleção de Notícias para História e Geografia das Nações Ultramarinas que vivem nos Domínios Portugueses ou lhes são vizinhos*. Em suas referências também encontramos Francisco Adolfo de Varnhagen, Henrique Guilherme Fernando Halfeld, Francis de Laporte de Castelnau, Robert Southey, John Lucock, Johann Baptist von Spix e Carl Friedrich Philipp von Martius. Também, José Bonifácio de Andrada, Cônego José Antônio Marinho, cujas obras são *Viagem mineralógica na Província de São Paulo* e *História do Movimento*

¹²⁸ SILVA. Op. Cit. p. 15

¹²⁹ As obras são *Voyage dans les Provinces de Rio de Janeiro et Minas Gerais*. Paris, Grimbert et Dorez, 1830; *Voyages dans le District des diamants et sur le litoral du Brésil*. Paris, Librairie Gide, 1833; *Voyage aux Sources du Rio de S. Francisco et dans la Province de Goyaz*. Paris, Arthur Bertrand, 1848; *Voyage dans les Provinces de Saint Paul et de Sainte Catherine*. Paris, Arthur Bertrand, 1851; Richard Burton lamenta ainda não ter encontrado as obras desse mesmo autor francês chamadas: *Flora Brasiliae Meridionalis*; *Plantes Usuelles des Brésiliens*; *Plantes les plus remarquables du Brésil et du Paraguay*. De certa maneira, percebemos o interesse de Burton pela botânica, éla vegetação, além das questões relacionadas às populações e aos povoamentos.

¹³⁰ Segundo Burton, esse autor passou pelo Império Brasileiro entre os anos de 1836 e 1841 que escreve muito relacionado à paisagem e à Botânica.

político que no ano de 1842 teve lugar na província de Minas Gerais, respectivamente; além dos diversos estudos sobre a língua Tupi e os relatórios e descrições sobre o Rio São Francisco.

Foi essa bagagem de leitura e informações que Burton levou consigo em sua viagem que tomava Rumo para Minas Gerais, partindo do Rio de Janeiro, num período de licença cedida junto a seu superior na Inglaterra. “Depois de dezoito meses tediosos gastos em Santos, São Paulo, foi-me, benevolmente, concedida licença para ausentar-me por Sua Excelência, Lord Stanley, Principal Secretário de Sua Majestade para os Negócios exteriores”¹³¹. Ao realizar diversas leituras, Burton teve uma dada percepção sobre a realidade; ao fazer a viagem e passar pelas experimentações, passou a ter outra visão que já não era mais aquela, fruto da leitura; conseqüentemente, ao lermos os relatos de Burton poderemos ter uma percepção diferente daquela que o viajante nos tentou propor. Dessa maneira concordamos com Roger Chartier em admitir que “as práticas de apropriação sempre criam usos ou representações muito pouco redutíveis aos desejos ou às intenções daqueles que produzem os discursos e as normas” ¹³².

Chegando ao Rio de Janeiro, após ter saído de São Paulo, Burton iniciou a sua jornada repleta de curiosidades e descrições dos lugares por onde passava. A cidade do Rio de Janeiro, segundo Burton

vista do bairro e posto da Prainha, aliás, Cais Mauá é a reprodução fiel de certos sítios anônimos do Tâmis, o pequeno cais sob uma cobertura de zinco, entre pilhas de sacos de café, cujos grãos espalhados pelo chão revelam que o implacável furador mergulhou em suas profundidades, retirou algumas amostras e levou algum café para o suprimento do lar”. ¹³³

Também observamos a minuciosidade e erudição de Burton em narrar os episódios e as paisagens, montanhas, árvores, ilhas, etc., não só no Rio de Janeiro, mas essa característica se aplica a todos os lugares por onde passou. Ao descrever o Morro da Saúde ele escreve que “encosta-se à praia, vestido de uma tanga de capim e árvores, enquanto atrás, elevando-se a grande altura, o gigantesco e isolado bloco que culmina no Pico da Tijuca, domina o cenário, como o monarca das

¹³¹ BURTON. Op. Cit. p. 35

¹³² CHARTIER, Roger. Textos, impressões e leituras. In: HUNT, Lynn. *A nova história cultural*. São Paulo: Martins Fontes, 1992. p. 221-234

¹³³ BURTON. Op. Cit. p. 36

montanhas que é”.¹³⁴ Wilton Carlos Lima da Silva menciona que o relato de Burton sobre o Brasil “apresenta uma desafiadora erudição, uma objetividade característica e um estilo literário que mesmo extenso e minucioso é sempre agradável” ¹³⁵.

Ao chegar a Petrópolis, Burton salienta que “não é coisa fácil encontrar-se, a menos de cinco horas do Rio de Janeiro, um lugar de gosto europeu, onde o exercício pode ser feito livremente e a gente possa dar o luxo de sentar-se sem ter suado” ¹³⁶ baseado em relatos de Croker Penell,¹³⁷ Burton comenta que “Petrópolis foi poupada da febre amarela de 1849-1861, e pela cólera de 1865”. ¹³⁸ Seu encantamento para com esta cidade pode ser explicado nas seguintes palavras:

Petrópolis – ou melhor, a “Cidade de São Pedro de Alcântara – data pode-se dizer, de 1844. É uma criança, mas bastante desenvolvida para já contar com uma câmara municipal e vereadores, autoridades policiais e todos os outros ingredientes do governo autônomo ou desgoverno. ¹³⁹

Ainda sobre as pessoas de Petrópolis Burton detalha a maneira como os percebia, ressaltando que “a população de Petrópolis não é menos agradável que a paisagem”¹⁴⁰ e que “os rapazes de cabelos brancos nos saúdam e as mulheres de fisionomia franca nos sorriem, e onde o sotaque da pátria chega aos nossos ouvidos como gratas reminiscências”. ¹⁴¹

Numa viagem de cerca de nove horas Burton percorreu cerca de 150 quilômetros de Petrópolis à Juiz de Fora, dividindo o “percurso em três seções: quarenta milhas de descida, vinte e uma de terreno plano no vale fluvial e trinta milhas de subida”. ¹⁴²

¹³⁴ Idem p. 37

¹³⁵ SILVA. Op. Cit. p. 221

¹³⁶ BURTON. Op. Cit. p. 43

¹³⁷ Em nota Burton cita Dr. Croker Penell, Rio de Janeiro, 1850; segundo o qual A febre amarela não se manifesta em altitudes elevadas, sendo assim a cidade de São Paulo também escapou da epidemia, por estar a 2.000 / 2.400 pés acima do nível do mar. Burton salienta, ainda, que na Venezuela a mesma febre alcançara até cerca do dobro dessa altitude. (notas do capítulo II, p. 45).

¹³⁸ BURTON. Op. Cit. p. 43

¹³⁹ Idem p. 44

¹⁴⁰ Idem

¹⁴¹ Idem. p. 44

¹⁴² Idem. p. 47

Prosseguindo sua viagem Burton menciona os morros íngremes que tinham de transpor, os quais eram “cobertos de brincos-de-princesa, ostentando lindos lírios, plantas parasitas e uma profusão de maracujás ou flores-da-paixão, nativas, um dos presentes do Novo ao Velho Mundo”.¹⁴³ Nas palavras do viajante:

Estávamos todos exaustos, e mesmo blasés, por doze horas de caleidoscópica viagem, para ver um caminho cuidadosamente cascalhado, com os dormentes e trilhos para uma estrada de ferro, na frente de uma cerca viva cuidadosamente podada, que protegia não um bem tratado parque, mas um brejo não drenado”.¹⁴⁴

Burton chama a atenção para as roças que se depara em sua viagem, diz ele ser algo bastante comum o roçado, no Brasil. Em nota o viajante faz questão de explicar que se trata de uma clareira para finalidades agrícolas, comparando até mesmo com as que ele tinha visto na África, nas proximidades das casas ou dos ranchos que abrigavam os trabalhadores. A “fazenda é a *hacienda* espanhola, a *plantation* de nossas colônias tropicais incluindo as terras e as casas. O proprietário é chamado de fazendeiro e a classe, no Brasil, representa a das famílias de proprietários rurais da Inglaterra e dos *planters* das Índias Orientais”.¹⁴⁵

Quanto à denominação exata de “Juiz de Fora”, Burton afirma que é “Cidade de Santo Antônio do Paraibuna”; e apoiado nas ideias de Koster, salienta que “como um juiz de paz em terras estranhas, cargo hoje obsoleto, sempre ali esteve presente nos tempos de antanho, tornou-se conhecida por aquela trivial denominação”.¹⁴⁶ Os edifícios públicos segundo Burton são modestos e “a prisão não guardaria um criminoso londrino durante um quarto de hora”.¹⁴⁷ A cidade de Juiz de Fora, na passagem de Burton estava preparada para uma festa em louvor a Santo Antônio, e o viajante observa atentamente a relação da cidade com seu padroeiro: “Santo Antônio, conhecido na Europa principalmente pelo seu relacionamento com porcos, aqui ele tem por dever arranjar noivos para as moças casadoiras e, se não cumpre esse dever, costuma ser espancado e obrigado a dormir no frio, ao ar livre”.¹⁴⁸

¹⁴³ Idem. p. 53

¹⁴⁴ Idem. p. 53

¹⁴⁵ Idem. p. 56

¹⁴⁶ Idem. p. 59

¹⁴⁷ Idem. p. 60

¹⁴⁸ Idem. p. 61

Numa manhã de segunda-feira, em 17 de junho de 1867, Burton se despediu de Juiz de fora e tomou rumo para a cidade de Barbacena e sem perder a erudição o viajante tratou de descrever a flora da região, especialmente aquilo que lhe chamou a atenção.

O primeiro trecho era de terras pobres, e a estrada seguia o vale do rio, as vezes cortando alguma encosta de morro que se projetava no vale. O mato estava coberto de orvalho e parecia branco, em consequência das folhas aveludadas do capim-gordura, assim chamado por ser gordurento e viscoso. O capim apresentava flores e sementes vermelhas, evocando a criação de gado, mas em poucas semanas fica seco e constitui, então, uma forragem pobre; as tropas de mulas irão sofrer, e devorar tudo o que encontrarem. Os botânicos o colocam entre as plantas que seguem os passos dos homens; ele cobre estradas abandonadas, ocupa o terreno quando roçado na mata virgem e toma posse dos campos que são deixados em repouso durante os cinco anos que seguem, em geral, a duas colheitas sucessivas.¹⁴⁹

Apoiado nos relatos de Saint-Hilaire, Burton comenta que a *ambitieuse graminée* não é uma planta nativa do Brasil, e que se tratava de uma vegetação típica das colônias espanholas; também conhecido como *Melinisminuti flora*, o capim-gordura é de origem é africana, porém, já naturalizada no Brasil.

Estando há três anos no Brasil, Burton afirma as dificuldades em relação às estradas, ele parece identificar que construir estradas no Brasil da época era um aspecto a ser melhorado. Segundo Burton “a argila vermelha que aqui, como na África cobre o esqueleto da terra, exige um revestimento sólido para que a estrada possa durar, e a macadamização é um processo dispendioso, que exige reparos constantes”.¹⁵⁰ Burton salienta ainda que de acordo com a opinião pública “uma boa estrada de rodagem é aquela que lhes permite cavalgar sua mula comodamente, pois seus pais fizeram tal coisa sem concertar as estradas e encurtar caminho, portanto, assim podem eles fazer, etc.”.¹⁵¹

Seguindo viagem, Burton parou em Retiro onde conheceu um conjunto de ranchos habitados por negros “que tinham hasteado um santo negro e um mastro de São João”.¹⁵² Nesse ponto da viagem, Burton avistou a serra da Mantiqueira sobre a qual já havia adquirido conhecimento em São Paulo. Quanto ao topônimo

¹⁴⁹ Idem p. 63

¹⁵⁰ Idem. p. 65

¹⁵¹ Idem. p. 65

¹⁵² Idem. p. 66

“Mantiqueira”, Burton diz não saber ao certo, mas acredita ser uma gíria local; em geral ela era traduzida como “ladroeira”. Mais uma vez Burton descreve a região:

Depois de avançarmos quase trinta quilômetros da crista da Mantiqueira e a cerca de 50 do nosso destino alcançamos a Borda do Campo. Uma denominação e uma natureza iguais encontram-se perto da cidade de São Paulo; ali, contudo, o campo começa perto da Serra da Mantiqueira, ao passo que aqui a Mantiqueira se interpõe. (...) No trecho seguinte, foi atravessado o Rio de Registro Velho, afluente do Rio das Mortes. Estávamos agora, portanto, na bacia meridional brasileira dos Rios Paraná, Paraguai e Prata.¹⁵³

Os campos encontrados por Burton são descritos como “mares de capim” e sobre eles o viajante diz que “parece desnecessário dizer que nada pode haver de mais puro do que o ar desses campos; o prazer de respirá-lo combate mesmo a monotonia de uma viagem em lombo de mula, e o viajante europeu nos trópicos recupera toda a sua energia, mental e física”.¹⁵⁴ Estando no décimo sexto dia de viagem, depois da partida do Rio de Janeiro, numa manhã de sábado de 29 de junho de 1867 Burton conta que foram convidados a montar a cavalo, a partir de Barbacena, sendo guiado por um homem que, segundo Burton, conhecia cada palmo do caminho.

Rumo à mina de ouro de Morro velho Burton observou atentamente a natureza e as paisagens: “galgamos, então uma subida de argila vermelha, descemos uma ladeira de igual formação, depois avançamos por uma íngreme elevação, chamada apropriadamente de Monte Vidéu”; para Burton esta vista teria despertado certo vislumbre, trazendo inclusive alegria aos corações daqueles que apreciavam a paisagem. Burton descreve que

em frente erguem-se as altas torres do paredão encimado pelo pico do Curral del Rei, com sua cruz de madeira. Mais perto e em um horizonte mais abaixo, fica o Morro velho, também corado por uma cruz e suportando nos ombros Timbuctu e Boa Vista, os bairros negros de casas de paredes brancas e telhados vermelhos.¹⁵⁵

Demonstrando a sua admiração pelo cenário o viajante ressaltou que “nada pode ser mais agradável do que aquele panorama, visto naquela clara manhã; aqueles, porém, que descem pela primeira vez envoltos no nevoeiro de Monte

¹⁵³ Idem. p. 70

¹⁵⁴ Idem. p. 79

¹⁵⁵ Idem. p. 172

Vidéu, estremecerão no umbral da Staffordshire brasileira: uma região negra”.¹⁵⁶ O autor não dispensou elogios às paisagens que vislumbra no decorrer de sua viagem para as Minas, segundo ele “há algo de inglês nessas casas bem cuidadas, tendo em frente canteiros de flores cercados de grades e um regato escuro em leito de ardósia; com um sabor de suíça na claridade do ar”¹⁵⁷; e continua descrevendo que “as esplêndidas trombetas brancas da *Datura*, vulgarmente chamada trombeteira erguem-se de massas de verdura, com quatros metros de altura (...) aqui pertence aos negros”.¹⁵⁸ Em nota, Burton esclarece que “trombeteiras” e figueira-do-inferno são os nomes gerais de todas as variedades de *Datura Stramonium*, um arbusto que, segundo ele teria vindo do Hindustão, provavelmente. O viajante já havia encontrado essa vegetação na Índia.

Wilton da Silva ressalta que no século XIX a natureza não apenas passa a ser acolhida como uma manifestação de beleza, “mas também como objeto de conhecimento, fonte de matérias primas e de amplo palco de extensas relações entre fenômenos naturais interligados, interdependentes e cíclicos”.¹⁵⁹

Mary Pratt chama a atenção para o fato de que logo depois da segunda metade do século XVIII, “muitos viajantes escritores vão se dissociar de tradições tais como a da literatura de sobrevivência, descrição cívica ou narrativa de navegação, pois se engajaram no novo projeto de construção do conhecimento da história natural”.¹⁶⁰ E no caso de Burton, especificamente, estas questões se acentual dada a forma detalhada como ele descreve a natureza; Silva o caracteriza como “um mestiço cultural, em que se apresentam todas essas formas de questões dentro dos seus relatos”.¹⁶¹

Além de aspectos relacionados à natureza nos extensos planaltos no Brasil, Burton também observou e descreveu o sistema de mineração e a vida nas regiões mineradoras. Burton descreveu três maneiras diferentes de como o ouro era encontrado, no sistema romano: “a primeira é levando a areia das águas correntes para o ouro de aluvião; a segunda é abrindo é abrindo cortes e procurando-o nos

¹⁵⁶ Idem. p. 172

¹⁵⁷ Idem. p. 175

¹⁵⁸ Idem. p. 175

¹⁵⁹ SILVA. Op. Cit. p. 215

¹⁶⁰ PRATT. Op. Cit. p. 55

¹⁶¹ SILVA. Op. Cit. p. 219

débris das montanhas e o terceiro é por meio de galerias escavadas a uma longa distância”.¹⁶² Em seguida o autor tece um comparativo com a mineração do Brasil em seu tempo:

A primeira exploração era simples levando-se em uma bateia e areia aurífera retirada do leito dos rios, e ainda veremos tal método praticado nos dias de hoje. O segundo método era o da lavra ou mineração superficial. O humo era arrancado com a enxada e o barro vermelho ou o cascalho auríferos divididos em quadrados e linhas, em cortes rasos. Os mineradores sempre escolhiam um plano inclinado, água de uma nascente era desviada para lá, através de taquaras cortadas pela metade ou tronco oco de árvores.

¹⁶³

Acerca da mineração do ouro pelos ingleses em Minas, Burton cita a primeira Companhia inglesa, datada de 1824, que “era conhecida como a Congo Soco, ou a Imperial *Brazilian Mining Association*”.¹⁶⁴ Em São João Del rei Burton visitou a companhia inglesa chamada “*St. John d’el Rey Mining Company*”, que, segundo Alexsander Lemos de Almeida Gebara, “igualmente às outras companhias mineradoras inglesas e, contraditoriamente aos ideais anti-escravistas da Inglaterra, utilizavam de mão de obra escrava para seus trabalhos”.¹⁶⁵

Eric Hobsbawm em *A Era do Capital*¹⁶⁶ afirma que desde a década de 1840, grande parte do excedente de capital na Inglaterra, advindos da Revolução Industrial, foram utilizados para financiar a construção de estradas de ferro, especialmente em regiões periféricas, entre as quais se encontra o Brasil. Burton aponta para um certo progresso em relação ao Brasil e aos Brasileiros, na citação seguinte percebemos a referência do viajante aos ideais de desenvolvimento e a construção de vias de comunicação e de transporte.

De interesse indefinível é a primeira vista de um recém nascido riacho nestas novas terras, sugestiva como a vista de uma criança, com a diferença que a fonte deve crescer até atingir a maturidade de um rio

¹⁶² BURTON. Op. Cit p. 181

¹⁶³ Em detalhadas notas Burton esclarece que o cascalho descrito ou também chamado de pedra de cascalho, ou ainda casculhão é uma espécie de saibro grosseiro composto de muitas variedades de quartzo, e que se supõe ser a matriz do ouro e do diamante. Idem. p. 181

¹⁶⁴ Idem. p. 182

¹⁶⁵ GEBARA, Alexsander de Almeida Lemos. *A Experiência do Contato: As descrições populacionais de Richard Francis Burton*. São Paulo, 2006. Dissertação de Mestrado (Mestrado em História) – Faculdade de Letras, Filosofia e Ciências, Universidade de São Paulo.

¹⁶⁶ HOBBSAWM, Eric. *A Era do Capital 1848-1875*. São Paulo, Paz e Terra, 2000.

(riverhood), enquanto a criança pode nunca se tornar um homem. Um panorama passa ante os olhos. O pequeno riacho descendo em seu canal irá presentemente tornar-se uma torrente de montanha com suas cataratas e inundações varrendo tudo a sua frente. Então, irá ampliar-se num rio majestoso, irrigando acres inestimáveis, suas margens vestidas de chácaras e clareiras, com campos e florestas e sustentando lugarejos e grandes cidades. Finalmente expande sua foz e aproxima-se do porto, ocupado com a atividade dos navios, o elo na corrente de comunicação que faz todas as nações irmãs e que deve civilizar, se ainda não civilizou a humanidade.¹⁶⁷

Podemos afirmar que o grande aporte financeiro advindo do capital inglês, colocou o Brasil numa dependência financeira com o país europeu. Segundo Rafael Souza, a crise na extração do ouro, verificada na segunda metade do século XVIII “em virtude do baixo conhecimento técnico e científico que impedia a extração do metal localizado a maiores profundidades, o século XIX presencia seu novo despertar com a introdução da tecnologia e capital inglês nesta atividade econômica”.¹⁶⁸

Gebara afirma que Burton, além de abordar os interesses ingleses no Brasil “também se alinha com parte da elite brasileira, em especial nos assuntos relativos à escravidão e ao negro”.¹⁶⁹ Burton faz algumas descrições a respeito da vida do mineiro branco do mineiro pardo e do mineiro negro; condições as quais, “nenhum país se iguala ao Brasil, como campo para o homem branco”.¹⁷⁰ Entre os brancos parece que Burton observa certa igualdade ao enfatizar que

Nos últimos tempos, caixeiros e mecânicos europeus têm-se casado, em via de regra nas melhores famílias. Neste mais democrático dos impérios, nesta monarquia rodeada de instituições republicanas, nesta república disfarçada

¹⁶⁷*Of undefinable interest is the first sight of a newly born stream in these new lands, suggestive as the sight of an infant, with the difference that the source must go to the riverhood, whereas the child may never become a man. A panorama passes before the eyes. The little stream so modestly purling down its channel shall presently become a mountain torrent with linns and kieves and cataracts and inundations that sweep all before them. Then will it widen to a majestic river, watering acres untold, its banks clothed with croft and glade with field and forest, and supporting the lowly hamlet and the mighty city. Last in the far distance spreads the mouth and looms the port, busy with shipping, the link in the chain of communication which makes all nations brothers, and which must civilize if it has not civilized mankind.* BURTON, Richard. *Explorations of the Highlands of the Brazil*, vol.1, p. 177.

¹⁶⁸ SOUZA, Rafael de Freitas. *O Cotidiano dos Mineiros da Mina de Passagem de Mariana – séc. XIX e XX*. Anais do I Colóquio do LAHES, Laboratório de História Econômica e Social – Juíz de Fora, 13 a 16 de junho de 2005. p. 01

¹⁶⁹ GEBARA. Op. Cit. p.

¹⁷⁰ BURTON. Op. Cit. p. 227

de império, todos os homens brancos, não todos os homens livres, são iguais, social e politicamente.¹⁷¹

A citação acima parece estar relacionada ao encantamento que o viajante tinha pelo Brasil e que ficava claro em seus relatos, em um dos trechos em que falava sobre a vida no Morro velho, ao se referir ao mineiro Branco ele afirmava que “em nenhum outro lugar um homem honesto e disposto ao trabalho terá mais oportunidade de prosperar, com um mínimo de dinheiro e de capacidade”.¹⁷² Ainda ressaltando as condições desses trabalhadores brancos ingleses Burton enfatiza:

Seria de supor-se que Morro Velho fosse um paraíso para aqueles que deixassem na Inglaterra a dura vida de mineiro. Apesar de estarem, os trabalhadores, em sua maioria, satisfeitos, segundo creio, não é da natureza humana, especialmente da natureza britânica deixar de resmungar na transição de “pão, cevada e nabo cozido” para carne de vaca e galinha.¹⁷³

Numa sucinta comparação entre trabalho dos operários da Inglaterra e os mineiros do Brasil Burton afirma que “aqui, o operário inglês só pode executar de dois terços a três quartos de sua tarefa normal na Europa”;¹⁷⁴ e continua dizendo que o mineiro “executa poucos trabalhos manuais e, dos quatorze ou vinte mineiros que ficam ao mesmo tempo no subsolo, a maior parte é constituída de supervisores, que marcam ou medem o trabalho dos negros”.¹⁷⁵

Ao se referir ao mineiro pardo, Burton menciona que “como seus companheiros brancos, eles podem fazer horas extraordinárias, sendo a jornada de trabalho de oito horas”.¹⁷⁶ Segundo o viajante, “os trabalhadores livres trabalham com muito mais energia e inteligência que os escravos”.¹⁷⁷

Burton se posicionava contrário ao tráfico de escravos vindos do continente africano, segundo ele os trabalhadores livres iria povoar os campos e desenvolver a agricultura, sendo esta uma grande potencialidade do Brasil da época. Todavia Burton parece defender a inferioridade dos negros africanos ao afirmar:

¹⁷¹ Idem p. 227

¹⁷² Idem p. 227

¹⁷³ Idem. p. 229

¹⁷⁴ Idem. p. 228

¹⁷⁵ Idem. p. 228

¹⁷⁶ Idem. p. 230

¹⁷⁷ Idem. p. 230

E aqui vemos, distintamente, diante de nós, a extinção da escravatura neste magnífico império. O negro importado, cativo, proscrito, criminoso vindo da África melhorou muito ao atravessar o mar. A raça superior que o admitiu, contudo, foi por ele altamente prejudicada, sob muitos aspectos, morais assim como físicos, principalmente indispondo-a contra todo o trabalho, e, em destaque, contra o melhor de todos os trabalhos em um país jovem: a agricultura.¹⁷⁸

Sobre o Brasil e o trabalho dos negros escravos, Burton comenta:

Nós ainda devotamos quinze navios de guerra, 1500 homens, e aproximadamente um milhão em dinheiro por ano, para sustentar um esquadrão sentimental ou de caixões (navios imprestáveis) que sempre se mostrou impotente para prevenir a exportação de negros, onde e quando as mãos negras tivessem demanda, e cujo principal efeito sobre a África Ocidental tem sido mimar Serra Leoa, esta Sodoma e Gomorra hamítica, encher alguns bolsos, agir como máquina política de jogar areia nos olhos públicos e grandiosamente aumentar a miséria do escravo e o infortúnio de seu continente.¹⁷⁹

Na opinião de Gebara “a questão da abolição da escravidão e das consequências futuras resultantes das instituições escravistas no Brasil estava colocada com especial ênfase desde a abolição efetiva da importação de africanos em 1850”.¹⁸⁰ Mais adiante o mesmo autor afirma que “o problema de como perpetuar uma estrutura de poder tradicional, criada sobre as relações escravistas, ao mesmo tempo em que se intentava constituir a imagem do Brasil como uma nação soberana e civilizada preocupava os idealizadores do Estado brasileiro”.¹⁸¹

Em um de seus posicionamentos Burton afirma que “o emprego da mão de obra livre em larga escala remediará muitos males que perduram no Brasil há três séculos”.¹⁸² De certa maneira ele entendeu que a entrada dos homens no sertão desde a época de Martin Afonso de Souza, se por um lado “foram maravilhosas as

¹⁷⁸ Idem. p. 230

¹⁷⁹ *We still devote fifteen vessels of war, 1500 men, and nearly a million of money per annum, to support a coffin or sentimental squadron, which has ever proved powerless to prevent negro export, wherever and whenever black hands were in due demand, and whose main effect upon west Africa has been to pamper Sierra Leone, that Hamitic Sodom and Gomorrah, to fill a few pockets, to act as a political machine of throwing dust into the public eyes, and greatly to increase the miseries of the slave and the misfortunes of his continente.* BURTON, Richard F. *Explorations of the Highlands of the Brazil*, “Ensaio Preliminar”. Apud GEBARA. p. 136.

¹⁸⁰ GEBARA. op. cit. p. 136

¹⁸¹ Idem. p. 137

¹⁸² BURTON. Op. cit. p. 231

adições à geografia e imensas descobertas de tesouro”,¹⁸³ por outro “os colonos se dispersaram até um ponto que provocou, como consequência, o semibarbarismo, e o sertanejo que não ouve o estampido de uma arma disparada pelo vizinho mais próximo”¹⁸⁴ e este deixou de explorar as riquezas que existiam nas regiões litorâneas.

Até hoje, a Serra do Mar, onde se avista o oceano, está coberta de florestas virgens; sabe-se que contém grandes depósitos minerais, mas raros são os casos em que uma parte deles foi explorada. Na presente situação do Império, constituiria um grande benefício nacional a centralização em torno de alguns pontos dominantes, a baseada em grandes vias de comunicação, fluviais e ferroviárias.¹⁸⁵

O próprio Burton confessa que a escravidão no Brasil é algo complexo de se compreender e que ele dispõe de pouco espaço em suas descrições, para um assunto tão importante e tão vasto como esse. Todavia, Burton declara: “Posso, contudo, afirmar, em resumo, que é difícil encontrar-se no país, um homem instruído que não deseje, com razão, vê-la abolida, se se puder encontrar um sucedâneo”.¹⁸⁶ Mais adiante Burton acrescenta que todos esperam pela abolição e pelo trabalho livre.

No dia 10 de julho de 1867, Burton deixou as minas e rumou para Roça Grande, Mariana e em seguida Ouro preto. Nota-se que o discurso de Burton vai se enveredando novamente para a observação da natureza, já que estando nas minas a sua percepção parecia mais relacionada às pessoas e às relações interpessoais e de trabalho, naquele espaço. Ao se referir ao clima da região, Burton ressalta as variações diárias e a constante incerteza sobre como seria o dia, pois, “ora é o sol da Itália, ora os nevoeiros da Inglaterra”. Sobre Ouro Preto Burton salienta que “o ligeiro contato com a sociedade nos deixou muitas impressões agradáveis, e custa-nos compreender aqueles viajantes que se queixam de que não é o estilo das coisas a que estão acostumados”;¹⁸⁷ mais uma vez nota-se a identificação de Burton com o Brasil, pelos lugares por onde passou. Ao citar a experiência de Saint-Hilaire,

¹⁸³ Idem. p. 231

¹⁸⁴ Idem. p. 231

¹⁸⁵ Idem. p. 321

¹⁸⁶ Idem. p. 234

¹⁸⁷ Idem. p. 307

Burton ressalte que esse viajante quase se tornou mineiro e que havia sentido falta da cordialidade quando saiu de Minas.

Depois de visitar diversos lugares, como as regiões mineradoras, as florestas, montanhas, vales e rios Burton ansiava pela chegada ao Rio São Francisco; no caminho encontrou uma pequena nascente do Rio das Velhas que, segundo ele, “a água era lamacenta, devido a lavagens do ouro mais acima e corria em um leito de argila e areia cor-de-rosa, pontilhado de quartzo branco – um riachinho bem caprichoso”.¹⁸⁸

Após uma quinzena em Morro Velho, um lugar que segundo Burton era acolhedor e que fazia bem ao viajante, ele partiu em viagem para Sabará donde fez os preparativos para descer o Rio das Velhas. De Sabará à Cuiabá o viajante teve a companhia de Mr. Gordon, isso no mês de Junho de 1867. Burton declarou que as viagens feitas de canoa pelo Rio das Velhas e pelo Rio São Francisco não são como uma viagem a passeio pelos Rios Tâmesa e Reno, mas sim muito sol, muita chuva, muitos ventos, esforços, provações, cansaço, riscos. Mesmo assim uma viagem, segundo o viajante, de rica experiência e que ofereceu emoção e animação ao construir a narrativa.

1.3.3. Sobre a natureza e o Rio São Francisco

Vale a pena lembrar que Burton chegou ao Brasil numa data bastante significativa, conforme ele próprio descreve como o dia em comemoração à gloriosa Independência do Brasil, que segundo ele “fora dignamente comemorado, com a abertura aos navios mercantes de todas as nações do Rio São Francisco e do Mediterrâneo de água doce do extremo norte”.¹⁸⁹

Além das questões diplomáticas em nome da Inglaterra, as pretensões de Burton eram conhecer as minas de ouro, percorrer as florestas observando e conhecendo a natureza e desbravar o Rio São Francisco, por ele chamado de Mississipi Meridional. O viajante afirma que esse rio era considerado popular entre os brasileiros “mas inacessível do ponto de vista geográfico”.¹⁹⁰ Para Burton, era

¹⁸⁸ Idem. p. 345

¹⁸⁹ Idem p. 21

¹⁹⁰ Idem p. 20

importante “visitar a futura sede do Império, junto à grande artéria, para assim tornar conhecida a vastidão de suas riquezas e a imensa variedade de suas produções, abarcando todo, desde sal até diamantes, que o homem possa desejar.”¹⁹¹

Depois de ter percorrido as regiões auríferas, conhecido cidades, experimentado hábitos alimentares, o trabalho nas minas, o acolhimento, autor ainda declara que,

Só em Minas Gerais, o viajante encontra uma região tão grande, um solo tão fértil e um clima tão salubre como os da Inglaterra, uma atmosfera de *aestaset non aestus*, onde a tirania dos ventos gélidos e dos frios precoces é desconhecida; e finalmente, um *fit habitat* – ou melhor o velho lar para o homem tropical mais nobre do futuro, quando as chamadas regiões temperadas já tiverem dado o que tinha de dar.¹⁹²

Burton, em sua obra intitulada *Viagem de canoa de Sabará ao Oceano Atlântico*, dedicou-se a descrever uma viagem fluvial, no percurso que dá nome à obra, pretendendo demonstrar, entre outras coisas,

a navegabilidade do Rio São Francisco, ao mesmo tempo que apresentava as possibilidades de desenvolvimento das regiões pelas quais passava, prevendo que este rio seria a grande artéria [como já mencionado] que escoaria as inumeráveis riquezas que futuramente seriam produzidas no Brasil.¹⁹³

Segundo Burton “há algo de majestoso no aspecto do São Francisco, cujas águas turvas, aqui se elevando, ali se abaixando, acolá correndo em silenciosa grandeza, espalhadas pela brisa suave e refletindo o ouro e o azul do céu, assumem um aspecto enraivecido, triste e implacável quando algum obstáculo de excepcional importância barra seu caudaloso curso”.¹⁹⁴

De maneira prática a partida de Burton de Sabará se deu em 7 de agosto de 1867, numa embarcação que “parecia uma arca de Noé”, segundo palavras dele próprio; em seu relato afirma nunca ter visto uma embarcação tão decrepita; ela era “semelhante a uma carroça de ciganos flutuante, coberta por um toldo, cerca de dois metros e trinta centímetros de altura e um de comprimento, assentando-se sobre

¹⁹¹ Idem p. 20

¹⁹² Idem p. 21

¹⁹³ GEBARA. Op. Cit. 135

¹⁹⁴ BURTON, Richard F. *Viagem de canoa de Sabará ao Oceano Atlântico*. Belo Horizonte, Ed. Itatiaia, 1977. p. 319

dois troncos ocos”.¹⁹⁵ Ele ainda relatava que para que uma geringonça daquela funcionasse, o rio precisava ser bem seguro. A viagem seguiu e o viajante ia aos poucos se acostumando com as aventuras do caminho, ora encalhava, ora o sol escaldante, o calor e assim Burton ia visitando lugarejos, fazendas, etc.; logo nos primeiros dias de viagem, passou por Santa Luzia e Jaguará.

Burton mais uma vez ressaltou a hospitalidade com a qual foi tratado nos lugares por onde passava. Ao longo de seu relato fica evidente a admiração pelo Brasil e pelos brasileiros. No trecho seguinte podemos perceber isso com certa clareza:

Regressamos desapontados a Jaguará, e foi com muito pesar que me separei de meus novos e simpáticos amigos, Dr. Quintiliano e Sr. Duarte. (...) A hospitalidade é o que mais retrata as viagens no Brasil. É o velho estilo da recepção colonial; a gente pode fazer o que quiser, pode ficar por um mês, mas não por um dia, e são desconhecidos os inospitais preceitos e práticas da Europa.¹⁹⁶

Depois de uma semana em Jaguará, sua partida se deu em 16 de agosto de 1867, numa manhã de sexta-feira.

Passando por Bom Sucesso, Rio Paraúna, Arraial dos Caboclos, Córrego do Vento, Serra da contagem, o viajante chegou à Diamantina em 27 de agosto de 1867. Dos três dias que passou em Diamantina, Burton demonstra as impressões que ficou da cidade, salientando que “os homens são os mais abertos, as mulheres as mais bonitas e as mais amáveis que eu tive a felicidade de encontrar no Brasil”.

¹⁹⁷

Wilton Silva faz questão de enaltecer a maneira como Burton produziu seus relatos, tratando de diferentes aspectos e características dos lugares visitados sem perder a minuciosidade e dando igual importância as distintas observações. Burton escreveu sobre espécies de animais, o clima, a caatinga, os cerrados, produtos agrícolas, plantas medicinais, entre outros assuntos. Para Silva,

O relato de Burton é um exercício de alternância entre o olhar microscópico e macroscópico, sem hierarquia entre eles, no qual um indivíduo ou costume, um detalhe arquitetônico ou uma formação geológica, uma palavra ou uma expressão idiomática, uma espécie vegetal ou animal estabelecem uma igualdade de destaque com os grandes eventos sociais e religiosos; a paisagem ampla e minuciosa e o papel de certa camada social, no lugar em

¹⁹⁵ BURTON. Op. Cit. p. 13

¹⁹⁶ BURTON. Op. Cit. p. 39

¹⁹⁷ Idem. p. 89

que está, são elementos que entram ao lado dos outros em pé de igualdade, recebendo igual tratamento descritivo.¹⁹⁸

Já em sete de setembro de 1867 Burton estava rumando de Bom Sucesso para a Corda do Galo. E sobre essa data, o viajante faz questão de enfatizar: “não esqueçamos de saudar a independência do Brasil”,¹⁹⁹ e continua explanando que “no intervalo de tempo que constitui a vida de um homem de meia idade, o país elevou-se de uma infância colonial a uma puberdade de um império poderoso, e a história registra poucos casos de um tão rápido e regular progresso”.²⁰⁰

Nas descrições de Burton percebe-se a ideia de desenvolvimento futuro, que o autor acredita ser tanto possível quanto próspera, especialmente em se tratando das navegações realizadas pelo Rio das Velhas e pelo Rio São Francisco. Ao final da navegação pelo São Francisco, em viagem de aproximadamente dois mil quilômetros, Burton saiu com as roupas todas rasgadas, parecendo um bandido dos sertões. Nessa ocasião o viajante teria ficado bastante doente, mas se recuperou após alguns meses de tratamento. Sua esposa destacou em suas anotações que mesmo tendo se recuperado, ele estava “magro e pálido, com a voz rouca, parecendo ter sessenta anos de idade, em vez de seus 47”.²⁰¹

Em linhas gerais concordamos com Silva ao afirmar que a narração de Burton sobre o Rio São Francisco foge do burocratismo e do tédio imposto pelo trabalho consular e ainda, analisar a viagem de Burton no Brasil e a navegação pelo Rio São Francisco, possibilita-nos um certo contraste. Pois, “trata-se de um encontro entre uma jovem nação, em caminhos de se civilizar, e um experiente viajante que se deleita com as belezas naturais, critica as formações sociais e vaticina soluções e perspectivas”.²⁰²

Tal embevecimento, segundo Silva, “é um dos elementos eu trazem para o texto de Burton a questão de suas ligações estético-literárias, quando ele descreve o ambiente agradável e belo que encontra, traduzindo a natureza como algo maravilhoso”,²⁰³ e também a simpatia e o acolhimento das pessoas.

¹⁹⁸ SILVA. Op. Cit. p. 227

¹⁹⁹ Idem. p. 136

²⁰⁰ Idem. p. 136

²⁰¹ RICE. Op. Cit. p. 398

²⁰² SILVA. Op. Cit. p. 238

²⁰³ Idem. p. 238

Burton afirmou que quando os viajantes visitam o Brasil pela primeira vez, eles esperam encontrar serpentes pelo caminho, e que para eles “toda aranha é mortal; desconfiam das intenções das baratas, e a picada de um espinho leva-os a achar que se trata da mordedura de um escorpião”.²⁰⁴ Nota-se que Burton se considera não apenas mais um viajante, mas se reconhecia como um sujeito familiarizado com o espaço e com as particularidades do Brasil, mais que outros.

Em 15 de setembro de 1867, Burton chegou ao Porto da Vila do Guaicuí, que segundo seu relato “é um barraco de argila, coberto de mato, através do qual foi aberto um caminho até a povoação, situada o alto”.²⁰⁵ Até o dia 18 de setembro, Burton ficou em Porto de Manga, que tratava-se de

uma povoação miserável, decadente, segundo tudo indica, condenada ao desaparecimento. Fica em cima de um barranco quase vertical de argila amarelo esbranquiçada, com 9 metros e setenta centímetros de altura, e as paredes das casas mostram a marca das águas a mais de 2 metros de altura. (...) A margem meridional lança no Rio São Francisco uma comprida língua de areia, que mal tem 12,5 centímetros de água nessa época do ano.²⁰⁶

Ao se despedir de Manga, Burton declarou que dará as melhores recomendações aos futuros viajantes; principalmente em se tratando da “homologia geográfica das populações ribeirinhas nas divisões setentrional e meridional”, que tem sido tratada por muitos viajantes e autores e na visão de Burton serão temas de futuros escritores.

Segundo Burton, o Rio São Francisco tinha sido, sem base científica, comparado com o Mississipi e com o Nilo. “Apresenta certa analogia com o Níger africano, mas não com qualquer rio da América do Norte. Um entre muitos, nasce ao sul, corre para o norte e ligeiramente para o nordeste e, quase no fim do seu curso, vira para leste e desagua no Atlântico”.²⁰⁷

A importância do Rio São Francisco, na visão de Burton, entre outros aspectos era o fato de possibilitar a comunicação,

ligando as regiões litorâneas e sublitorâneas com o sertão, o norte com o sul, facilitando o comércio e a colonização, evitando a escassez, ao assegurar os escoamentos dos excedentes das regiões centrais,

²⁰⁴ BURTON. Op. Cit. p. 152

²⁰⁵ Idem. p. 157

²⁰⁶ Idem. p. 159-160

²⁰⁷ Idem. p. 177

especialmente quando a irregularidade das estações na costa prejudica a agricultura ou quando a faixa marítima fica bloqueada.²⁰⁸

Burton afirmou que o Brasil era a terra dos grandes rios, mas que precisavam ser melhorados, no sentido de que pareciam ser ignorados em seu potencial; nas palavras do próprio viajante, “as vias fluviais foram deploravelmente negligenciadas, como na Índia Britânica”.²⁰⁹ O autor ainda acrescentou que em detrimento do financiamento, por parte da Inglaterra, para a construção das estradas de ferro, “os vários modos de comunicação foram concretizados no sentido inverso de seu mérito”.²¹⁰

No trecho seguinte Burton parece defender a navegabilidade do rio São Francisco apontando suas vantagens e viabilidades; o autor compara, inclusive com a Itália que teria explorado as águas antes de investir nas vias terrestres.

As comunicações pela água, vasto e econômico recurso, que deveriam ter sido empreendidas em primeiro lugar, ficarão para o último; as estradas limitam-se ao uso da mula ou do carro de boi; e o Império está ameaçado com um sistema ferroviário de incrível inépcia. Na Europa, a Itália é, talvez, o único país que faz explorações antes de abrir o solo. Aqui, a falta de uma comissão topográfica em larga escala, ameaçou Pernambuco de colidir com a estrada de ferro Baiana em Juazeiro e a Dom Pedro II de cortar a Mauá, e organiza-se uma campanha contra a Cantagalo e a Santos a Jundiá.²¹¹

Ao escrever essas palavras Burton pretendia mostrar como as explorações, ou melhor, as comunicações pelo Rio São Francisco, bem como os investimentos nesse setor eram, ainda, embrionário. Para ele “as comunicações, mesmo por vapor, não irão aumentar a população, exceto atraindo colonos; por outro lado, do mesmo modo que a estrada de ferro, as ligações fluviais beneficiarão a região, reunindo e centralizando as localidades”,²¹² especialmente aquelas que se encontravam dispersas e isoladas. Segundo Burton, a abertura do Rio São Francisco não apenas iria beneficiar as províncias de Minas Gerais, Pernambuco, Alagoas, Bahia, Sergipe, Piauí, Goiás, Ceará e Mato Grosso, como também seriam de grande contribuição para manutenção da integridade do Império.

²⁰⁸ Idem. p. 182

²⁰⁹ Idem. p. 182

²¹⁰ Idem. p. 182

²¹¹ Idem. p. 182

²¹² Idem. p. 189

Na sequência de sua viagem, Burton passou por São Romão, Januária; pelo Rio São Francisco Burton, mais uma vez relatou as paisagens ressaltando que “as margens eram achatadas e, em certos lugares, com magníficos canaviais e algodoads, mas, em geral, apresentavam matas de segundo crescimento, onde tinha havido esplêndidas florestas”. ²¹³

Mais uma vez notamos a comparação que Burton costuma fazer entre os lugares por onde passou, quando ele afirma que “a população do povoado está espalhada em casinholas de pau-a-pique, forrada de telhas ou de sapé”; ²¹⁴o autor continua narrando que “algumas mulheres que trabalhavam com renda de bilros, não estavam vestidas com muita decência e na margem do rio havia uma jovem amarela, de seio descoberto, como se estivesse na Baía de Biáfra”. ²¹⁵

Em primeiro de outubro de 1867, Burton já se encontrava em Carinhanha a caminho de Senhor Bom Jesus da Lapa e depois para o Arraial de Bom Jardim. Em seguida, Vila da Barra e Vila de Pilão arcado. Segundo Burton abaixo da Vila da Barra, o Rio São Francisco fica mais largo; os acidentes eram comuns, “difícilmente se encontra um barqueiro daquelas paragens que não tenha naufragado ao menos uma vez”. ²¹⁶ Tais impressões foram narradas por Burton em 10 de outubro de 1867.

Burton fez questão de ressaltar que as belezas das margens eram impressionantes, em relação às casas, plantações, fazendas, pastagens, etc. Podemos afirmar que a viagem de Burton representava uma mistura de aventura, perigo, emoção, alegria. Ora o viajante se deparava com belezas, ora narrava perigos enfrentados, dificuldades no percurso, sempre em tom poético e uma boa dose de erudição. Numa das ocasiões em que Burton admitiu ser o apogeu das dificuldades ele narrou a experiência de 4 de novembro de 1867:

Esse foi um dia crítico – o apogeu das nossas dificuldades com os rápidos; iríamos atravessar nove lugares perigosos, em seis ou sete léguas. A largura do rio variava constantemente, mas em geral o leito era excepcionalmente estreito, em virtude do aumento da declividade. A margem esquerda consistia em uma comprida fileira de pequenos morros, ao passo que a direita era, em plana e coberta de mato. O perfil do leito do rio é um plano inclinado de rocha e saibro, dividido em seções, por espaços planos. Ilhas compridas e ilhas curtas, rochedos e recifes, bancos de areia e baixos, atravancam o leito, e as ilhas são cobertas de belas matas. Há algo

²¹³ Idem. p. 206

²¹⁴ Idem. p. 208

²¹⁵ Idem. p. 208

²¹⁶ Idem. p. 259

demajestoso no aspecto do São Francisco, cujas águas turvas, aqui se elevando, ali se abaixando, acolá correndo em silenciosa grandeza, espalhadas pela brisa suave e refletindo o ouro e o azul do céu, assumem um aspecto enraivecido, triste e implacável quando algum obstáculo de excepcional importância barra seu caudaloso curso.²¹⁷

Trata-se, portanto de um trecho em que Burton tratou dos problemas enfrentados sem perder o estilo minucioso e agradável de seu texto. Segundo Wilton Silva, é a partir dessa “ambição de superar seus antecessores e de abarcar o todo que o texto de Burton é tecido: nos fios de sua erudição e sob seu olhar nômade e impuro é criada a fina tapeçaria do seu relato de viagem”.²¹⁸

Em início do mês de novembro de 1867, Burton chegou às cachoeiras de Paulo Afonso, onde marcaria o final de sua narrativa de viagem; ele faz questão de poeticamente declarar: “Eu aconselharia todos que visitam Paulo Afonso na época da seca, fazê-lo logo, com a ajuda de um mapa e de uma guia da Mãe das Cachoeiras, onde todas as águas descem ruidosamente se ajuntam afinal”.²¹⁹ Numa tentativa de comparar Paulo Afonso de outras cachoeiras que se deparou ele acrescenta:

Para admirar as cataratas como devem ser admiradas, penso – embora as opiniões possam divergir sobre esse ponto – que o melhor é começar pelo espetáculo mais belo, pela maior emoção, e não dispersar a capacidade de admiração, mental e física, antes de contemplar o aspecto mais imponente. Além do mais, aquele ponto revela mais claramente a formação que distingue Paulo Afonso de seus grandes irmãos ou irmãs.²²⁰

Nas palavras do viajante Burton, “se o Niágara é o monarca das cataratas, Paulo Afonso é incontestavelmente, o rei dos rápidos (...) mais singular e pitoresca, sendo não só maravilhosas como amedrontadoras”.²²¹ estando na região de Paulo Afonso, Burton declara que sua missão estava cumprida.

Desci o Baixo São Francisco mais descansadamente, guiado por Luís Caetano da Silva Campos, cuja amável senhora me fez sentir como se estivesse em casa. Tendo-me demorado em Penedo, encontrei o meu excelente amigo, A. Moreira de Barros, então Presidente de Alagoas, e visitei-o em sua capital, Maceió. Dali, com a ajuda de Hugh Wilson, viajei

²¹⁷ Idem. p. 319

²¹⁸ SILVA. Op. Cit. p. 247

²¹⁹ BURTON. Op. Cit. p. 345

²²⁰ Idem. p. 345

²²¹ Idem. p. 348

para Aracaju e a Bahia, de onde regressei, passando pelo Rio de Janeiro, a Santos (São Paulo).²²²

O relato de Burton sobre o Brasil e, aqui em especial, sobre o Rio das Velhas e o Rio São Francisco foi muito importante, não só pelas observações ricas em detalhes, mas por apresentar a navegabilidade daqueles dois rios e por, de certa maneira, apresentar essas artérias aos interessados na paisagem, na geografia e na história.

De volta a Santos, Burton deu sequência ao seu trabalho enquanto Cônsul, e também foi o momento em que ele organiza os relatos coletados e produzidos nas andanças pelo interior do Brasil. Os próximos escritos do viajante estariam relacionados à partida do Brasil, especificamente do Rio de Janeiro, rumo à Montevideu em agosto de 1868; ocasião na qual ele visitou os Campos de Batalha do Paraguai no contexto da guerra.

1.4. DO BRASIL À REGIÃO PLATINA

1.4.1. Do Rio de Janeiro à Montevideu

Durante os anos em que Richard Burton esteve no Brasil, ele viajou por seu interior, desbravando, se aventurando e conhecendo os vastos territórios, tanto regiões povoadas quanto as que ainda encontravam-se inabitadas. Já em meados de 1868, seu médico havia dito que não voltasse para a Inglaterra imediatamente; e acabou sugerindo que ficasse em descanso, que fosse visitar outro país, como Argentina, outra cidade como Buenos Aires. Nessa ocasião Isabel Burton, que acompanhou Richard Burton nas suas andanças, partiu para Londres para tentar publicar os manuscritos do marido sobre o Brasil, e também tentar lhe arranjar outro posto diplomático em outro lugar.

Com a partida de sua esposa para a Inglaterra, “Burton foi para o Paraguai onde se travava uma das guerras mais cruéis do século, que se originou de uma disputa de fronteiras entre o Paraguai e o Brasil”.²²³ Partindo do Rio de Janeiro,

²²² Idem. p. 353

²²³ GEBARA. Op. Cit.p. 398

Burton seguiu para o Uruguai, onde iniciou o seu interesse pela Guerra que envolvia as nações sul-americanas; a saber, Brasil, Argentina, Uruguai e Paraguai.

Uma carta escrita em 06 de agosto de 1868, endereçada a um destinatário anônimo Burton tratou da viagem do Rio de Janeiro a Montevideu, e logo no início fez menção a sua estadia no Brasil como Cônsul em Santos. Em escritos anteriores, Burton já havia feito algumas críticas à cidade de Santos, principalmente no que diz respeito à sujeira, a lama, problemas de ordem estrutural, entre outros aspectos relacionados ao estado da cidade. Parece que ele retoma tais críticas e observações na carta, especialmente quando se refere a ela como sendo um enorme lodaçal.

Com um estoicismo não menos raro que louvável e um prazer voluptuoso em abandonar aqueles velhos cenários e rostos tão familiares, cujos muitos encantos já começavam a saciar o paladar do viajante, pela última vez desci os tremendos declives da estrada de ferro Santos-Jundiaí e, ainda trêmulo, dei adeus a uma residência de três anos. Pela última dentre tantas vezes embarcamos em Santos, esse super lodaçal do Longínquo Oeste, particularmente fatal ao gênero europeu da espécie cônsul.²²⁴

A partida para Montevideu se deu a bordo do vapor *Arno*, da companhia *Royal Mail*, que segundo Burton, nada faz diante de um sistema de embarque e desembarque tão precário. Nesse caso, Burton comenta as demoras, as esperas tanto no Rio, como no litoral platino, por um serviço ineficiente segundo ele. Na tentativa de apresentar o serviço arcaico da companhia ele questiona:

Por que terá o público com destino ao exterior ser retardado quatro ou cinco dias no Rio de Janeiro, à espera da chegada do internacional *Arno*? Por que tratar o Rio como um porto internacional quando o grande vapor deveria era fazer dele sua escala final? Por que manter o *Arno* de 757 toneladas, que consome diariamente de trinta a trinta e duas toneladas de carvão, quando as máquinas aperfeiçoadas do novo vapor *Magellan*, da linha do Pacífico, fazem com vinte e cinco o trabalho de 3.500 toneladas? Além disso, por que a correspondência de Buenos Aires a destinada à pátria precisam passar dois dias em Montevideu? Por último, por que as malas postais embarcadas em Buenos Aires têm de chegar ao navio num bote a vela, atrasando constantemente o *Arno* em duas horas, e exigindo depois velocidade plena com maior consumo de carvão? O sistema de embarque e desembarque no litoral platino é por demais precário, mas a *Royal Mail* simplesmente nada faz.²²⁵

Apesar das observações e questionamentos, Burton faz questão de salientar o bom tratamento que teve a bordo do vapor e de outros que já haviam transportado

²²⁴ BURTON, Richard Francis. *Cartas dos Campos de Batalha do Paraguai*. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1997. p. 88

²²⁵ BURTON. Op. Cit. p. 88

o viajante. Burton ainda salienta que demonstra certa gratidão, ao tentar apresentar aquilo que precisa ser melhorado.²²⁶

Sem perder o caráter minucioso, em suas cartas Burton se mostra bastante detalhista em suas descrições. Quanto a sua partida do Rio de Janeiro ele relata que “era um dia cinzento aquela quinta-feira, quando a bandeira de partida foi acenada. O lindo rosto da baía de Guanabara exibiu-me uma carranca que não merecia”²²⁷. Declarou ainda que quando zarpou às oito horas da manhã “não havia nenhum sinal de sorriso”.²²⁸ Numa sucinta comparação com a capital Argentina, Burton faz questão de comentar:

Você precisa ver o contraste em Buenos Aires quando um velho habitué se despede. Ingleses e alemães se reúnem. (...) Cantam-se os hinos nacionais, seguidos de bravos vivos. Há farturas de beijos e abraços com o devido derramamento de lágrimas, não sem o acompanhamento de gorros e bonés acenando no ar.²²⁹

Durante a viagem para Montevideú, Burton observou os costumes dos estrangeiros que se encontravam no vapor, conversando, questionando as pessoas, ouvindo suas histórias, suas narrativas e anotando minuciosamente em seus relatos. Após um tempo de viagem a primeira vista de Burton foi o cabo Castillos Grande “onde os navios vindos da Europa se inclinam para oeste e se preparam para adentrar o rio”.²³⁰ Burton comentou ter ficado admirado “em não ver um farol na ilhota escarpada, arredondada e escura que se situa perto do litoral”.²³¹

Burton demonstrou sua aguçada percepção e localização geográfica, de certa maneira justificando o fato de ser chamado de geógrafo quando teceu uma sucinta análise sobre a maneira como reconhece o Uruguai como uma extensão do território do Brasil; a vista da costa já o permitiu verificar as terras Uruguaias dividindo com as terras brasileiras, segundo palavras dele próprio, sem contar os aspectos históricos já lidos por Burton antes mesmo de fazer a viagem. Na realidade essa era uma notável característica de Richard Burton.

²²⁶ Idem. p. 89

²²⁷ Idem. p. 89

²²⁸ Idem. p. 89

²²⁹ Idem. p. 90

²³⁰ Idem. p. 96

²³¹ Idem. p. 96

Quando passamos pela costa reconheço o país como sendo um prolongamento geográfico do Brasil. Os pequenos morros são, de fato, os dedos do pé da gigantesca Serra do Mar, as faldas orientais do Império do Cruzeiro do Sul, cujo paredão de pedra há tanto tempo nos vigia. Foi ocupado alternativamente desde 1806, por ingleses e espanhóis, por portugueses e tropas brasileiras. Os brasileiros dominaram-no por duas vezes e ainda sonham em tê-lo novamente – como um patriota russo, eu daria a vida por Istambul; como um persa, por Herat; e como um brasileiro pela Banda Oriental.²³²

Ao chegar a Montevideu Burton, em um estilo erudito, detalhista e poético, comentou a vista e as primeiras impressões: “uma atmosfera diáfana e clara como cristal realça todos os aspectos das vizinhanças do Fim do Mar”. Quanto à vista da praia Burton fez questão de declarar: “no horizonte oceânico do rio à frente o brilho do sol é temperado com uma brisa fresca, ao sopro da qual deslizam os pontos brancos das velas. A luminosidade das matizes da praia, a cidade sem fumaça, tudo se combina para formar um quadro encantador”.²³³

Burton escreveu em sua carta que a pequena república de Montevideu era uma espécie de Mônaco sul-americano, e também um anão entre gigantes, referindo-se aos países Brasil, Argentina e Paraguai. Ao chegar na *plaza* central, Burton se deparou com os obeliscos que fez questão de mencionar que aquilo fazia parte da história daquele território; a saber, as esculturas remetiam a momentos revolucionários cujos heróis são San Martin, Bolívar, Belgrano, Alvear, Lavallot, e outros. Segundo Burton,

As inscrições expressam alguma data importante, naturalmente deferindo nas diversas repúblicas; e a plêiade de comunidades sul-americanas “tem o que comemorar” quase todos os dias do ano. Assim, “25 de maio” (1810) é o “4 de julho” local em que se comemora a independência da Argentina, enquanto o “18 de julho” (1829) celebra a Constituição do Uruguai, aliás, a Banda Oriental. Esse “Lado Oriental” do Rio Uruguai – popularmente chamado a “Banda”- é quase sempre erroneamente chamado de Montevideu, como se Território de Utah se fundisse com Salt Lake City.²³⁴

As viagens de Burton são facilmente compreendidas em seus mínimos detalhes, especialmente pelo estilo com o qual o autor narra e descreva as suas experiências. Nos escritos desse viajante, conseguimos perceber as emoções traduzidas em palavras, bem como os espantos, as admirações, entre outros

²³² Idem. p. 97

²³³ Idem. p. 97-98

²³⁴ Idem. p. 100

sentimentos construídos em tom erudito e com inconfundível detalhismo. Conforma afirmava Renato Lemos “a infinidade de verbos que exprimem a riqueza contida no amplo arco que vai da trivialidade à nobreza da vida” ²³⁵. É nesse sentido que a obra de Burton é rica em informações oferecendo ao historiador, uma gama de possibilidades de estudo e análise.

²³⁵ LEMOS, Renato. *Cartas da Guerra: Benjamin Constant na Campanha do Paraguai*. Rio de Janeiro: IPHAN, Museu Casa Benjamin Constant, 1999. p. 07

CAPÍTULO II. AS CARTAS DOS CAMPOS DE BATALHA DO PARAGUAI: TESTEMUNHO, SUBJETIVIDADE E REPRESENTAÇÃO

2.1. VISITA AOS CAMPOS DE BATALHA DOS RIOS PARAGUAI E URUGUAI

Na obra *Cartas dos Campos de Batalha do Paraguai*, Burton reuniu relatos e descrições dos lugares por onde passou especialmente os países envolvidos na Guerra do Paraguai. Visitou os países beligerantes e produziu uma série de entrevistas com oficiais, governantes e “pessoas comuns”. Publicada pela primeira vez por *Tinsley Brothers* em Londres no ano de 1870 a obra trata de missivas endereçadas por Burton a um destinatário anônimo. Dessa maneira, refletimos a forma como Francisco Solano Lopez (governante paraguaio entre 10 de setembro de 1862 e 1 de março de 1870) é representado na obra de Burton, já que diversas concepções históricas abordam das mais distintas maneiras a figura de Lopez. Seja na historiografia brasileira ou não, são muitos os deslocamentos interpretativos sobre esse personagem ímpar na dita Guerra do Paraguai.

É importante destacar que o uso de cartas adquiriu um papel mais significativo a partir do século XVIII, especialmente na transmissão de experiências, emoções e na transmissão de sentimentos. Dessa maneira “o hábito da correspondência tornou-se mais difundido, alcançou diversas camadas sociais e constituiu-se em prática cultural bastante apreciada tanto na Europa quanto na América”.²³⁶ Essa tendência foi, com certeza muito significativa para o contexto de Burton, cujo relato epistolar é o ponto central de nossa análise. Embora não saibamos muito sobre a reciprocidade das cartas de Burton, devemos considerar que aquele que escreve carrega consigo o desejo de informar, relatar e da mesma forma receber um retorno, “pois o envio de cartas trazia implícito ou explícito um pedido de resposta na conversação realizada à distância”.²³⁷ Lembramos aqui do conceito de *habitus*, discutido no início deste trabalho; as cartas por sua vez expressam comportamentos, configurados por uma dada época, em que as ações, mesmo sendo individuais se inserem num grupo, num contexto.

²³⁶ PINSKY, Carla Bassanezi. LUCA, Tania Regina de. *O historiador e suas fontes*. São Paulo: Contexto, 2013. p. 196

²³⁷ PINSKY. Op. Cit. p. 197

Burton, na condição de narrador/escritor, ouvia o senso comum, conversava com pessoas, anotava as impressões transmitidas de boca em boca pela opinião popular, seja um soldado, um general, um brasileiro, um paraguaio, um viajante. Burton não se restringia em dar voz aos narradores anônimos, em levar em conta a contribuição de outros observadores ao produzir seu relato.

A experiência que se transmite de boca em boca é a fonte de que se servem todos os narradores. E os grandes entre os que registraram histórias por escrito, são aqueles que menos se distanciam de seus textos, do contar dos numerosos narradores anônimos. No entanto, estes últimos conformam dois grupos multiplamente compenetrados. É assim que a figura do narrador adquire sua plena corporeidade somente naquele que compete a ambas. 'Quando alguém realiza uma viagem, tem algo a contar', determina o dito popular, imaginando o narrador como alguém que vem de longe.²³⁸

O viajante Burton relatava suas experiências, mas também narrava os eventos sem tê-los vividos, apenas por ter relacionado as “entrevistas” que fazia com pessoas, pelos lugares onde passou. *“De esta manera, supropia huella por do quier está a flor de pielenlo narrado, si no por haberlo vivido, por lo menos por ser responsable de la relación de los hechos”*.²³⁹

Pode-se afirmar que o narrador viajante, na medida em que dá voz aos grupos e povos com quem convive e divide suas experiências, lhes garante também a reprodução de um discurso.

Ninguém, diz Pascal, morre tão pobre que não deixe algo atrás de si”. A memória é uma faculdade épica: ela conserva o narrado e permite sua reprodução. Dificilmente se leva em conta que a relação ingênua do ouvinte com o narrador está dominada pelo interesse de conservar o que é narrado.

²³⁸ BENJAMIN, Walter. *El narrador* (1936). Trad. Roberto Blatt. Madrid: Taurus, 1991. Disponível em: <http://bibliotecaignoria.blogspot.com/2009/11/walter-benjamin-el-narrador-1936.html>. Acesso em: 19/10/2015. Texto original: *La experiencia que se transmite de boca en boca es la fuente de la que se han servido todos los narradores. Y los grandes de entre los que registraron historias por escrito, son aquellos que menos se apartan en sus textos, del contar de los numerosos narradores anónimos. Por lo pronto, estos últimos conforman dos grupos múltiplemente compenetrados. Es así que la figura de narrador adquiere su plena corporeidad sólo en aquel que encarna a ambas. 'Cuando alguien realiza un viaje, puede contar algo', reza el dicho popular, imaginando al narrador como alguien que viene de lejos.*

²³⁹ BENJAMIN. Op. Cit. p. 06. Texto original: *De esta manera, su propia huella por do quier está a flor de piel en lo narrado, si no por haber lo vivido, por lo menos por ser responsable de la relación de los hechos*

O ponto inicial para o ouvinte sem prejuízos é garantir a possibilidade da reprodução. A memória é a faculdade épica que está acima de todas as outras. Unicamente graças a uma extensa memória, por um lado a épica pode apropriar-se do curso das coisas, e por outro lado, com a desapareição de estas, reconciliar-se com a violência da morte.²⁴⁰

Os relatos de viajantes, não são diferentes, dependem inevitavelmente da memória, assim como dos esquemas de classificação e representação do mundo social. O relato de Richard Francis Burton, entre outros viajantes que estiveram no Paraguai no período da Guerra, nos parece ser importante para o estudo da Guerra do Paraguai, uma vez que a narrativa de um viajante trata de diversas questões relacionadas ao conflito de forma despretensiosa, mas que ganham importância como fonte a partir do “fazer historiográfico”. A partir das literaturas de viagens, podemos analisar as representações de personagens envolvidos da Guerra, bem como as relações, as hostilidades produzidas no palco das batalhas, etc.

A passagem de Burton pelos campos de batalha do Paraguai, de certa maneira, nos permite identificar, as causas, as hostilidades e as curiosidades do conflito considerado por ele próprio, o de maior grandeza da América Latina; e nas suas próprias palavras, verificar os impactos e a “desolação aos belos vales dos rios Paraguai e Uruguai”.²⁴¹ O viajante ainda se surpreendia com a falta de interesse pela Guerra do Paraguai na Inglaterra e na Europa em geral. Burton relata que “são muitos os que na Inglaterra jamais ouviram falar dessa Guerra de cinco anos que hoje já parece ser uma instituição”.²⁴² Nas palavras de Burton, “até mesmo no Rio Paraná conheci um capitão experiente que apenas suspeitava que algo belicoso

²⁴⁰ Idem. p. 02. Texto original: Ninguém, diz Pascal, morre tão pobre que não deixe algo atrás de si”. A memória é uma faculdade épica: ela conserva o narrado e permite sua reprodução. Rara vez se toma cuenta que la relación ingênua del oyente com el narrador está dominada por el inter és de conservar lo narrado. El punto cardinal para el oyente sin prejuicios es garantizar la posibilidad de la reproducción. La memoria es la facultad épica que está por encima de todas las otras. Únicamente gracias a una extensa memoria, por un lado la épica puede apropiarse del curso de las cosas, y por el otro, com la desaparición de éstas, reconciliarse com la violencia de la muerte.

²⁴¹ BURTON, Richard. Cartas dos Campos de Batalha do Paraguai. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1997. p. 19.

²⁴² BURTON. Op. Cit. p.19

estivesse acontecendo entre as ‘nebulosas repúblicas’, porque seu contrato de fretamento aludia a um certo Bloqueio”.²⁴³

2.1.1. O contexto do Paraguai beligerante no relato epistolar de Burton

Para não perder o estilo minucioso, analítico e descritivo, Burton começa a descrever o próprio topônimo “*Paraguay*”; poderia significar “rio de penas”, por causa da variedade de plumagem de seus coloridos pássaros. Também poderia fazer alusão à variedade de flores existentes na região. A opinião popular, levada em conta por Burton, afirmava que se tratava da água da tribo indígena chamada Payaguá ou Canoa, encontrada pelos primeiros colonos espanhóis. Citando o Tenente Coronel George Thompson, Burto ainda aponta para a origem do termo ligada ao “rio que pertence ao mar (*Pará*, o mar, *gua*, pertence a, e y – pronuncia-se u – rio ou água)”.²⁴⁴

Os limites da República do Paraguai, são indeterminados, segundo Burton; assunto, este que o faria apresentar diferenças com as nações vizinhas, especificamente com Brasil, Bolívia e a Argentina. Ao descrever os limites do Paraguai Burton faz questão de detalhar:

O Paraguai alega estender-se entre os paralelos 22°58' S e 27°50' S; traça sua fronteira no Rio Paraná depois da confluência com o Rio Paraguai até a Cordilheira das Missões, daí até a linha do S, Antônio Mini até que ela incida no Rio de Curitiba, inclinando-se então, novamente à oeste Paraná acima e ainda mais a oeste pelo afluente Ivenheima (assim chamado pelos brasileiros o Igurey ou Yaguareí dos espanhóis) e, finalmente, sobre as montanhas até o vale do Rio Blanco (21°S). A oeste, a demarcação ainda depende de acordos com a Bolívia e ao sul, o Rio Bermejo separa o Paraguai da República da Argentina. Essa demarcação, que inclui o território contestado entre o Rio Blanco e o Rio Apa (o Riacho Torto, aliás Corrientes) e outros, inclui uma nesga de 860 léguas quadradas.²⁴⁵

Para Burton, tais circunstâncias observadas em sua geografia fazem da área da República do Paraguai um território disputado. A saber, a oeste faz limite com o Rio Gran Chaco; as fronteiras leste e oeste, o Rio Paraná, que separa o país da Argentina; e ao norte a fronteira com o Império do Brasil.

²⁴³ Idem. p. 19

²⁴⁴ Idem p. 28

²⁴⁵ Idem p. 29

Com relação à distribuição política, Burton cita que “o Paraguai consistia, em 1857, de vinte e cinco departamentos, inclusive um no Gran Chaco e outro na margem esquerda do Rio Paraná. Cada uma dessas divisões tinha uma ou mais cidades, aldeias ou capelas, com um comandante militar, um juiz de paz e um cura. A capital Assunção, totalizando em cerca de 12.000 almas”.²⁴⁶

Quanto à população paraguaia, Burton afirmava que podia ser dividida em quatro tipos diferentes: “As poucas centenas de brancos que formam a aristocracia de terra descendem do sangue azul da Espanha e da Biscaia, através de mulheres guaranis e de outras etnias indígenas, e mantiveram-se razoavelmente puros pelo casamento dentro de famílias”²⁴⁷ ou ainda com uniões entre europeus. Dessa maneira Burton compreende a nobreza como sendo os espanhóis. O mulato que também era chamado de orelhas pequenas, “é uma mistura do branco com o índio ou negro, por terceira ou quarta gerações”.²⁴⁸ Ainda a respeito do mulato Burton afirma que, “em geral ele permanece inferiorizado – um índio pode ingressar no sacerdócio; o mulato, não”.²⁴⁹

Burton faz questão de considerar que os paraguaios não compunham uma raça homogênea, apresentando, porém, notáveis diferenças entre seu povo. Burton, em seu estilo minucioso e descritivo detalha em seus relatos a forma como enxergava o povo paraguaio. Para o viajante Burton, o povo daquele país é um hispano-guarani, sendo muito mais um índio do que um espanhol.

O tipo é um tanto atarracado e corpulento mas bem distribuído, com pés e mãos bem torneados e configurados, e extraordinariamente pequenos. O crânio braquicéfalo é coberto por uma longa e estirada cortina de cabelos pretos e retintos, enquanto são raros a barba e bigode, a não ser no caso dos mestiços. O rosto é cheio. Achatado e redondo; os molares são altos e salientes; a testa é curta, contrastando acentuadamente com o queixo largo, comprido, pesado e superdesenvolvido; e os olhos são quase sempre oblíquos com os cantos puxados para fora, pupilas castanho claro ou castanho escuro, sombrancelhas bem marcadas e pestanas compridas, cheias e curvadas. (...) o nariz é grosso (...) O aparelho mastigador é formidável, com boca larga e grande.²⁵⁰

²⁴⁶ Idem p. 31

²⁴⁷ Idem p. 33

²⁴⁸ Idem p. 33

²⁴⁹ Idem p. 33

²⁵⁰ Idem p. 34

Quanto aos espanhóis, Burton aponta a semelhança com a “compleição do europeu puro, lembra aquele branco descorado com traços de amarelo que se observa na casta mais alta dos brâmenes de Guzerat e do Hindustão ocidental” ²⁵¹

Segundo Burton, antes da guerra, o paraguaio gozava de boa saúde, tanto que “os únicos remédios conhecidos no país constavam de diversos manuscritos de simples receitas, escritas por Sigismund Asperger, um padre húngaro que passou quarenta anos entre as missões de La Plata e que, depois da expulsão da ordem, morreu com 112 anos”. ²⁵²

No que diz respeito ao caráter do povo paraguaio, Burton aponta certa diversidade de relatos em que autores ora discordam ora apresentam pontos comuns.

Ele valente porque é bom”, dizia o Sr. Mansfield, exultante por encontrar um vegetariano e, ainda por cima, “um homem livre e tedioso vício do comércio lojista”. *Um peuple vertueux et vaillant*, endossa o General Pacheco. Já o brasileiro chama o paraguaio de o mulo teimoso, o cavalo que dá coice, ou um bêbado. As mulheres dão esse nome aos filhos travessos. Por outro lado os paraguaios hispânicos chamam os brasileiros de “rabilongos”, os de rabos compridos (macacos); e os de fala guarani, de cambahis, ou negros. ²⁵³

Sobre o comércio no Paraguai antes da Guerra, Burton salienta que apesar de ser nominalmente livre, o governo, na figura do presidente “possui mais da metade da superfície da República e é como o antigo imame de Muskat, o mais forte e o mais ativo dos comerciantes”. ²⁵⁴ Burton ainda afirma que “o país é, de fato uma grande estância da qual o supremo magistrado atua como proprietário”. ²⁵⁵ Trata-se de “um governo absolutista, uma autoridade suprema compra de seus súditos pelo preço que melhor lhe convém; vende o produto e emprega os recursos para manter certo nível de prosperidade”; ²⁵⁶ Burton cita ainda, uma agricultura precária e rudimentar observada por ele no Paraguai, e em conversas com pessoas com as quais se relacionava nas suas andanças. Para o viajante, uma agricultura em que “um arado de madeira é utilizado para remover a terra, limita-se a assegurar

²⁵¹ Idem p. 34

²⁵² Idem p. 35

²⁵³ Idem p. 35

²⁵⁴ Idem p. 40

²⁵⁵ Idem p. 40

²⁵⁶ Idem p. 40

subsistência, e mesmo antes da Guerra era considerada um trabalho de mulher”.²⁵⁷

O autor considera ainda que, “a permanente organização militar e o armamento excessivo sempre arrebataram a mão de obra cuja ausência, combinada com a seca e insetos, impossibilitaram os excedentes”.²⁵⁸

Sobre as exportações do Paraguai na metade do século XIX, Burton afirma que, os produtos para os quais existia um pronto mercado rio abaixo via-se da seguinte maneira:

Em 1846, quando foi fixada a atual tarifa de direitos de importação, a *yerba* ou chá do Paraguai tornou-se monopólio do governo, que o comprava de particulares a \$1 (f.) por arroba (25 libras) e o vendia aos negociantes exportadores a \$6 (f.). A erva era, de fato, ouro no bolso presidencial; sua superior qualidade colocava-a em permanente demanda por toda a América do Sul e prometia ser uma inesgotável fonte de riqueza. Graças a ela, o Paraguai, relativamente rico mas indubitavelmente pobre, nunca teve uma dívida pública, ao contrário dos seus estados vizinhos, cujas receitas e despesas eram desiguais, o que os tornava dependentes de empréstimos estrangeiros.²⁵⁹

O trecho acima nos permite uma análise da condição econômica dos países beligerantes, bem como a condição econômica que contextualizava Os países Brasil, Argentina e mesmo o Uruguai em relação ao Paraguai. Burton observava não um Paraguai rico, mas que, de certa maneira mobilizava recursos e estratégias próprias para gerar os lucros do Estado, enquanto as nações vizinhas já recorriam a empréstimos estrangeiros.

As importações no Paraguai, segundo Burton, “compreendiam todas as coisas que um país pobre e semicivilizado necessita: as armas sempre foram uma demanda especial – os paraguaios ocuparam Corrientes em 1849 mansamente para assegurar a livre importação de provisões bélicas”²⁶⁰. Até mesmo o cal era importada, mesmo com abundância desse material, no país. Segundo Burton, “os outros artigos eram principalmente secos e molhados: vinhos e licores, tecidos de seda, algodão e casimira, e ferragens”.²⁶¹

Após fazer observações detalhadas sobre a população, o comércio, entre outros fatores, Burton aponta para um breve resumo histórico do Paraguai, fazendo

²⁵⁷ Idem p. 40

²⁵⁸ Idem p. 40

²⁵⁹ Idem p. 40

²⁶⁰ Idem p. 41

²⁶¹ Idem p. 41

questão de mencionar a origem do país Guaraní. Os relatos de Burton parece bastante atuais se comparados aos estudos recentes, como, por exemplo a História das Relações Internacionais do Paraguai, por Ricardo Scavone Yegros e Liliana M. Brezzo, cujo prefácio foi escrito por Francisco Fernando Doratioto. Na referida obra lê-se que:

O Paraguai tornou-se independente de fato a partir de 1811, e de pleno direito a partir de 1813, mas somente conduziu ou buscou o reconhecimento internacional de sua independência a partir de 1842, desenvolvendo, para obtê-lo, uma ação diplomática que alcançou seu objetivo em 1852.²⁶²

Burton trata esse período como sendo a quarta fase da história do Paraguai; segundo ele, as épocas notavelmente distintas poderiam ser assim divididas: a Era da conquista (1528-1620), o período de Regime Colonial e Jesuítico (1620-1754), o governo dos Vice-reis (1754-1810) e a Era da Independência (1811). Este último período na época de Burton compreendia a segunda geração da República.

Nos relatos de Burton, na nova república o ideal de liberdade era algo que compreendia “fé, esperança e caridade sob um novo nome. Graças à sua influência, o primeiro congresso ou Assembleia Geral, que se reuniu de 17 a 20 de junho de 1811, dirigida à luta de Buenos Aires, definindo a ação adotada pelo Paraguai”.²⁶³

Mostrando as consonâncias de Burton com estudos contemporâneos sobre o Paraguai, Ricardo Scavone Yegros nos apresenta algumas noções acerca no que Richard Burton já considerava como transição do governo dos vice-reis para a era da independência do Paraguai; também a questão da produção da erva mate comentada nos relatos do viajante Burton.

Desde a conquista até sua emancipação política, o Paraguai fez parte do império colonial espanhol. Em 1810 era uma intendência dependente do Vice-Reino do Rio da Prata, na qual, sobretudo durante a última metade do século anterior, se haviam registrado grandes transformações administrativas, econômicas e sociais. A criação do vice-reino em 1776, o estabelecimento do regime de intendências, a abertura do porto de Buenos Aires e a eliminação das restrições internas ao comércio geraram no Paraguai um crescimento inusitado das atividades produtivas e do comércio com o exterior, que se dirigia principalmente até os portos de Buenos Aires e Montevideu, por meio da navegação dos rios Paraguai e Paraná. Não somente se incrementou a extração da erva mate, com a qual até então havia participado de maneira preferencial no comércio regional, mas

²⁶² YEGROS, Ricardo Scavone. BREZZO, Liliana M. História das relações internacionais do Paraguai. Brasília: FUNAG, 2013. p. 17

²⁶³ BURTON. Op. Cit. p. 57

também novos produtos, como as madeiras, o tabaco e os couros, adquiriram significação econômica. Isto permitiu que nas últimas décadas do século XVIII se generalizasse a circulação de moeda metálica e aumentasse a oferta de produtos manufaturados europeus em território paraguaio.²⁶⁴

Em seus relatos, Richard Burton descreve detalhadamente, ao seu estilo erudito, aspectos do Governo do ditador Francia, em seguida Carlos Antônio Lopez, até chegar à Francisco Solano Lopez que era o Presidente em sua época e no Período da Guerra. Sobre este governante trataremos mais adiante.

2.1.2. Os jesuítas no Paraguai e os antecedentes de Solano Lopez ao poder

É um erro popular, segundo Burton, supor que todo o Paraguai era ocupado pelos jesuítas. Para ele “a teocracia deles só se estendia a uma pequena parte da moderna república; por outro lado, sua influência era generalizada”.²⁶⁵ O clero “figurava no último estágio de corrupção e ignorância, exceto quando seus próprios interesses estavam em jogo”.²⁶⁶ De certa maneira Burton atribui certo atraso em relação ao povo paraguaio, enfatizando que tenham sido os jesuítas os responsáveis. Estes religiosos exerceram, segundo Burton, forte influência sobre a fé e a conduta dos paraguaios.

Numa de suas passagens a esse respeito, Burton afirma que “os jesuítas surgiram como taumaturgos, missionários e mártires; naqueles dias, eles lideravam o progresso e se empenhavam no avanço da ciência até que, sendo ultrapassado por esta, trataram de derrubá-la”.²⁶⁷

O sistema deles justificava expedições de caça à procura de almas para a igreja. Azara descreveu-lhes muito bem a engenhosidade em povoar a Missão de São Joaquim. Fundando igrejas e casas religiosas em cada cidade, eles monopolizavam a educação, a começar mesmo pela mais tenra infância. E graças às imensas propriedades territoriais, cresceram em influência e poder. Os Guaranis, ensinados a se considerarem uma raça escolhida, santa, privilegiada e eleita por Deus, além de se mostrarem maravilhados por serem tão patriarcalmente governados, como se o fossem por caciques, prostravam-se de corpo e alma diante dos padres; olhavam

²⁶⁴ YEGROS. Op. Cit. p. 18

²⁶⁵ BURTON. Op. Cit. 47

²⁶⁶ Idem P. 47

²⁶⁷ Idem P. 48

para eles como um cachorro olha o dono e a eles atribuíam a própria existência física, bem como a espiritual.²⁶⁸

Segundo Richard Burton “a educação nas missões era, no século XVII, a mesma que a república preservou no século XIX”.²⁶⁹ Burton continua salientando que “os jesuítas, que tinham uma universidade em Córdoba, na moderna província de Santa Fé, possuíam nas reduções seus próprios prelos e eram diligentes estudiosos dos dialetos nativos”²⁷⁰ que rapidamente aperfeiçoaram a língua por meio de gramáticas e vocabulários.

Burton aponta para o fato de que as missões do Paraguai tem sido descritas frequentemente de maneiras distintas e “na maioria dos escritos sobre as missões , especialmente aquelas inspiradas pelos jesuítas, dois aspectos importantes do sistema têm sido ignorados ou desconsiderados. Ao seu estilo descritivo e minucioso o viajante faz questão de relatar:

O primeiro é a organização militar que os pregadores de uma religião de paz e boa vontade entre os homens introduziram no seio de seus cristãos novos. Todos os adultos do sexo masculino eram arregimentados; as casas eram defendidas por fossos profundos e residentes pilaçadas; da Espanha foi obtida permissão para o fabrico de pólvora e armas de fogo, e quando esses apetrechos estavam em falta, os convertidos eram armados com seus tacapes e bordunas. A causa ostensiva era a hostilidade dos mamelucos, os audaciosos paulistas brasileiros, os pecadores e miseráveis paulistanos ou paulopolitanos aos quais Muratori ataca com os extremos do *odium theologicum*.²⁷¹

Burton faz questão de completar mais adiante que “movimento algum foi mais sistematicamente caluniado e deturpado do que as hostilidades levadas a cabo entre os anos de 1620 e 1640 pelo povo de São Paulo”.²⁷² Burton afirma ainda que a disputa era pura e simplesmente política; considera o autor que “a Coroa espanhola, que absorvera Portugal em 1580, estava invadindo rapidamente, por meio de seus propagandistas, como faz a Rússia na Ásia Ocidental, o território reclamado pertence aos paulistas;”²⁷³ e estes “que se mostravam verdadeiros patriotas nesse aspecto, estavam determinados a defender seu país de espada em pinho”.

²⁶⁸ Idem p. 48

²⁶⁹ Idem p. 50

²⁷⁰ Idem p. 50

²⁷¹ Idem p. 52

²⁷² Idem p. 52

²⁷³ Idem p. 52

²⁷⁴Entretanto, ao combater a invasão dos mamelucos, “a Companhia de Jesus tratou de formar, sob o controle de seu general, *um imperium in império* que, em 1750, podia resistir às diversas campanhas que se lhe moveram as armas unidas” ²⁷⁵ do Brasil, de Buenos Aires e Montevideú.

No que Burton chama de segundo aspecto característico das missões, ele afirma que o referido sistema “é o trabalho secreto dos missioneiros nas minas de ouro – um assunto mantido nas mas profunda obscuridade”. Para o viajante “muitos escritores, dos quais o último é M. Demersay, duvidam da própria existência dessas minas. Para eles, metais preciosos são um extrato agrícola” ²⁷⁶ porém, tais opiniões são de pouco valor na presença de autores mais antigos, a saber,

Sr. R. M. (Relato de uma viagem à Buenos Aires, 1716), que declara que as missões tinham minas de ouro, e do Sr. Davie (Cartas do Paraguay) que, viajando de 1796 a 1798, afirma que os padres das reduções tinham de 80.000 a 100.000 soldados disciplinados para defender suas minas. Esse último autor chegou a ver ouro puro sendo recolhido dos bancos do Uruguai, em cujo território, convém lembrar, existiam sete das trinta missões. Viajou imprudentemente pelas antigas missões num disfarce semiclerical mas, de repente, desapareceu sem deixar vestígio. Eu próprio já peguei um bloco de prata pura das montanhas de Corrientes, conhecidas como a *Sierra de las Misiones*, e um pintor francês de São Paulo, que também sabia da existência dessa prata, propôs explorar as escavações, partindo do Rio Grande do Sul com um grupo armado suficientemente forte para repelir os ataques dos índios hostis. ²⁷⁷

Quanto à descendência dos jesuítas, Burton faz questão de lembrar que “eram quase todos estrangeiros – italianos, franceses, alemães, portugueses, ingleses e irlandeses”. ²⁷⁸ A era do progresso, segundo Burton, “pareceu ter alvorecido, mas para as missões veio carregada de miséria”. ²⁷⁹ O autor ainda afirma que “enquanto o Paraguai eclesiástico estava assim caminhando para o declínio e a queda, o Paraguai leigo, sujeito ao vice-reinado do Peru, avançava lentamente na

²⁷⁴ Idem p. 52

²⁷⁵ Idem p. 52

²⁷⁶ Idem p. 52

²⁷⁷ Idem p. 53

²⁷⁸ Idem p. 53

²⁷⁹ Idem p. 53

escala colonial”.²⁸⁰ O primeiro vice-rei das províncias do Rio da Prata “designado em 21 de março de 1778, foi o Tenente-General D. Pedro de Zaballos”.²⁸¹

A província do Paraguai, berço da colonização espanhola naquela região, tal como afirmou Richard Burton “um estado mediterrâneo distante dos oceanos e dos portos platinos frequentados pelos europeus, isolado do mundo e profundamente debilitados pelo socialismo jesuítico”,²⁸² devia as suas vantagens ao clima ameno, à fertilidade do solo e “à vida simples e fácil que, embora relaxada, até certo ponto protegia a população”.²⁸³

O que Burton considerou a quarta fase da História do Paraguai, “começou em 1811, com o nascimento da república que hoje compreende quase duas gerações”.²⁸⁴ Cinco anos depois, no dia 1 de maio de 1816, o quarto congresso geral de representantes do povo “reuniu-se em Assunção e elegeu o Dr. Francia como Ditador perpétuo da República; já não era *Usia* ou *Vuestra Señoria*; tornava-se *Excelentíssimo* e *El Supremo* – naquele tempo um título reconhecido”.²⁸⁵

Burton observa a maneira como o ditador Francia exercia domínio sobre os paraguaios e ambicionava o poder, de tal maneira a levar o povo a certo preconceito com os não paraguaios, como se fossem superior aos demais povos.

O ditador aparentemente impassível e fleugmático, era sensibílíssimo a qualquer coisa que lembrasse pretensão a predomínio, superioridade ou influência de estranhos. Sentia-se na carne os insultos da imprensa estrangeira, sempre pronto a demonstrar menosprezo pelas mais indiferentes ações dos *tegues*, isto é, todos aqueles que não são paraguaios. Estimulava, inclusive os preconceitos do povo que logo aprendeu a considerar-se o primeiro do mundo, ao qual todos os outros deveriam, se permitido, prestar homenagem.²⁸⁶

Burton afirma que na metade do século XIX “as relações diplomáticas com potências estrangeiras, foram implacavelmente rompidas”²⁸⁷; o Ditador Francia se pronunciava à população declarando que “tivera o cuidado de proporcionar a

²⁸⁰ Idem p. 53

²⁸¹ Idem p. 53

²⁸² Idem p. 54

²⁸³ Idem p. 54

²⁸⁴ Idem p. 55

²⁸⁵ Idem p. 62

²⁸⁶ Idem p. 64

²⁸⁷ Idem p. 64

liberdade à civilização”²⁸⁸. Defendia, ainda, sua incomunicabilidade apontando para as “desastrosas revoluções e as guerras fratricidas nas quais o federalismo e um abuso chamado liberdade afogavam as repúblicas vizinhas”.²⁸⁹ Anedoticamente, Burton ainda declara que, “naquele retirado reino dos jesuítas, ele podia mostrar ao mundo a única exceção à anarquia republicana, um povo tranquilo e poderoso, contente e até feliz”.²⁹⁰

Na análise de Richard Burton a república do ditador Francia era “uma reprodução, num molde até mais rigoroso do sistema de redução jesuítica, que só prosperou porque a mentalidade popular estava preparada para ela”.²⁹¹

De certa maneira o que Burton chama de semibarbarismo do povo paraguaio estava estreitamente ligado às ações dos jesuítas naquela região, uma vez que a obediência fazia parte do legado deixado pelas reduções e um modo de vida eclesiástico. Entre outras análises do governo de Francia, o viajante completa:

Outros, costume dizer, que acusam Francia de ter governado mediante o estímulo a uma profunda corrupção moral; mas provavelmente, o sistema de governo eclesiástico, que tudo permite aos que crêem, temem e confessam, deixou-lhe pouca virtude a ser pisoteada. E ainda aqui ele poderia dizer com Solon: Não lhes dei as melhores leis possíveis, mas aquelas leis que melhor lhes convém. Como tem sido comprovado pela lógica dos fatos, o povo revelou-se entusiasmado, tanto pelo sistema quanto pela administração. É um povo lastimável mas, como um mísero amolador de faca, não se lastima de coisa alguma. Estava e ainda está, sem dúvida alguma, num estado de semibarbarismo, embora prefira sacrificar a vida a abandonar os costumes de seus ancestrais e a trair o que se poderia chamar de seu credo político.²⁹²

Burton fez questão de mencionar em seus relatos, detalhes da morte do ditador Francia e, ao seu estilo minucioso e descritivo nos permite imaginar o episódio: “no dia 20 de setembro de 1840, o Dr. Francia, investindo contra seu *curandero* ou médico para atacá-lo a sabre, sofreu um colapso. O homem da sangria chamou o sargento da guarda, que se recusou a entrar na sala sem permissão”.²⁹³

²⁸⁸ Idem p. 65

²⁸⁹ Idem p. 65

²⁹⁰ Idem p. 65

²⁹¹ Idem p. 65

²⁹² Idem p. 65-66

²⁹³ Idem p. 66

O supremo morreu às 9 da manhã com idade de oitenta e três anos ²⁹⁴, depois de um reinado de praticamente trinta. Não designara sucessor dando a entender astutamente que talvez não precisasse de herdeiros. Sua última ordem foi determinar a morte de um inimigo. Não fez testamento, não guardou documentos e deixou cerca de um milhão de dólares no tesouro nacional. Cedo adotara o excelente plano, para um tirano, de destruir todos os seus bandos ou decretos que lhe eram devolvidos com a anotação “executados” à margem. Era muito afeiçoado às mulheres – quanto maior o homem, mais cálidas são suas paixões – sem dúvida o instinto que haveria de multiplica-lo. Deixou vários filhos ilegítimos aos quais jamais reconheceu, tendo posto em prática, desde muito cedo, o ditado “*Neque nubent, neque nubentur*” ²⁹⁵. Muitos casais que tinham famílias aproveitaram-se da morte dele e trataram de se casar. Foi enterrado na Catedral de Assunção, mas não se reconhece hoje o exato lugar. Segundo o Sr. Mansfield e o tenente Coronel Thompson, os restos de El Defunto – seu novo título – foram raptados da sepultura por inimizade pessoal. Isso é pouco provável num país onde, por anos a fio depois de sua morte, os homens ainda se descobriam à menção de seu nome. ²⁹⁶

Depois da morte de Francia, Carlos Antônio Lopez assumiu como presidente no Paraguai e, nas palavras de Burton, “não encontrou pela frente nenhum trabalho fácil”.²⁹⁷ A ditadura só havia deixado ruínas por isso o novo presidente deveria ser o organizador que o Paraguai precisava. Segundo Burton, Lopez I “desejava romper as correntes que seu antecessor forjara para retirar o Paraguai de sua concha”. ²⁹⁸ Burton afirma que o velho Lopez tinha plena consciência de que “a liberdade era perigosa, depois de anos de escravidão e que um liberalismo exagerado poderia, do decurso de uma relação, tomar o lugar do terrorismo conservador”. ²⁹⁹

Segundo os escritos de Richard Burton, as dificuldades de Lopez I aumentaram com a hostilidade de Buenos Aires, fato este que o obrigou a manter o exército. Este que, “começou com 3.000 soldados, recrutados por apenas três anos, mas logo conseguiu reunir uma força de 8.000 regulares, uma milícia efetiva de 30.000 homens e *uma levée en masse* na retaguarda”. ³⁰⁰

²⁹⁴ A data de nascimento de Gaspar Rodriguez de Francia é um ponto controverso entre vários autores que escrevem sobre o ditador; alguns afirmam sua idade de morte como sendo aos oitenta anos, outros oitenta e um, variando até os oitenta e cinco anos de idade.

²⁹⁵ O termo significa: nem casam nem se deixem casar

²⁹⁶ BURTON. Op. Cit. p. 66

²⁹⁷ Idem p. 70

²⁹⁸ Idem p. 70

²⁹⁹ Idem p. 70

³⁰⁰ Idem p. 70

Na metade do século XIX, há cerca de duas décadas antes da Guerra o Presidente Lopez declarou o Paraguai aberto para comércio e para residência aos estrangeiros. Nessa ocasião, “o ditador Rosas negou ao Paraguai o direito de trânsito, enquanto este permanecesse indiferente às Províncias Argentinas; e acabou decretando a proibição de todas as suas exportações, mesmo em navios neutros, na esperança de isolá-lo de seu principal freguês” ³⁰¹, nesse caso, o Brasil.

Na sequência de seu relato, Burton comenta a impulsividade do Presidente Lopez, bem como o início do que ele próprio chama de uma declaração formal de guerra. O impulsivo Presidente, sentindo-se insultado com tal procedimento, respondeu em 4 de dezembro de 1845 com uma declaração que começava da seguinte forma:

Viva a República do Paraguai! Independência ou morte, e ameaçava com uma invasão. Após reforçar sua vanguarda, a Província de Corrientes, que vinha de apresar embarcações argentinas, tratou imediatamente de mandar contra Oribe, o lugar-tenente de Rosas, um primeiro *corps d'armée* sob o comando do primogênito, o Brigadeiro Francisco Solano Lopez, então um jovem de dezoito anos. Essa força foi atacada pelo exército de operações de Buenos Aires em janeiro de 1846, tendo sido obrigada a retirar *re infecta* para longe do Rio Paraná, sobretudo pela traição, diz-se, do governador de Corrientes, Madariaga. Em setembro de 1846, o Presidente Lopez pôs cobro ao caso com a declaração de que o Paraguai permaneceria definitivamente neutro, deixando à República da Argentina a solução de suas próprias disputas. ³⁰²

As relações com o Brasil também se tornaram, de certa maneira insatisfatórias, segundo Burton, “quando o Império mandou um enviado plenipotenciário, o Almirante Pedro Ferreira de oliveira, com dez vasos de guerra e navios de transporte, com a missão de resolver questões de tráfego e de limites territoriais”. ³⁰³ Burton cita que o Presidente Lopez “tratou imediatamente de acionar as barreiras da velha *Guardia* de Humaitá, instalada no lugar de uma penitenciária fundada em 1777 contra os índios do Gran Chaco, por D Pedro I de Zabellos, e destinada a ser comentada em todo o mundo em 1867”. ³⁰⁴

Segundo o relato de Burton, “no dia 15 de agosto de 1862, o Presidente Lopez I, por um ato secreto nomeou seu filho mais velho como vice-presidente.

³⁰¹ Idem p. 70

³⁰² Idem p. 71

³⁰³ Idem p. 74

³⁰⁴ Idem p. 74

Morreu com idade de sessenta e nove anos, depois de pertinaz doença no dia 10 de setembro” ³⁰⁵ do mesmo ano. Esclarecendo alguns detalhes Burton mencionou que “o corpo foi embalsamado e um ofício solene foi celebrado na catedral de Assunção e na igreja de La Trindad, por ele próprio construída. O primeiro presidente paraguaio foi enterrado sem mausoléu”. ³⁰⁶

Com a morte de Lopez I, assumiu, com pouco mais de dezessete anos Francisco Solano Lopez, que desde a mais tenra idade já costumava participar das questões do governo de seu pai. Burton afirmou que ainda “em 1845 iniciou sua carreira comandando o Exército Expedicionário paraguaio que marchava sobre Corrientes” ³⁰⁷. Em outro trecho Burton completou enfatizando que “em 1849, pacificou as terras entre os rios Paraná e Uruguai até o distante Cuais” ³⁰⁸.

O Paraguai de Francisco Solano Lopez ficou caracterizado pelo desejo de promover a guerra, de iniciar o embate contra seus vizinhos. O Presidente Lopez II levou o seu país a deflagrar um conflito em que todos saíam como perdedores, especialmente se levado em conta as baixas populacionais sofridas em combates.

2.2. BURTON E SOLANO

Burton não escondeu sua opinião sobre Francisco Solano Lopez: “sua aparência não é desagradável, embora ultimamente tenha se tornado corpulento depois de ter sido um jovem esbelto e ativo” ³⁰⁹. Burton afirmou que “há pouca dúvida que ele pensava em travar uma guerra de autopreservação contra seus inimigos mortais do Partido Liberal, que ameaçavam encurralá-lo imediatamente” ³¹⁰. Segundo o viajante, ele teria declarado: “se não travamos uma guerra contra o Brasil agora, teremos de travá-la numa época bem menos conveniente para nós” ³¹¹.

Num retorno à cidade de Buenos Aires, Burton escreveu no dia 20 de setembro de 1868, a 22ª missiva com o título, “A conspiração às atrocidades de

³⁰⁵ Idem p. 76

³⁰⁶ Idem p. 76

³⁰⁷ Idem p. 77

³⁰⁸ Idem p. 77

³⁰⁹ Idem p. 78

³¹⁰ Idem p. 82

³¹¹ Idem p. 82

Lopez”. Embora já tivesse citado o governante paraguaio em diversas cartas anteriores, nesta, ele conversa com pessoas que estiveram ligadas diretamente à Solano Lopez, entre eles o Tenente-Coronel Thompson, Charles A. Washburn, entre outros. O primeiro teria sido abordado por Burton ainda no Paraguai, mas esse oficial, quando perguntado sobre as crueldades de Lopez, disse à Burton “sei muito pouco sobre o assunto e provavelmente ninguém sabe muito” ³¹² Burton decidiu então buscar informações a esse respeito, fora do Paraguai.

A partir de fevereiro de 1868 o exército aliado começou a espalhar notícias a respeito de alguns atos cruéis por parte de Lopez, mas seriam apenas rumores até esse momento, “por essa época o exército aliado começou a escutar uma sucessão de rumores no tocante a torturas e execução de paraguaios e também de funcionários estrangeiros refugiados” ³¹³. “O assunto era novo. Até então o Marechal-Presidente preservava um certo espírito de moderação e, a despeito das notícias que sempre ganham asas a respeito do inimigo, não podia ser acusado de crueldade” ³¹⁴.

Burton ressaltou que no ano de 1864, mais precisamente no mês de julho a obra de Mr. M. Mulhall intitulada *The Cottonfields of Paraguay and Corrientes*, dava conta de enaltecer o governo de Lopez frente a suas nações vizinhas. Na referida obra lia-se o seguinte: “Agradei ao presidente por sua gentileza e retirei-me muito disposto a julgar favoravelmente um país com um governante tão inteligente, afável e progressista”. ³¹⁵ Em outro trecho da obra Mulhall ainda acrescentava que o governo do presidente Francisco Solano Lopez, além de ser o mais adaptado ao povo paraguaio, tratava-se de “um modelo de ordem e progresso que as administrações argentinas, uruguaias, bolivianas, chilenas, venezuelanas, colombianas e outras da América do Sul poderiam vantajosamente imitar” ³¹⁶.

Burton mencionou a informação dada pelo Tenente-Coronel Thompson de que após a vitória na Batalha do Riachuelo em 11 de junho de 1865, pela Tríplice Aliança, o Presidente Lopez fez ver aos estrangeiros que ficara muito aborrecido ao saber que um marinheiro foi fuzilado por covardia na noite em que os navios

³¹² Idem p. 384

³¹³ Idem

³¹⁴ Idem p. 348

³¹⁵ Idem p. 348

³¹⁶ Idem p. 348

voltaram a Humaitá, tendo sido colocado na cadeia durante a ação. Mas que, “sendo o caso com foi não lhe restava outra solução” ³¹⁷. Talvez uma informação que revela certa frieza de Lopez quando julgava necessário.

Sobre o temperamento do marechal presidente, Sir Richard Francis Burton ainda mencionou que, “a suspeita de traição e a firme determinação de combater até o último homem parecem ter influenciado desfavoravelmente o marechal-presidente” ³¹⁸. Segundo Burton “acredita-se que geralmente por essa época, ele se tornara viciado em vinho do Porto e tomado de crises de religiosidade” ³¹⁹, fatores estes que poderiam ter promovido uma possível influência desfavorável à Lopez, tal como já afirmava Burton.

Burton descreveu as impressões dos aliados a respeito de Lopez, na ocasião em que percorreu os campos de batalha e conversou com combatentes dos países envolvidos no conflito, entre agosto e setembro de 1868. Mas a opinião popular era bastante confusa a respeito do governante. Segundo Burton “todos estavam falando da matança que envergonhava o governo dele, e como de hábito falou-se tanto que a parte menos crédula do público começou, a não dar crédito às notícias”. ³²⁰ O autor continuou mencionando que “as vítimas eram mortas e novamente trazidas à vida por meia dúzia de vezes no decurso de um ano”.³²¹ Burton relatou que quando deixou o Paraguai pela última vez as pessoas, de modo geral, ainda hesitavam no que acreditar, e demonstravam bastante confusão no que realmente acreditavam em relação ao governante Lopez.

A tribuna de Buenos Aires, em 20 de fevereiro de 1869 “publicara uma longa lista de mortos e assassinados dando a entender que se tratava de uma transcrição do diário do General Resquin, que começava no dia 31 de maio de 1868”. ³²² Entretanto, o próprio jornal era olhado com certa suspeição, pelos paraguaios, pois poderia se tratar de uma estratégia de guerra.

Burton mencionou uma ilustre e importante testemunha, que segundo ele é de grande importância para pensar o comportamento de Lopez, principalmente com

³¹⁷ Idem p. 348

³¹⁸ Idem p. 348

³¹⁹ Idem p. 348

³²⁰ Idem p. 349

³²¹ Idem p. 349

³²² Idem p. 349

os estrangeiros. Tratava-se de “Charles Ames Washburn, ministro dos Estados Unidos e o único diplomata estrangeiro acreditado no Paraguai” ³²³. Ambos já teriam sido apresentados no Rio de Janeiro em setembro de 1865.

Em viagem pela Argentina, no início do outono de 1868 Burton encontrou com Washburn, (o qual representou os Estados Unidos no Paraguai entre 1861 e 1868). Burton comentou as declarações feitas por Washburn a respeito de Lopez, revelando, inclusive, possíveis atritos entre eles durante o período diplomático.

Bastante mudado fisicamente [Washburn] estava vivendo num estado de excitação nervosa, numa atmosfera de terror e de suspeita felizmente estranhos ao clima de liberdade dos Estados Unidos. Muitas de suas declarações eram as de um homem, que, no fundo, não se poderia considerar responsável por seus atos. Dizia, por exemplo que todos os estrangeiros de Assunção estavam na cadeia e que, sem dúvida, a maioria deles seriam mortos sob o princípio de que “galo morto não canta”. ³²⁴

As informações coletadas por Burton, seja no Paraguai ou mesmo em outros lugares que passou permitem ao viajante concluir que existiram uma série de torturas no Paraguai, por Francisco Solano Lopez, no contexto das batalhas; sejam estrangeiros ou paraguaios, alguns homens foram submetidos ao que o próprio título da XXII carta chama de “atrocidades”. Por fim, “as confissões de homens que foram provavelmente torturados para confessar são tratadas como comunicações confidenciais de criminosos políticos” ³²⁵, conforme exposto nas últimas linhas da referida epístola de Burton.

2.3. O QUE VI DA GUERRA: A PARTICIPAÇÃO BRASILEIRA E OUTRAS DESCRIÇÕES

A visão que Burton tinha do Paraguai era bastante clara desde o prefácio de sua obra. O país guarani era descrito pelo autor numa linguagem depreciativa que pretendia reduzir as características daquele povo. O termo “semibarbarismo” foi usado pelo autor em várias passagens, quando se referiu ao Paraguai, segundo

³²³ Idem p. 350

³²⁴ Idem p. 350

³²⁵ Idem p. 351

Burton “uma obscura nacionalidade devorada, como dizem os cafres³²⁶, por seus vizinhos; uma tirania desmedida cujo único objetivo é a auto-exaltação”.³²⁷

Na carta escrita em 22 de agosto de 1868, Burton comentou a relativa incapacidade militar de Solano López, salientando que, “foi a primeira das muitas ações precipitadas na qual o Marechal-Presidente López desperdiçou suas dedicadas forças”.³²⁸ Em outro trecho, Burton teceu elogios ao que chamou de patriotismo paraguaio que, segundo o autor, ficava evidente especialmente nas conversas que tinha com pessoas ou mesmo nas ocasiões em que as observava; ao mesmo tempo Burton parece lamentar os intentos do conflito.

Indícios ainda frescos da luta de vida e morte jazem espalhados, e tudo falava do forte e veemente espírito de nacionalidade do paraguaio; os miseráveis restos de propriedade pessoal falavam eloquentemente do coração que a pequenina República colocara na luta.³²⁹

Nos relatos de Burton percebemos uma preocupação em descrever minuciosamente os ambientes os quais visitava. Conforme já afirmamos, seu estilo descritivo e a forma erudita com a qual construiu seus textos fizeram de Burton um autor detalhista empenhado em esmiuçar os ambientes e ainda, como afirmava Tiago Gomes de Araújo, “aproveitava a oportunidade para traçar os perfis psicológicos e pessoais de alguns personagens que atuaram na guerra”.³³⁰ Exemplo disso é a descrição feita sobre o assassinato do presidente uruguaio Venâncio Flores.

Explica-se facilmente como tudo aconteceu. O General Flores, ao saber que mais uma revolução estourara ou, segundo outros, ao ser notificado por uma assinatura falsa de D. Pedro Varela, Presidente do Senado, dirigiu-se ao Palácio do Governo acompanhado de três amigos – M. Flangini, ministro de Negócios Estrangeiros. M. Marquez, ministro das Finanças, e o Secretário Errecart. Sabia-se que estava prestes a acontecer um ato de desespero, pois os lojistas tratariam de cerrar suas portas quando a carruagem se aproximou da praça principal. Logo passaria pela esquina da

³²⁶ **Cafre** Adj. 2 g. [...] 3. Pessoa rude, bárbara, ignorante. FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Dicionário da Língua Portuguesa*. 2ª ed., revista e ampliada. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986, p. 312.

³²⁷ BURTON. p. 20

³²⁸ BURTON. p. 260

³²⁹ Idem p. 291

³³⁰ ARAÚJO. Tiago Gomes. *Ao Sr. “Z” Burton e as Cartas dos Campos de Batalha do Paraguai*. *Historiae*, Rio Grande, 5 (1): 74-97, 2014.

Calle Juncal com a Calle del Rincón, onde uma casa estava sendo construída. Foi então que montões de entulho obstruíram a passagem, segundo alguns, despejados por caçambas para deter o veículo. De repente, um grupo de pessoas, em número incerto de doze, oito ou quatro homens, saiu correndo das casas vizinhas e, evidentemente agindo em combinação, começaram a disparar tiros de pistola. O cocheiro e um dos cavalos foram atingidos, o que teve efeito de virar a carruagem. O General Flores puxou o revólver ao tentar-se defender, mas foi morto antes que pudesse usá-lo, com um tiro na boca e onze punhaladas. Seus amigos ficaram levemente feridos. Vinte ou trinta tiros foram disparados e os assassinos fugiram.³³¹

Outro personagem que mereceu a análise do viajante foi Bartolomeu Mitre, presidente argentino à época da Guerra; era também “comandante-em-chefe das tropas aliadas em guerra contra o Paraguai, cláusula e função militar prevista por ocasião da assinatura do Tratado da Tríplice Aliança em maio de 1865”.³³² Mesmo com certa admiração, Burton teceu duras críticas ao referido governante, apontando inclusive para uma postura de imoralidade política e egoísta de Mitre.

A admiração pelo General Mitre não me deixa cego ao fato de que sua carreira mais recente traz a mancha de uma profunda imoralidade política por ter causado, por razões partidárias, e, mais ainda, por interesses pessoais e egoísticos, uma aliança militar cujo resultado é uma guerra desastrosa e nada honrosa.³³³

Outro personagem do conflito que teve seu perfil comportamental e político definido por Burton, foi José Justo Urquiza, “presidente da província argentina de Entre-Rios, e defensor político da tese do federalismo portenho em detrimento da tentativa unitarista defendida pelo presidente Mitre”.³³⁴

D. Justo, após certificar-se prudentemente com nosso introdutor de que não era eu um “traidor”, tratou de sentar-se aí e manter conosco, en tête-à-tête, uma conversa em espanhol, a única língua que ele fala. Parte da conversa pode ser repetida aqui. O General declarou abertamente que, se o Marechal-Presidente López não tivesse invadido Corrientes, que ele considerava como parte de sua Mesopotâmia, tê-lo ia ajudado com 15 000 homens contra os macacos. É esse o vocabulário popular que se aplica aqui aos brasileiros, da mesma forma como seus próprios tupis conheciam os negros por “macacos da terra” e não das árvores.³³⁵

³³¹ BURTON. Op. Cit

³³² ARAÚJO. Op. Cit. p. 82

³³³ BURTON. Op. Cit. p. 157

³³⁴ ARAÚJO. Op. Cit. p. 82

³³⁵ BURTON. Op. Cit. p. 185

De certa maneira as opiniões que Burton construiu sobre Bartolomeu Mitre e José Justo Urquiza, contrastam com os elogios construídos sobre o General Osório. A descrição sobre este General confirma a predileção em relação aos brasileiros, ainda que Burton jamais tenha se privado em declarar a simpatia que tinha pelo Brasil. Osório é tratado como um sujeito imponente, respeitado pelo seu povo, em especial seus comandados. Burton destaca que “depois de ver tantos oficiais meio apaisanados, foi um prazer ouvir seu cumprimento militar, ‘Entre cavalheiro’, e a cordialidade de suas maneiras fez-me gostar dele imediatamente”.³³⁶ No trecho seguinte, Burton completa:

É um homem robusto e imponente, de seus cinquenta a cinquenta e dois anos, com o porte do gentil-homem rio grandense. Apesar da barba e dos cabelos grisalhos, seu olhar é jovial e brilhante. E feições puras e elegantes transmitem a mais franca e afável das expressões. É ele único general universalmente amado e respeitado tanto pelos argentinos quanto pelos brasileiros, e diz-que tal popularidade tem despertado o ciúme de seu chefe – o nome do General Osório não aparece nos boletins como merece aparecer.³³⁷

Já no caso do Duque de Caxias, Burton já não se mostra tão simpático, inclusive constrói algumas críticas, principalmente no que diz respeito à longevidade do conflito, apontando sua lentidão quanto aos movimentos militares e inclusive acusa-o de ser um sujeito arrogante e prepotente que deseja reservar todas as glórias para si. No trecho a seguir percebe-se claramente a opinião de Burton:

O Marechal Caxias tem sido acusado de ser excessivamente lento em seus movimentos militares. Mas seus amigos respondem que, embora lento, ele é seguro e nunca deixou de alcançar sucesso a longo prazo. Também é acusado de grande arrogância e de odiar estrangeiros. Sua entorpecedora mediocridade decorre do desejo que sente de reservar para si toda a glória.³³⁸

Ao contrário das desconfianças e das críticas feitas à Caxias acerca do comando bélico Burton via na nomeação do Conde d'Eu “um fator de esperança para o desejado fim do conflito, tecendo elogios à pretensa boa vontade do genro de D. Pedro II em assumir aquela missão”.³³⁹

³³⁶ Idem p. 329

³³⁷ Idem p. 329

³³⁸ Idem p. 323

³³⁹ ARAÚJO. Op. Cit. p. 83-84

Sua Alteza Imperial o Conde d'Eu, com aquele devotamento aos interesses de seu país de adoção que sempre lhe caracterizou a carreira, prontificou-se voluntariamente a prestar serviços como comandante-em-chefe de todas as forças brasileiras operando na República do Paraguai. E esses serviços foram aceitos no dia 22 de março de 1869. Comentava-se popularmente no Brasil que só Sua Majestade e o povo o apoiavam em meio a todas as dificuldades, a política da guerra, enquanto os conservadores que formavam o Governo demonstravam sinais de querer uma paz honrosa. Muitos acreditavam, portanto, que o valente, simpático e jovem príncipe, ainda com vinte e sete anos, fosse vítima de política e fadado a fracassar. Previam-lhe uma recepção entusiástica – banquete com discursos, brindes e promessas a mancheias; muita pressa, muita azáfama e confusão; um movimento mais circular do que progressivo; e por fim, saúde comprometida e a resignação. O marido da Princesa Imperial, contudo, aceitou com resignação a tarefa de acelerar a luta, na qual estava virtualmente empenhado, e nisso perseverou de ânimo forte e com toda a energia de sua casa ³⁴⁰.

O viajante Burton não fez questão de esconder as opiniões depreciativas que sobre os paraguaios; ele reconheceu o destemor com que lutavam os soldados paraguaios e a vontade indomável do líder Francisco Solano Lopez. Em contrapartida, a simpatia pelo Brasil é algo perceptível logo nas primeiras páginas de sua obra. A causa brasileira na Guerra foi vista pelo autor como pertinente e justa, enquanto a participação paraguaia foi interpretada como uma ação tirânica de um ditador de caráter ambicioso.

A guerra, que ainda devasta aquele pequeno teatro de operações, é um espetáculo que deveria apelar ao sentimento de solidariedade e à imaginação do homem. Raras vezes uma tragédia teria sido mais impressionante aos olhos do mundo. E essa luta tão acirrada tem-se mantido por um período longo demais, contra todas as esperanças e à beira do aniquilamento racial. Com tenacidade canina e heroísmo semi compulsivo, essa Esparta crioula tem defendido seu único ponto vulnerável – o curso do rio que corre de norte a sul e que forma sua fronteira ocidental – com obstinação de propósito, bravura selvagem e um persistente destemor, raros nos anais da humanidade. ³⁴¹

Sobre o Brasil, Burton construiu elogios patentes; em seus relatos não percebemos críticas ao Império brasileiro, ao contrário dos seus vizinhos. Burton esclarece nas seguintes palavras: “minhas simpatias vão ao Brasil, pelo menos enquanto sua missão for desaferrolhar, literalmente e não livremente, o grande Mississipi do Sul” ³⁴². Ao se referir ao conflito, o autor não hesitava em anunciar o cenário como sendo o de civilização *versus* barbárie.

³⁴⁰ BURTON. Op. Cit. p. 399

³⁴¹ Idem p. 20

³⁴² Idem p. 21

A chegada do viajante à capital uruguaia também foi um episódio marcante para o viajante e que lhe causou admiração: “sabemos que chegamos ao nosso destino; e uma pessoa de formação clássica, com ares clássicos de tempos passados, exclama: ‘*Montem, Video!*’”³⁴³

Logo este pequenino Uruguai – a verdadeira chave para o vasto e rico vale platino – que pertence geográfica, senão politicamente, ao Brasil; que por duas vezes foi ocupado pelo Império e que indiretamente provocou a presente guerra, chegará a seu destino óbvio³⁴⁴.

Ao se referir a uma das motivações que desencadeou o conflito bélico no Prata, Burton afirma que a invasão brasileira ao território uruguaio, de certa maneira, aguçou os ânimos, principalmente do presidente Solano Lopez, que temia o desequilíbrio de forças na região do Prata e, por consequência, o desenvolvimento de interesses imperialistas naquela região.

Quanto à tomada da cidade uruguaia de Paissandu, “o sítio de vinte e oito dias terminou ao cabo de cinquenta e duas horas de tremendo fogo, e Paissandu caiu às 7 horas da manhã do dia dois de janeiro de 1865”.³⁴⁵ Além dessa situação referente aos uriguaio, Burton comentou a organização bélica argentina, em escritos datados em 24 de agosto de 1868.

Os argentinos deslocam-se com facilidade: é pequeno seu serviço de intendência e peles rústicas tomam o lugar das belas barracas brasileiras. Uma mudança de acampamento é necessária periodicamente, pois o terreno logo fica extremamente sujo. Os homens carregavam, além de munição, armas e equipamento, estacas para apoiar suas esteiras e peles, carne, cadeiras, mesas e tiro curto para fazer fogueiras. Eram acompanhados por mulheres a cavalo ou a pé, a horrenda borra da civilização, e por carroças, cujos raios das rodas eram amarradas com couro, que transportavam montões de “pilhagem” doméstica. Sendo mal pagos e muitas vezes não pagos de forma alguma, os homens precisam saquear para sobreviver. Como é de se esperar numa força desse tipo, não há nenhum ardor pela causa e esprit de corps é coisa que não existe. Como veremos, eles nem sequer se dão ao trabalho de enterrar seus mortos. Só são mantidos em ordem pela corte marcial e pelo pelotão pronto a entrar em ação à primeira advertência.³⁴⁶

Segundo Araújo, “em suas viagens realizadas aos campos de batalha nos anos de 1868 e 1869, Burton descrevia as peculiaridades geográficas dos espaços

³⁴³ Idem p. 98

³⁴⁴ Idem p. 128

³⁴⁵ Idem p. 193

³⁴⁶ Idem p. 282

bélicos, preocupado em gerar compreensões sobre a intervenção da natureza e do meio ambiente no desenrolar do conflito”.³⁴⁷ É preciso lembrar que essa é uma característica presente nos relatos de Burton, a referência à natureza, misturada aos aspectos militares, num estilo descritivo e erudito é, conforme já afirmamos repetidas vezes, um estilo de sua narrativa literária.

Uruguaiana, uma cidade brasileira de quarta categoria no Alto Uruguai, fez nome durante a Guerra do Paraguai. Aqui reduziu-se a frangalhos o Corps d’Armée do leste, que o Marechal-Presidente López despachara, sob o comando do Coronel Estigarribia, para devastar o vale ribeirinho e efetuar a ligação com a coluna ocidental.³⁴⁸

Mais adiante o viajante ainda completa: “Acabamos de ver duas das quatro posições fluviais – Curuzu, Curupaiti, Humaitá e Angostura – que prestaram bons serviços aos paraguaios. De Cueva a Assunção, de 1865 a 1868, veremos que eles não tinham senão um único plano de defesa”.³⁴⁹

É impressionante a forma como Burton descreveu não apenas o conflito em si, como também os ambientes da guerra, mesmo sem testemunhar os combates. A capacidade descritiva do viajante é algo raramente visto. Burton “relembrou a importância da retomada de Uruguaiana para os rumos da guerra, registrando também a ausência de elementos defensivos que pudessem de fato defender o território paraguaio”.³⁵⁰

Ao seu estilo Burton detalhou também os procedimentos bélicos da maior derrota aliada na guerra. Na visão de Araújo “os elementos cotidianos são reforçados no intuito de apresentar um melhor dimensionamento dos resultados daquela contenda”;³⁵¹ um episódio que forçara os aliados a se reorganizarem e planejarem as estratégias do conflito.

O assalto foi desferido ao meio-dia do dia 22 de setembro e Curupaiti revelou-se, sob o comando do General Díaz e depois do Coronel Alén, um Pei-ho. Em vez de atacar à noite, em chemise, os aliados investiram precipitadamente por um descampado, sob o terrível fogo de schrapnel e metralha, disparado por canhões de oito polegadas à queima-roupa. Os brasileiros sofreram menos, já que atacaram e capturaram uma pequena

³⁴⁷ ARAÚJO. Op. Cit. p. 84

³⁴⁸ BURTON. Op. Cit. p. 199

³⁴⁹ Idem p. 265

³⁵⁰ ARAÚJO. Op. Cit. p. 84

³⁵¹ Idem p. 84

fortificação à direita, que estava parcialmente escondida na mata. Os argentinos lutaram com bravura até as trincheiras, a despeito da lama que chegava aos joelhos, mas logo verificaram que haviam esquecido das escadas. Ao assaltante não restou outra coisa que uma desastrosa retirada, deixando para trás 5000 mortos e feridos, ao passo que os paraguaios não tiveram mais que cinquenta e quatro horas de combate. O desastre encheu os argentinos de ódio e tristeza, fazendo com que os aliados declinassem de novas operações durante os dez meses entre 22 de setembro de 1866 e julho de 1867. Finalmente, Curupaiti, como muitos outros aspectos, foi evacuado pelos defensores, que deixaram simulacros de canhões para enganar os atacantes.³⁵²

Burton se referiu também às estratégias e as logísticas armamentícias utilizadas pelos países beligerantes, salientando que “até mesmo nos dias de paz os paraguaios se preparavam para um ataque ao longo do curso de seu rio, movidos pela ideia de que os aliados acabariam caindo na armadilha que lhes fora preparada”.³⁵³ O viajante também chama a atenção para a defasagem do material bélico, afirmando que “o armamento heterogêneo dos paraguaios constituía um espetáculo curioso; ser morto por geringonças tão bárbaras acrescentava uma outra picada à picada da morte”.³⁵⁴

A posição paraguaia de Humaitá surpreendeu o viajante. Os comentários por ele colhidos a esse respeito foram comentados por Tiago Gomes de Araújo: “após o revés de Curupaiti houve, entre os aliados, discordâncias quanto a passagem do trecho de rio defendido por aquela fortaleza”.³⁵⁵ Ao visitar as ruínas da cidade de Humaitá o viajante fez questão de minimizar o poderio militar daquela localidade. O próprio Burton afirma o seguinte: “cheguei à conclusão de que Humaitá foi um monstruoso engodo e que, com o restante do público, eu fora induzido a acreditar que o ponto mais fraco da campanha paraguaia era o mais forte”.³⁵⁶

Em vários momentos de suas narrativas Burton pretendeu apresentar os encaminhamentos estratégicos e militares dos campos de batalhas. Na carta escrita em 10 de abril de 1869, o viajante “se ocupou em mostrar o conjunto de batalhas que ficou conhecido como ‘dezembrada’, e que obrigou Solano López a proceder uma intensa interiorização do restante de seu exército”.³⁵⁷

³⁵² BURTON. Op. Cit. p. 265

³⁵³ Idem 258

³⁵⁴ Idem p. 279

³⁵⁵ ARAÚJO. Op. Cit. p. 85

³⁵⁶ BURTON. Op. Cit. p. 74

³⁵⁷ ARAÚJO. Op. Cit. p. 86

A navegabilidade fluvial bem como a atuação da Marinha Imperial, foi observada por Burton: “o Paraná exerce, então, o efeito de represar o Paraguai e as enchentes de 1868-69 afetaram materialmente as operações de guerra dos aliados”.

358

No momento, a esquadra brasileira que se encontra no Rio Paraguai consiste num total de 39 quilhas e 186 canhões. Dez são couraçados com baterias blindadas, alguns com costados de madeira, e outros com balaústres e correntes. São seis os monitores, com três ainda em construção; na verdade, cada província será representada por um deles. O restante consiste de onze canhoneiras, sete vapores, uma corveta, dois brigues lança-torpedo, uma escuna e um brigue. A frota deverá ser aumentada com quatro novas canhoneiras vindas da Europa.³⁵⁹

Acerca das más condições de vida e sobrevivência nos campos de batalha Burton enfatizou por repetidas vezes, as condições desumanas a que os soldados eram submetidos. Na carta datada em 27 de agosto de 1868, Burton analisou a ação do tempo natural sobre a vida das pessoas, em especial, os combatentes. Em sua epístola lê-se o seguinte: “Ainda dobrando a sudeste, desfrutei pela primeira vez no hemisfério sul de um bom galope sobre gramados frescos, macios e primaveris. Aqui e ali viam-se solanos, aqui chamados de cepa de callo e cogumelos riscados de vermelho”³⁶⁰ que segundo Burton as pessoas denominam “carne de sapo”. Na sequência da mesma carta, o viajante acrescenta: “Em certos lugares havia poças, que o terreno argiloso retém por muito tempo. Os atoleiros, que no Brasil desaparecem depois do terceiro dia, aqui perduram por uma quinzena; o resultado é muito lamaçal ou um charco desagradável”.³⁶¹

Ainda sobre as más condições dos combatentes, Burton referiu-se ao estado sanitário das tropas; os combatentes eram expostos a uma série de doenças e enfermidades, cujo tratamento era igualmente precário. Burton se preocupou em descrever as condições das vítimas dessas epidemias e apresentar o estado lastimável em que as pessoas por vezes agonizavam diante do acometimento à doenças: “me garantiu que os brasileiros perderam de cólera, num único dia, quatrocentos homens”.³⁶²

³⁵⁸ BURTON. Op. Cit. p. 222

³⁵⁹ Idem p. 296

³⁶⁰ Idem p. 302

³⁶¹ Idem p. 302

³⁶² Idem p. 324

Prestara serviços heróicos durante a terrível epidemia de cólera que devastou Rosário de março a maio de 1867, e de dezembro e fevereiro de 1867-68. Num único mês (abril), 492 vítimas foram enterradas no fundo da igreja. A maioria das pessoas fugia dos doentes e até dos que sofriam da benigna colerina – uma epidemia que as visita quase anualmente na época de calor intenso e das chuvas de outono. Meu colega contou com a eficiente ajuda das irmãs de caridade, com sua habitual dedicação à causa da humanidade sofredora, e de Mrs Hutchinson que, como ele próprio, não escapou incólume. Mas ele foi alvo, então, de um covarde ataque na forma de caricatura. Os médicos locais, que com tratamento de sangria mandaram inúmeras pessoas para a sepultura, compraziam-se em jogar lama num colega que curou muitos e muitos pacientes com clorofórmio, clorodina e com massagens de conhaque e solução de terebintina.³⁶³

Para Burton a guerra era repleta de desumanidades, por isso o seu fim deveria ser imediato. A desumanidade cotidiana da guerra competia para seu imediato fim; num contexto em que a morte aterrorizava a vida das pessoas que passavam ou estavam nos campos de batalhas: “corremos algum risco de tifo mortal, chamada febre amarela, mas realmente resultante da putrefação de cadáveres, não enterrados, de seres humanos e bichos”³⁶⁴, assim afirmou o viajante diante do horror causado pela guerra.

No dia 11 de agosto de 1868 o relato epistolar de Burton apresentou a maneira como os fenômenos da natureza afetaram a vida dos combatentes. O autor comenta que “o pampeiro, que se espalha de sudoeste para sul-sudoeste, quase sempre é mais sentido nos países para onde sopra do que nas regiões onde se forma. É de dois tipos – o limpo e o sujo”.³⁶⁵

O limpo, depois de ameaçar chuva deixa o céu claro e sem nuvens. O minúano reumático é tão cortante quanto o “leste negro” que açoita o litoral em Kent. Os marinheiros se queixam de que o Prata lhes parece, depois que saem do calor relaxante do Rio, o lugar mais inóspito que eles conhecem. Mas proporciona verdadeiro alívio ao calor escaldante e dá uma pausa de frescor revigorante. Frio e consequentemente seco, torna habitável até mesmo uma Buenos Aires com aqueles ares fétidos. O pampero sucio surge de uma linha horizontal de nuvens escuras, como arco do acabrunhante tornado da África ocidental e, na medida em que a cortina se aproxima do zênite, o vendaval com rugido e precipitação se abate sobre o mundo das águas. Provoca trovão quase ao mesmo tempo do relâmpago, não sendo incomum a queda de faíscas. Tais relâmpagos são tão perigosos nos pampas como nas pradarias norte-americanas. Calcula Azara que caem dez vezes mais raios no Paraguai do que na Espanha. E, estando no mar não falo de poeira. A chuva começa “cuspidos uns vinténs” de pingos e acaba aos cântaros. À noite o vento forte adormece, mas às vezes se

³⁶³ Idem p. 217

³⁶⁴ Idem p. 217

³⁶⁵ Idem p. 124

enfurece por dois ou mesmo três dias, fazendo terrivelmente e desagradável até que pare de soprar.³⁶⁶

Na epístola datada de 14 de agosto de 1868, Burton produziu comentários acerca da natureza da região platina, de maneira a mostrar ao leitor como foi a sua experiência nas suas andanças. Sua narrativa nos permite perceber também que o viajante não apenas aborda os fatores e as consequências beligerantes, mas frequentemente costumou tecer observações sobre a geografia, o clima, a natureza, a população, entre outros aspectos.

Fiz duas rápidas visitas a Montevideu. Na primeira, no dia 13 de agosto de 1868, por volta das 10 horas da noite irrompeu uma terrível tempestade com trovões, relâmpagos, vento e chuva, até que parecessem secar as comportas lá do alto. Os habitantes a compararam com o grande furacão do dia de São José em março de 1866, e em Buenos Aires cerca de trinta pessoas morreram afogadas. Não muito depois, o correio nos trouxe a informação daquele terremoto, talvez o mais catastrófico que a história registra. Tendo começado entre 5 e 6 horas da tarde, devastou a costa ocidental da América do Sul e o interior do Peru e do Equador. Como sempre acontece, os efeitos da onda atmosférica excederam a onda líquida, e até bem mais sérios do que esta foram os efeitos da onda sísmica. Pelo restante do ano e parte de 1869, tanto em Buenos Aires quanto em Montevideu – para não mencionar outras cidades – fez frio, calor e tempo chuvoso, uma instabilidade de clima como há dez anos os cidadãos não se recordam de ter acontecido. Foi a mesma coisa em agosto de 1868, quando um terremoto no Havaí foi seguido por uma tempestade, o ar feito vapor, com raios correndo pelo chão. Naquele mesmo ano, em Nápoles, dilúvios de chuvas de verão com trovões e relâmpagos, que se estenderam de abril a setembro, acompanharam a erupção do Vesúvio.³⁶⁷

Em outro trecho o viajante parece tratar o tempo natural como um fator que complicava e dificultava a condição de vida dos combatentes, fatores, estes que pareciam invencíveis segundo o próprio Burton: “parece que o vento está sempre soprando para dentro de nós. E o verão mostra um rio pior do que o inverno. Com raros intervalos, o ar é sempre úmido, sufocante e depressivo”.³⁶⁸

A hidrografia da região do Prata, também mereceu a observação de Burton; a saber, os rios também foram locais de conflito na visão do autor. Na carta datada de 17 de outubro de 1868, o viajante acabou descrevendo a paisagem natural daquele lugar, o que nos permite notar um quadro da hidrografia platina da época. Com certo vislumbre, espanto e admiração o autor descreve:

³⁶⁶ Idem p. 90-91

³⁶⁷ Idem p. 124

³⁶⁸ Idem p. 145

Geográfica e politicamente, o Uruguai é brasileiro, alimentado pelas chuvas copiosas do “Império do Cruzeiro do Sul”. Portanto, é razoavelmente doce e salubre, para não dizer claro e limpo – de qualquer forma, o sujo é um sujo limpo. O Paraná, com três quartos de sua extensão sujeitos ao regime das chuvas e um quarto ao regime da neve, carrega em seu bojo lama e sais trazidos dos desertos e dos solos mineralizados dos baixos Andes e, portanto em certas partes suas águas não são potáveis. Ambos são igualmente piscosos, sem obstáculos e mais ricos em madeiras do que o Reno; ambos têm, em média, um fluxo de dois em meio nós por hora, com um poder hidráulico suficiente para fazer qualquer engenheiro sonhar. Em ambos, as curvas se tornam mais agudas na medida em que as encostas se aplainam ou, o que é equivalente, quanto maior o volume da água mais reto é o seu curso.³⁶⁹

Não é pelo fato de Burton admirar a paisagem em certo momento, que o conflito deixa de ser, em sua opinião, um espaço agonizante, hostil, temeroso no qual as vidas humanas são perdidas. Nas palavras do autor “em toda a parte a campanha é considerada uma ‘guerra de negócios’, uma guerra ao tesouro brasileiro, e dizem que são muitos os que ganham dinheiro às custas do soldado infeliz”.³⁷⁰ A vida cotidiana era diariamente assolada pela crueldade do conflito; o autor observou que durante a guerra “tentativas têm sido feitas, para queimar os mortos em montões de 50 a 100 cadáveres dispostos em camadas alternadas com lenha. Mas o troncado negro brasileiro queixa-se de que o inimigo paraguaio é muito magro para pegar fogo”.³⁷¹

Na correspondência de 23 de agosto de 1868, concordamos com Araújo, em relação à percepção das “bases constitutivas das relações sociais cotidianas, ambiente onde os sentimentos humanos se apresentavam em meio à necessidade da luta, como causa merecedora de esforços impensáveis e desmedidos”.³⁷² Na referida missiva, Burton escreve:

Diz-se que uma expedição de cerca de 1200 homens armados com espadas e granadas de mão, sob o comando do Capitão Xenes, depois de muitas farras e festas, foram despachados com presentes de charutos dados por Madame Lynch, que lhes disse “vão-se embora e me tragam de volta meus couraçados”.³⁷³

³⁶⁹ Idem p. 179

³⁷⁰ Idem p. 332

³⁷¹ Idem p. 170

³⁷² ARAÚJO. Op. Cit. p. 91

³⁷³ BURTON. Op. Cit. p. 272

No trecho a seguir, o viajante continua a descrever o que seriam as bases constitutivas das relações sociais cotidianas, ao seu estilo descritivo acerca das condições e peculiaridades vividas nos campos de batalhas do Paraguai.

Numa noite escura como breu eles se lançaram aos remos de quarenta e oito canoas, amarradas aos pares por cordas de dezoito a vinte metros de comprimento, cada qual transportando vinte e cinco homens. Com esse plano eles tinham a abordagem como certa, porém a velocidade da correnteza fez com que muitos ultrapassassem os alvos e fossem parar exatamente no meio da frota. Cerca da metade atingiu o objetivo e saltou a bordo quase imperceptivelmente. As tripulações correram para baixo das escotilhas e para as torres – não antes, no entanto, que uns cinquenta tripulantes foram mortos. Os paraguaios tentaram lançar granadas de mão nas portinholas e correram em busca do local de entrada, como um gato atacando uma ratazana encurralada. O Lima Barros e o Cabral foram praticamente tomados. Mas não tardou que dois couraçados se colocassem ao lado de seus irmãos e varressem os conveses com rajadas de schrapnel e metralha. Nada restou para os sobreviventes paraguaios a não ser se lançarem na água em defesa da vida.³⁷⁴

O viajante não deixou de mencionar o espírito patriótico, por ele registrado nos campos de batalha, mesmo em meio à “peste que se estende por toda a parte , desde Corrientes, onde é pior, até Assunção”.³⁷⁵ Na sequência da mesma missiva, Burton relata:

Ouvi falar de uma pessoa gravemente vitimada por um jigger que se fixara no globo ocular enquanto um rolo de tabaco estava sendo aberto. Havia uma infinidade de curiosidades para os curiosos, esporas de bronze, pás de cavalaria e mosquetes quebrados, restos de selas grosseiras, como as usadas pelos índios dos pampas, e tambores com faixa tricolor trazendo a inscrição: “*República del Paraguay, vencer o morir*”. Uma meretriz paraguaia, magra que nem uma sombra, ainda vagava pelo cenário deserto; quando assobiamos para ela, esquivou-se furtivamente como um escravo fujão ou uma cadela danada.³⁷⁶

Nos relatos do viajante percebemos as dificuldades vivenciadas durante a guerra, principalmente em se tratando do povo paraguaio, nas palavras do viajante, “urubus levantaram-se de carcaças inchadas de gado; cadáveres de paraguaios com cinturões de couro, boiando com o rosto para baixo, subiam e desciam de forma fantasmagórica, à deriva e ao sabor da correnteza”.³⁷⁷ Araújo chama a atenção para o fato de que a luta cotidiana pela sobrevivência “aguçava os

³⁷⁴ Idem p. 272

³⁷⁵ Idem p. 297

³⁷⁶ Idem p. 297

³⁷⁷ Idem p. 344

sentimentos humanos mais animais fazendo-os esquecer e deixar de lado os princípios da compaixão e da fraternidade”.³⁷⁸ O contexto da guerra torna inimigos em aliados ou vice-versa, especialmente por se tratar de um contexto de vulnerabilidade das vidas humanas. Burton fez questão de oferecer ao leitor alguns números: “cerca de 200 defensores paraguaios foram mortos e dois canhões capturados; diz-se que quando o inimigo entrou na cidade, várias mulheres foram encontradas e mortas a tiro”.³⁷⁹ No seguinte trecho Burton descreve que,

O lugar tinha sido antes um hospital paraguaio e praticamente todas as casas traziam o letreiro “enfermaria”. Aqui, como também em Assunção e todas as outras localidades onde havia alguma coisa a ser saqueada, diz-se que os brasileiros cometeram excessos. É possível, entre 13 de novembro de 1865 e 20 de abril de 1868, um total de 2243 escravos foram comprados para o exército. Por outro lado, é certo que vivandeiros e comerciantes bascos e italianos eram os mais perversos e continuavam matando uns aos outros quando passamos. Nossos próprios patrícios também faziam das suas: um deles escapuliu com o sino da igreja e dois outros, tendo retirado de um crucifixo uma imagem de tamanho natural, vestiram-na com uma túnica azul e calças de algodão grosso e, apoiando-a nos braços, saíram andando em direção ao porto, fingindo que se tratava de um companheiro bastante embriagado.³⁸⁰

Longe de pretender elaborar uma conclusão para conflito, Burton considerou a Guerra como sendo sangrenta, insalubre e cruel em suas várias faces. Para o viajante “nenhum paraguaio vivo restou nesta parte do país; o fedor era de carniça, como a Criméia, e a circunvalação só mostrava duas longas linhas de sepulturas”.

381

O viajante não se mostra neutro em relação ao conflito, tanto é que é possível notar que Burton se aproxima do que ficou conhecido como historiografia oficial do conflito, especialmente pelo fato de enaltecer a participação brasileira e produzir elogios a alguns generais do Exército brasileiro da época. Por vezes percebemos certo saudosismo ao mencionar personagens brasileiros e também as causas e motivações da participação do Brasil. Por outro lado a nação paraguaia foi narrada como uma nação inferior, cujo líder Solano Lopez, foi o principal responsável por ambicionar um conflito que levaria o povo guarani à destruição.

³⁷⁸ ARAÚJO. Op. Cit. p. 92

³⁷⁹ BURTON. Op. Cit. p. 314

³⁸⁰ Idem p. 314

³⁸¹ Idem p. 298

A guerra que Burton viu foi um conflito de grandes proporções para as nações platinas, especificamente o Paraguai e os aliados Brasil, Argentina, Uruguai, em que as perdas humanas foram numericamente assustadoras. Porém um conflito desconhecido na Inglaterra do qual não se ouvia falar e também não havia escritos fazendo menção e até mesmo nos arredores da região do Prata as pessoas mal sabiam sobre a guerra, segundo o viajante.

CONCLUSÃO

Na análise de cartas encontramos a subjetividade de quem escreve, as vezes de maneira despretensiosa, em outros casos com objetivos claros, mas que em algum momento representam, e permitem leituras nos interditos e análises a partir dos interstícios. As correspondências nos trazem elementos históricos de grande importância para a análise de um tempo, de um contexto, ou mesmo de um episódio. A historiografia tradicional “preocupada na maioria das vezes em perpetuar condutas consideradas exemplares, porque percebidas nos atos dos grandes homens que transformados em heróis a serviço de governos e grupos, buscaram fama e glória” ³⁸², se encarrega, às vezes de excluir de suas pautas “o reconhecimento das ações não menos importantes dos soldados, dos marinheiros, das mulheres, dos negros; enfim, daqueles que lutaram em favor de uma causa e tiveram suas vozes silenciadas”. ³⁸³

Para Tiago Gomes de Araújo “além da constituição fortemente privada das cartas e correspondências da guerra, existe também sua dimensão social de suas difusões que não podem ser desconsideradas”. ³⁸⁴ Renato Lemos nos permite ainda a seguinte reflexão: “não me conformo com a doutrina de que as peças de correspondência particular são sempre propriedade de quem os escreveu”. ³⁸⁵ Dessa maneira, as cartas de Burton produzidas nos Campos de Batalha do Paraguai não revelam apenas o pensamento e as ideias desse viajante, mas sim trazem à tona as inquietações de pessoas ou grupos que por vezes encontram-se silenciados.

As cartas de Burton exercem certo fascínio principalmente pelo fato desse viajante não ter participado das batalhas, e mesmo assim ter produzido narrativas literárias e representações como se estivesse presenciando os combates. Os embates, as hostilidades produzidas no teatro de operações foram construídas em tom de paixão; os sentimentos foram explicitados, bem como o sentimento a dor, apresentadas ao leitor com um toque de erudição, já que esta era uma grande marca dos relatos desse viajante.

³⁸² ARAÚJO. Op. Cit. p. 76

³⁸³ Idem p. 76

³⁸⁴ Idem p. 77

³⁸⁵ LEMOS, Renato. *Cartas da Guerra: Benjamin Constant na Campanha do Paraguai*. Rio de Janeiro: IPHAN, Museu Casa Benjamin Constant, 1999. P. 11

Burton reforçou repetidas vezes que seu objetivo, ao escrever *Cartas dos Campos de Batalha do Paraguai* era “muito mais em pessoas e costumes, em acontecimentos e política, do que em geografia ou topografia”,³⁸⁶ mas mesmo assim nos legou importantes descrições acerca de várias temáticas relacionadas, direta ou indiretamente, à Guerra; sejam aspectos militares, descrições de indivíduos e personagens ligados à guerra, características geográficas dos lugares visitados, os costumes dos povos, a flora, a fauna, o imaginário, o estado sanitário das tropas, as doenças, além das críticas ou elogios aos generais e combatentes que de certa forma mereceram destaque.

Nas cartas de Burton constam impressões sobre Buenos Aires, Montevideu, Humaitá, Rosário, Gran Chaco e Corrientes, “cidades e regiões que visitou, além de opiniões sobre acontecimentos políticos, apreciações dos acidentes geográficos da região do Prata, seus rios”³⁸⁷. Construiu opiniões e comparações entre as sociedades platina e inglesa, mostrando-se sempre favorável à causa brasileira. Araújo afirma que o viajante Burton “acreditava que o Brasil defendia os interesses dos valores civilizados, exemplificados na figura do imperador D. Pedro II, de quem era admirador e amigo, contra os possíveis desequilíbrios dos agrupamentos políticos e sociais das repúblicas”³⁸⁸ da região platina. Burton não hesitava em ressaltar as pretensas qualidades brasileiras enquanto depreciava sem constrangimentos as nações do Prata.

A atuação brasileira no conflito se revela *Cartas dos Campos de Batalha do Paraguai* como espelho do outro. Ou seja, construímos imagens de nós mesmos por oposição aos paraguaios, argentinos e uruguaios. Como espécie de caleidoscópio, o Brasil na guerra aparece ambientado num cotidiano plural e multifacetado, modificado pela relação dos combatentes com a natureza, pelos sofrimentos vividos diuturnamente, pelo gosto extemporâneo das vitórias diárias, enfim, pelas variadas maneiras como se relacionavam nos campos de batalha. A Guerra Grande, como é nomeado o conflito platino pelos paraguaios, foi mais uma instância histórica onde se inter-relacionaram anseios individuais e coletivos. Nem sempre os desejos de utilização da contenda como elemento agregador de sentimentos patrióticos encontrou absoluto esteio nos campos de batalha.³⁸⁹

³⁸⁶ BURTON. Op. Cit. p. 132

³⁸⁷ ARAÚJO. Op. Cit. p. 93

³⁸⁸ Idem p. 94

³⁸⁹ Idem p. 95

Concordamos com Tiago Gomes de Araújo quando ele trata as correspondências produzidas durante a guerra, como sendo fábrica de memórias, uma vez que “proporcionam uma análise do conflito como uma espécie de movimento orquestrado, de estratégia que pode favorecer a solidariedade e a mobilizações” ³⁹⁰ que por sua vez, se engendram num “processo permanente de eliminação e escolha” tal como afirmou Candau. ³⁹¹

As Cartas escritas nos Campos de Batalha do Paraguai de Richard Francis Burton são de extrema relevância para o estudo das sociedades platinas, especialmente seus conflitos e suas características. A abordagem dessas cartas, além de enriquecer a análise histórica, corrobora para o aperfeiçoamento de atuais reflexões sobre a temática, pois “decisiva para a formação dos Estados nacionais na região platina, as interpretações sobre a Guerra do Paraguai ainda permanecem carentes e ausentes” ³⁹² Algumas delas “exageradamente apaixonadas, imbuídas pelo excesso de sentimento e revanchismo, trazem versões incoerentes e desatualizadas” ³⁹³. Outras historiografias se mostram partidárias e com claras tomadas de posições, com interesses nitidamente marcados.

Por não ser historiador, Burton não se preocupou com a construção de uma historiografia da guerra baseada em procedimentos metodológicos elaborados teoricamente. Era um viajante, aventureiro, que escreveu despretensiosamente narrando e descrevendo os lugares por onde passava. Apesar de percebermos uma significativa simpatia pelo Brasil e duras críticas ao Solano Lopez e à nação paraguaia, o que Burton escreveu ao seu interlocutor “Z” é, sem dúvidas uma fonte histórica inesgotável que pode ser aprofundada em inúmeras análises sobre a natureza, as sociedades, a flora, o fauna, e economia, os conflitos, etc. A obra de Burton colabora para as discussões sobre as causas, o desenrolar e as características da Guerra do Paraguai, sendo uma importante fonte histórica a disposição dos estudiosos sobre o tema.

³⁹⁰ Idem p. 96

³⁹¹ CANDAU, Joël. *Memória e Identidade*. São Paulo: Contexto, 2011. p. 47

³⁹² ARAÚJO. Op. Cit. p. 95

³⁹³ Idem p. 95

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARAÚJO, Tiago Gomes. **Ao Sr. “Z” Burton e as Cartas dos Campos de Batalha do Paraguai.** *Historiae*, Rio Grande, 5 (1): 74-97, 2014.

ARAUJO, Patrícia V. Lopes de. **Viajantes do Século XIX: Uma reflexão sobre as Estéticas do Pitoresco e do Sublime na construção de Representações para o Brasil.** II Encontro de História da Arte – IFCH / Unicamp 2006

BELUZO, Ana Maria. **O Brasil dos viajantes.** (3 vols.) São Paulo / Salvador, Metalivros, Fundação Odebrecht, 1984.

BLOCH, Marc. **Apologia da história ou o ofício do historiador.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.

BRUIT, H. H. **O Imperialismo.** Campinas, Editora da Unicamp, 1986

BURKE, Peter. **A escrita da história: novas perspectivas.** São Paulo: Editora da universidade Estadual Paulista, 1992.

BURTON, Richard Francis. **Cartas dos Campos de Batalha do Paraguai.** Trad. José Lívio Dantas. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército. 1997.

BURTON, RICHARD F. *Letters from the Battlefields of Paraguay.* Tinsley Brothers: London. 1870

_____. **Viagens aos planaltos do Brasil.** (3vols) Tradução de Américo Jacobina Lacombe. São Paulo: Companhia Ed. Nacional, 1983.

_____. **Viagem de Canoa, de Sabará ao Oceano Atlântico.** Tradução de David Jardim Junior. São Paulo: Itatiaia: EDUSP, 1977.

_____. **Viagem do Rio de Janeiro a Morro Velho.** Tradução de David Jardim Junior. São Paulo: Itatiaia: EDUSP, 1976.

_____. *Explorations of the Highlands of Brazil; with a full account of the gold and diamond mines; also, canoeing down 1500 miles of the great river San Francisco, from Sabará to the sea.* London, Tinsley Brothers, 1869, 2 vols.

CANDAU, Joël. **Memória e Identidade.** São Paulo: Contexto, 2011.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da História.** Forense Universitária, 2006.

CHARTIER, Roger. **A história hoje: dúvidas, desafios e propostas.** Estudos históricos. Rio de Janeiro: vol.7, 1994.

_____. **A História Cultural entre práticas e representações.** Col. Memória e sociedade. Trad. Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, p. 13-28.

_____. O mundo como representação. In: _____. **À beira da falésia: a história entre incertezas e inquietude.** Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002, p. 61-80.

CHIAVENATO, Júlio José. **Genocídio americano: a guerra do Paraguai.** São Paulo:

Brasiliense, 1979.

DORATIOTO, Francisco. **Maldita guerra: nova história da Guerra do Paraguai**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

GEBARA, Alexander Lemos de Almeida. **A África de Richard Francis Burton: Antropologia, política e livre-comércio, 1861-1865**. São Paulo: Alameda, 2010.

_____. **A experiência do contato: As descrições populacionais de Richard Francis Burton**. Tese Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Departamento de História, Área de História Social. 2006

_____. **As representações populacionais de Richard Francis Burton - Uma análise do processo de constituição do discurso sobre populações não Européias no Século XIX**. Revista de História, núm. 149, dezembro, 2003, pp. 181-209, Universidade de São Paulo, Brasil. Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=285022858007>

HOBBSBAWM, Eric. **Da Revolução Industrial ao Imperialismo**. Rio de Janeiro, Forense Universitária, 1979

_____. **A Era do Capital: 1848-1875**. São Paulo. Paz e Terra, 2000.

JENKINS, Keith. **A história repensada**. São Paulo: Contexto, 2001.

KOSELLEK, Reinhart. **Futuro Passado: contribuição semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro. Contraponto: Ed. PUC-Rio, 2006.

LEITE, Lilian Moreira. **Livros de Viagem: 1803-1900**. Rio de Janeiro. Editora UFRJ, 1997

LEMONS, Renato. *Cartas da Guerra: Benjamin Constant na Campanha do Paraguai*. Rio de Janeiro: IPHAN, Museu Casa Benjamin Constant, 1999.

MAESTRI, Mário. **A Guerra Contra o Paraguai: História e Historiografia: Da instauração à restauração historiográfica [1871-2002]**. *La Guerra del Paraguay: historiografías, representaciones, contextos* In: Anual del CEL, Buenos Aires, 3-5 de noviembre de 2008, Museo Histórico Nacional, Defensa 1600 Nuevos Mundos.

CARVALHO, José Murilo de & NEVES, Lúcia Maria Bastos Pereira das. **Repensando o Brasil do Oitocentos: cidadania, política e liberdade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

RICE, Edward. **Sir Richard Francis Burton: o agente secreto que fez a peregrinação a Meca, descobriu o Kama Sutra e trouxe As mil e uma noites para o Ocidente**. São Paulo, Cia das Letras, 1991.

SAID, Edward. **Cultura e Imperialismo**. São Paulo. Cia das Letras, 1995.

SQUINELLO, Ana Paula. **A Guerra do Paraguai, essa desconhecida...: ensino, memória e história de um conflito secular**. Campo Grande: UCDB, 2002.

SUSSEKIND, Flora. **O Brasil não é longe daqui: o narrador, a viagem**. São Paulo, Cia das Letras, 1990.

TASSO FRAGOSO. General Augusto. **História da Guerra entre a Tríplice Aliança e o Paraguai**. Rio de Janeiro: Imprensa do Estado-Maior do Exército, 1934-5. (5 vol.)

TAUNAY, Alfredo d' Escagnolle. 1843-1899. **A Retirada da Laguna: episódio da Guerra do Paraguai**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

_____. **Diário do Exército (1869-70)**. Rio de Janeiro: Biblioteca do Exército, 1958.

ANEXOS

ANEXO 01: Acampamento brasileiro em Tuiuti. Foto W. Bate. 1866



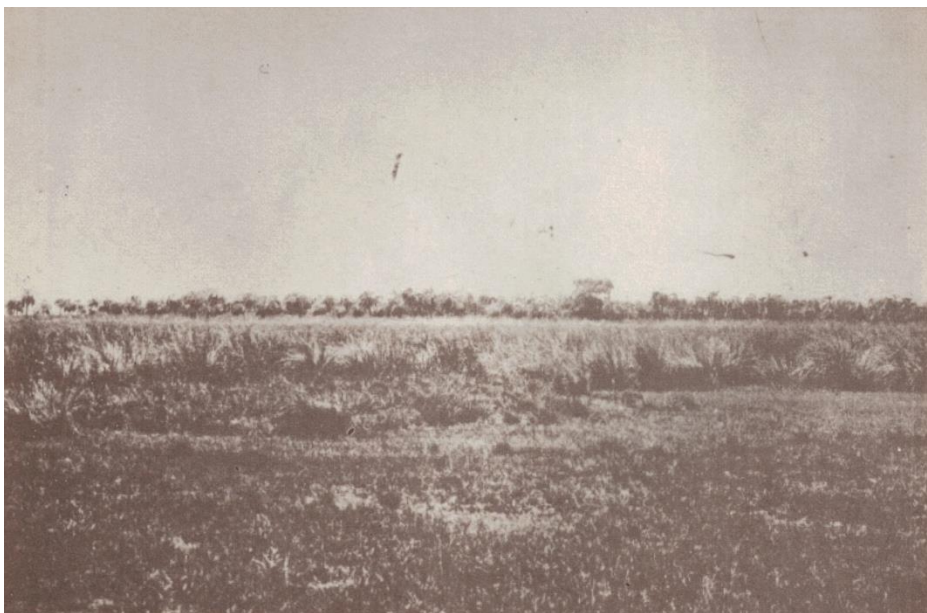
FONTE: BURTON, Richard Francis. *Cartas dos Campos de Batalha do Paraguai*. Rio de Janeiro. Biblioteca do Exército Ed., 1997

ANEXO 02: Acampamento brasileiro em Tuiuti. Foto W. Bate. 1866



FONTE: BURTON, *Richard Francis*. *Cartas dos Campos de Batalha do Paraguai*. Rio de Janeiro. Biblioteca do Exército Ed., 1997

ANEXO 03: Yatuiti. Local onde Bartolomeu Mitre conferenciou com Solano Lopez.
Foto de autor anônimo



FONTE: BURTON, *Richard Francis*. *Cartas dos Campos de Batalha do Paraguai*.
Rio de Janeiro. Biblioteca do Exército Ed., 1997

ANEXO 04: Cerro Corá, antigo acampamento do Marechal Solano Lopez. Foto: M. San Martin



FONTE: BURTON, *Richard Francis*. *Cartas dos Campos de Batalha do Paraguai*. Rio de Janeiro. Biblioteca do Exército Ed., 1997

ANEXO 05: Mitre em seu quartel-general. FoTO: W. Bate, 1866



FONTE: BURTON, *Richard Francis*. *Cartas dos Campos de Batalha do Paraguai*. Rio de Janeiro. Biblioteca do Exército Ed., 1997

ANEXO 06: Mangrullo do Barão do Triunfo. Foto: Carlos Cesar, Uruguai



FONTE: BURTON, *Richard Francis*. *Cartas dos Campos de Batalha do Paraguai*. Rio de Janeiro. Biblioteca do Exército Ed., 1997

ANEXO 07: Cadáveres paraguaios em Potrero de Piris. Foto: W. Bate, 1866



FONTE: BURTON, *Richard Francis*. *Cartas dos Campos de Batalha do Paraguai*. Rio de Janeiro. Biblioteca do Exército Ed., 1997

ANEXO 08: Grupo de prisioneiros paraguaios



FONTE: BURTON, *Richard Francis*. *Cartas dos Campos de Batalha do Paraguai*. Rio de Janeiro. Biblioteca do Exército Ed., 1997

ANEXO 09: Prisioneiros Paraguaio. Foto: W. Bate, 1866



FONTE: BURTON, *Richard Francis*. *Cartas dos Campos de Batalha do Paraguai*. Rio de Janeiro. Biblioteca do Exército Ed., 1997

ANEXO 10: Legião paraguaia comandada por Frederico Guillermo Búez, que lutou contra as forças de Solano López. Autos anônimo, 1866



FONTE: BURTON, *Richard Francis*. *Cartas dos Campos de Batalha do Paraguai*. Rio de Janeiro. Biblioteca do Exército Ed., 1997

ANEXO 11: Posto de comando do Marquês de Caxias em Tuiucuê. Autor anônimo, 1866



FONTE: BURTON, *Richard Francis*. *Cartas dos Campos de Batalha do Paraguai*. Rio de Janeiro. Biblioteca do Exército Ed., 1997

ANEXO 12: Artilharia em posição de tiro na Batalha de Boquerón (18de julho de 1866). Foto: W. Bate, 1866.



FONTE: BURTON, *Richard Francis*. *Cartas dos Campos de Batalha do Paraguai*. Rio de Janeiro. Biblioteca do Exército Ed., 1997

ANEXO 13: Bateria de Boquerón atirando. Foto: W. Bate, 1866



FONTE: BURTON, *Richard Francis*. *Cartas dos Campos de Batalha do Paraguai*. Rio de Janeiro. Biblioteca do Exército Ed., 1997

ANEXO 14: Batalhões de voluntários independentes formado com os remanescentes dos Voluntários da Liberdade em Estero Bellaco (24 de maio de 1866). Foto: W. Bate, 1866.



FONTE: BURTON, *Richard Francis*. *Cartas dos Campos de Batalha do Paraguai*. Rio de Janeiro. Biblioteca do Exército Ed., 1997

ANAXO 15: Depósito de suprimentos brasileiro em Tuiuti. Foto: W. Bate, 1866



FONTE: BURTON, *Richard Francis*. *Cartas dos Campos de Batalha do Paraguai*. Rio de Janeiro. Biblioteca do Exército Ed., 1997

ANEXO 16: Hospital de campanha brasileiro em Tuiuti, vendo-se ao fundo mangrullo argentino. Foto: W. Bate, 1866



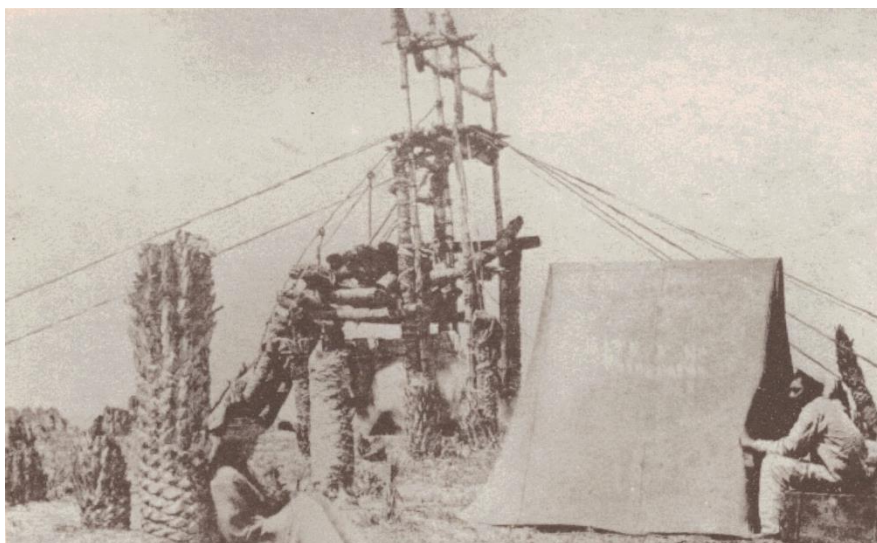
FONTE: BURTON, *Richard Francis*. *Cartas dos Campos de Batalha do Paraguai*. Rio de Janeiro. Biblioteca do Exército Ed., 1997

ANEXO 17: Bateria uruguaia em Tuiuti. Foto: W. Bate, 1866



FONTE: BURTON, *Richard Francis*. *Cartas dos Campos de Batalha do Paraguai*. Rio de Janeiro. Biblioteca do Exército Ed., 1997

Anexo 18: Mangrullo e barraca que abrigava o laboratório dos fotógrafos uruguaios responsáveis pela cobertura da Guerra da Tríplice Aliança. Foto W. Bate, 1866



FONTE: BURTON, *Richard Francis*. *Cartas dos Campos de Batalha do Paraguai*. Rio de Janeiro. Biblioteca do Exército Ed., 1997

ANEXO 19: Postos avançados brasileiros. Foto: W. Bate, 1866



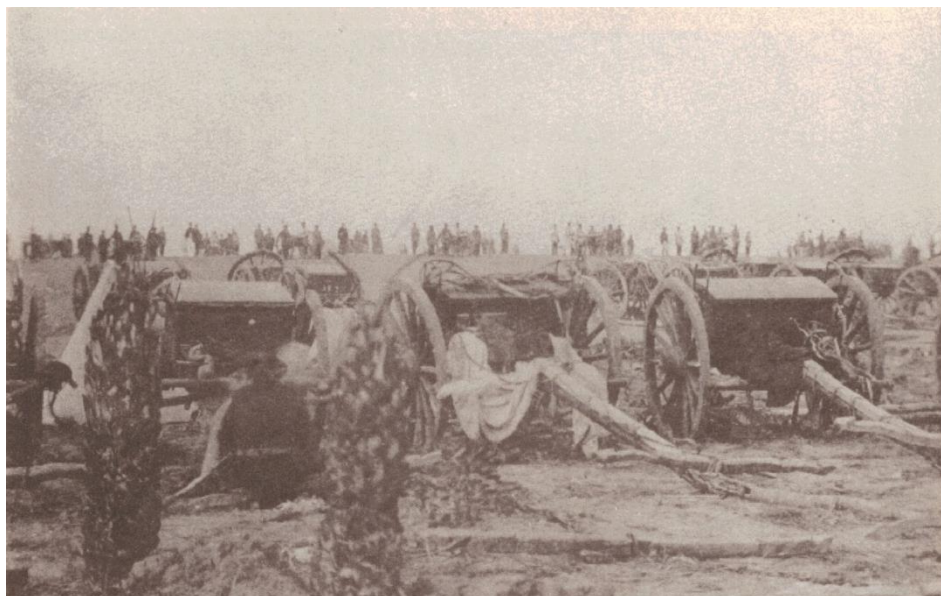
FONTE: BURTON, *Richard Francis*. *Cartas dos Campos de Batalha do Paraguai*. Rio de Janeiro. Biblioteca do Exército Ed., 1997

ANEXO 20: Acampamento aliado. Foto: W. Bate, 1866



FONTE: BURTON, *Richard Francis*. *Cartas dos Campos de Batalha do Paraguai*. Rio de Janeiro. Biblioteca do Exército Ed., 1997

ANEXO 21: Linha de armões e peças da artilharia brasileira em Tuiuti. Foto: W. Bate, 1866



FONTE: BURTON, *Richard Francis*. *Cartas dos Campos de Batalha do Paraguai*. Rio de Janeiro. Biblioteca do Exército Ed., 1997

ANEXO 22: Infantaria de trincheiras em Tuiuti. Foto: W. Bate, 1866



FONTE: BURTON, *Richard Francis*. *Cartas dos Campos de Batalha do Paraguai*. Rio de Janeiro. Biblioteca do Exército Ed., 1997

ANEXO 23: Quartel General de Venâncio Flores em Tuiuti. Foto: W. Bate, 1866.



FONTE: BURTON, *Richard Francis*. *Cartas dos Campos de Batalha do Paraguai*. Rio de Janeiro. Biblioteca do Exército Ed., 1997

ANEXO 24: Campo de Batalha de Tuiuti. Autor anônimo, 1866



FONTE: BURTON, *Richard Francis*. *Cartas dos Campos de Batalha do Paraguai*. Rio de Janeiro. Biblioteca do Exército Ed., 1997

ANEXO 25: Posto telegráfico em Passo da Pátria. Foto: W. Bate, 1866



FONTE: BURTON, *Richard Francis*. *Cartas dos Campos de Batalha do Paraguai*. Rio de Janeiro. Biblioteca do Exército Ed., 1997

ANEXO 26: General Mitre e seu estado-maior. Foto: W. Bate, 1866



FONTE: BURTON, *Richard Francis*. *Cartas dos Campos de Batalha do Paraguai*. Rio de Janeiro. Biblioteca do Exército Ed., 1997

ANEXO 27: General Manoel Luís Osório, que esteve três vezes no Paraguai: Na primeira fase da Guerra comandou o primeiro Corpo de Exército que trouxera de Montevideú; na segunda, o terceiro Corpo, por ele organizado no Rio Grande do Sul e, na terceira, voltou a comandar o primeiro Corpo.



FONTE: BURTON, *Richard Francis*. *Cartas dos Campos de Batalha do Paraguai*. Rio de Janeiro. Biblioteca do Exército Ed., 1997

ANEXO 28: Marquês de Caxias



FONTE: BURTON, *Richard Francis*. *Cartas dos Campos de Batalha do Paraguai*. Rio de Janeiro. Biblioteca do Exército Ed., 1997

ANEXO 29: Conde d'Eu



FONTE: BURTON, *Richard Francis*. *Cartas dos Campos de Batalha do Paraguai*. Rio de Janeiro. Biblioteca do Exército Ed., 1997

ANEXO 30: Bartolomeu Mitre



FONTE: BURTON, *Richard Francis*. *Cartas dos Campos de Batalha do Paraguai*. Rio de Janeiro. Biblioteca do Exército Ed., 1997

ANEXO 31: Venâncio Flores



D. Venâncio Flores, Presidente provisório da República Oriental do Uruguai; comandou o Exército de seu país até 25 de setembro de 1866, quando passou as funções ao Brigadeiro Enrique Castro e retirou-se para Montevidéu.

FONTE: BURTON, *Richard Francis*. *Cartas dos Campos de Batalha do Paraguai*. Rio de Janeiro. Biblioteca do Exército Ed., 1997

ANEXO 32: Imperador D. Pedro II



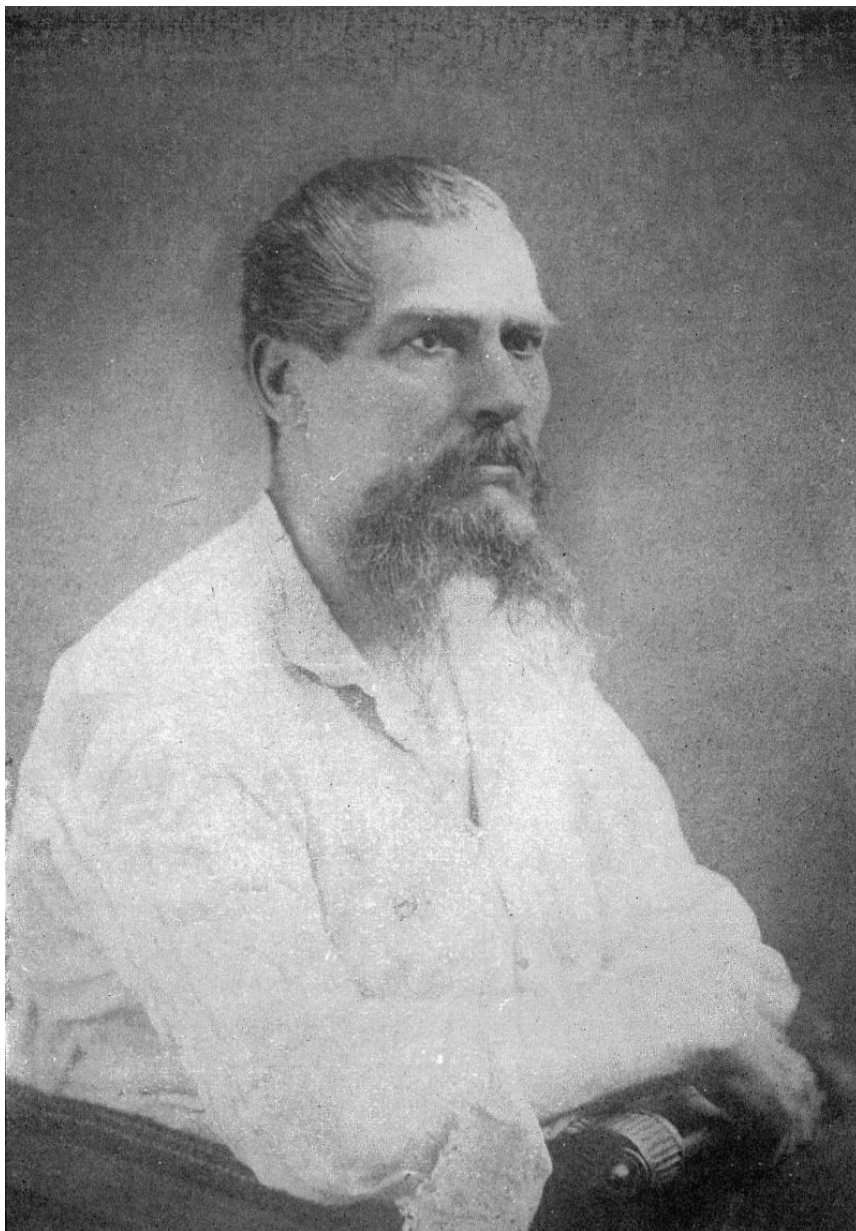
FONTE: BURTON, *Richard Francis*. *Cartas dos Campos de Batalha do Paraguai*. Rio de Janeiro. Biblioteca do Exército Ed., 1997

ANEXO 33: Francisco Solano Lopez



Disponível em: <https://global.britannica.com/biography/Francisco-Solano-Lopez>.
Acessado em 16 de julho e 2016.

ANEXO 34: Sir Richard Francis Burton



Disponível em: <http://burtoniana.org/>. acessado em 16 de julho de 2016